

SÃO JOÃO DA CRUZ

NOITE

ESCURA

DA ALMA

ESTREITA É A PORTA E APERTADO É O CAMINHO DA VIDA,
E RAROS SÃO OS QUE O ENCONTRAM.
EVANGELHO DE SÃO MATEUS 7, 14

Título original

Noche Oscura del Alma

IMPRIMATUR

Dom José Antônio Peruzzo

Arcebispo Metropolitano de Curitiba

Curitiba, 11 de outubro de 2019

NIHIL OBSTAT

Pe. Nilton César Boni, C.M.F.

Censor

Edição: Vítor Fortes

Capa: Rafael Brum

Revisão gramatical: Benedito Costa Neto

Tradução: Antônio Carlos de Souza

Copyright © 2019 Antônio Carlos de Souza

Todos os direitos reservados.

Imagem da capa: *River View by Moonlight*,

Aert van der Neer, Rijks Museum, Amsterdã

Este livro foi escrito por São João da Cruz

para glória de Deus que vive e reina eternamente.

Tradução a partir do texto original publicado em

Obras Espirituales, por el Venerable P. F. Juan de la Cruz,

editadas por Ana de Salinas, viúva de Andrés Sánches

Ezpeleta, em Alcalá de Henares, Espanha, no ano de 1618.

Produzido no Brasil

SÃO JOÃO DA CRUZ

NOITE

ESCURA

DA ALMA

1ª Edição
Curitiba, 2019

Sinopse

O poema *Noite Escura da Alma* e o comentário de seus versos tratam do caminho da perfeita união de amor com Deus, tal como é possível nesta vida, e ainda das extraordinárias peculiaridades da alma que atingiu esse estado de perfeição.

Escrito pelo venerável Padre Frei João da Cruz, primeiro descalço da Ordem Reformada de Nossa Senhora do Carmo e colaborador da Bem-aventurada Madre Santa Teresa de Jesus, fundadora da mesma reforma.

Argumento

Neste livro apresenta-se primeiro o poema completo¹. Em seguida, cada canção será explicada individualmente e assim também cada verso.

Nas duas primeiras canções, são descritos os efeitos das duas purgações espirituais que atingem as partes sensitiva e espiritual do homem. Nas seis canções seguintes, são relatados vários e admiráveis efeitos da iluminação espiritual e da união de amor com Deus.

¹ O poema original consta de oito estrofes, ou “canções”, com cinco versos cada em forma de lira (6a, 10B, 6a, 6b, 10B) e rima consoante. A presente tradução preservou apenas em parte esse esquema, já que foram usados versos livres. (N.T.)

Noite Escura da Alma

1

Em uma noite escura,
Com ânsias, em amores inflamada,
Oh, ditosa ventura!
Saí sem ser notada,
Estando já minha casa sossegada.

2

Às escuras e segura,
Pela secreta escada, disfarçada,
Oh, ditosa ventura!
Às escuras e velada,
Estando já minha casa sossegada.

3

Na noite abençoada,
Saí em segredo, pois ninguém me via,
Nem eu mirava nada,
Sem outra luz nem guia
Senão a que no coração ardia.

4

Essa luz me guiava,
Mais clara que a luz do meio-dia,
Onde me esperava
Quem eu bem sabia,
Num lugar que ninguém conhecia.

5

Oh, noite que me guiaste!
Oh, noite amável, mais que a alvorada!
Oh, noite que juntaste
Amado com amada,
Amada em seu Amado transformada!

6

Em meu seio florido,
Que inteiro só para ele se guardava,
Ali quedou adormecido,
E eu o contentava,
E o abano dos cedros nos refrescava.

7

Da ameia a brisa amena,
Quando já seus cabelos espargia
Com sua mão serena,
Em meu colo feria
E todos os meus sentidos suspendia.

8

Quedei-me e abandonei-me,
O rosto reclinei sobre o Amado.
Tudo cessou, e deixei-me,
Deixando meu cuidado
Entre as açucenas abandonado.

Prólogo

Antes de começar a explicação dessas canções, é preciso dizer que a alma² as compôs quando já tinha chegado à perfeição, isto é, à união de amor com Deus, depois de passar por árduas provações e apuros, mediante o exercício espiritual do caminho estreito da vida eterna mencionado por Nosso Salvador no Evangelho³. Geralmente esse é o caminho que a alma toma para alcançar a sublime e divina união com Deus. Por ser tão estreito, e por serem tão poucos os que vão por ele, como também diz Nosso Senhor, a alma considera grande sorte e

² Alma: palavra frequentemente usada, inclusive no título da obra, significando “pessoa, indivíduo, homem”. (N.T.)

³ Mateus 7, 14.

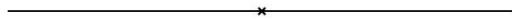
felicidade tê-lo percorrido para ao final obter tamanha perfeição de amor como ela canta na primeira canção. E, com grande acerto, chama de “noite escura” a esse caminho estreito, como se dirá adiante, no comentário dos versos dessa canção.

Assim, a alma canta esses versos feliz por haver seguido por tal caminho estreito donde lhe sobreveio tanto bem.

LIVRO



PRIMEIRO



A NOITE DOS
SENTIDOS

Canção Primeira

*Em uma noite escura,
Com ânsias, em amores inflamada,
Oh, ditosa ventura!
Saí sem ser notada,
Estando já minha casa sossegada.*

Nessa primeira canção, a alma conta como *saiu* de seu apego natural a si mesma e a tudo mais, morrendo para si e para todas as coisas com verdadeira mortificação para viver uma doce e deleitosa vida de amor em Deus. E acrescenta que esse *sair* de si e de todas as coisas deu-se em uma noite escura, aqui entendida como uma contemplação purgativa, que será mais bem explicada depois. Essa contemplação provoca na alma a negação de si mesma e de todas as coisas.

Tal *saída*, diz ela, foi possível graças à força e ao calor que o amor de seu Esposo lhe deu em meio à contemplação escura. Por isso, ela O louva

pela boa sorte que teve de caminhar para Deus através dessa noite, com tão grande sucesso que nenhum dos seus três inimigos – o mundo, o demônio e a carne¹ – que sempre estorvam esse caminho, puderam impedi-la, porquanto a noite de contemplação purificativa enfraqueceu e fez adormecer na *casa* da sua sensualidade² todas as paixões e apetites, servindo-se das inclinações contrárias.

Capítulo 1

Apresenta o primeiro verso e começa a tratar das imperfeições dos principiantes.

Em uma noite escura.

As almas começam a entrar na noite escura quando Deus vai tirando-as do estado de principiantes (o estado dos que meditam no

¹ Concílio de Trento, 6^a Sessão, Decreto sobre a justificação, cap. 13. (N.T.)

² Sensualidade: parte sensitiva e desordenada da natureza humana, também designada como “parte inferior”, no *Livro Primeiro*, cap. 4, e no *Livro Segundo*, cap. 23. (N.T.)

caminho espiritual) para conduzi-las ao estado dos progredidos, isto é, dos contemplativos, para que, avançando ainda mais, cheguem ao estado dos perfeitos, alcançando a divina união com Deus.

Para se entender melhor que noite é essa e por que Deus conduz a alma até ela, será preciso, antes de mais nada, mencionar aqui algumas características dos principiantes. Isso será feito com a brevidade possível. Ainda assim, será útil para que os mesmos principiantes compreendam a vulnerabilidade de seu estado e se animem a pedir a Deus que os guie até tal noite onde a alma se fortalece e se confirma nas virtudes. Só assim poderão desfrutar os inestimáveis deleites do amor de Deus. Entender isso vai nos tomar algum tempo, mas só o estritamente necessário. Em seguida, trataremos da noite escura.

Quando a alma se decide firmemente a servir a Deus, em geral, ele a vai acalentando e nutrindo em espírito, do mesmo modo que uma mãe amorosa cuida de seu filhinho recém-nascido. Aquece-o com o calor de seus seios e nutre-o com seu leite saboroso, esse doce e suave alimento,

enquanto o traz em seus braços e cerca-o de carinho. Porém, à medida que ele cresce, sua mãe vai lhe tirando os mimos. Unta seu terno peito com óleo amargo, desce-o de seus braços e o faz andar com os próprios pés, até que, perdendo os modos de criança, esteja pronto para coisas maiores e mais substanciais.

A graça de Deus faz o mesmo com a alma. Tal como uma mãe amorosa, dá-lhe um renovado fervor de servi-Lo. E, de início, faz com que ela encontre sem nenhum esforço o doce e saboroso leite espiritual em todas as coisas divinas, com grande satisfação nos exercícios espirituais. Aqui Deus lhe dá seu peito de terno amor, como a um recém-nascido³. Por isso, o prazer dessa alma é passar longas horas e até noites inteiras em oração. Seus gostos são as penitências. Seus contentamentos, os jejuns. E suas consolações, acorrer aos sacramentos e aproximar-se das coisas divinas. Tais almas perseveram nessas práticas com grande empenho e obstinação. Entretanto, sob o ponto de vista espiritual, geralmente, fazem tudo isso de maneira muito

³ 1 Pedro 2, 2-3.

débil e imperfeita. Como são atraídas a essas coisas e a esses exercícios espirituais pelo consolo e deleite que aí encontram e como ainda não fortaleceram as virtudes em duros combates espirituais, suas práticas espirituais têm muitas faltas e imperfeições. Afinal, cada um age conforme o grau de perfeição que atingiu. E, como esses ainda não se fortaleceram nas virtudes, por certo, haverão de proceder fracamente como fracas criancinhas.

Para que se veja com mais clareza como esses principiantes carecem de virtudes nos exercícios espirituais que fazem com tanta facilidade, em razão dos gostos que desfrutam, vamos descrever algumas de suas muitas imperfeições, associando-as a cada um dos sete pecados capitais. Assim poderemos ver claramente como suas obras ainda são pueris. Veremos também quantos proveitos lhes traz a noite escura (da qual em breve falaremos), que limpa e purifica a alma de todas essas imperfeições.

Capítulo 2

Algumas imperfeições espirituais dos principiantes relacionadas com a soberba.

Esses principiantes julgam-se muito fervorosos e diligentes em assuntos espirituais e em seus exercícios devotos. Mas, como ainda são imperfeitos, muitas vezes trazem certa soberba oculta, da qual lhes nasce o sentimento de satisfação com suas obras e consigo mesmos (pois ignoram que as coisas santas por si mesmas humilham). Daqui também lhes nasce certa vontade um tanto vã de tratar de assuntos espirituais com outras pessoas. Muitas vezes querem mais ensiná-los do que aprendê-los. E condenam em seu coração aqueles que não seguem o caminho de devoção que supõem ser o melhor. Ainda, às vezes, chegam mesmo a dizê-lo abertamente, assemelhando-se ao fariseu que se jactava louvando a Deus pelas obras que fazia, enquanto menosprezava o publicano⁴.

Muitas vezes, o demônio lhes aumenta o fervor e o desejo de fazer tais obras para que vá

⁴ Lucas 18, 11-12.

crescendo neles a soberba e a presunção. O demônio sabe muito bem que todas as obras e virtudes assim praticadas não somente não lhes valem de nada, mas antes convertem-se em vício. Frequentemente, alguns desses chegam a tanto mal que não desejariam que ninguém mais fosse bom senão eles. E assim, com atitudes e palavras, condenam e maldizem o próximo sempre que têm oportunidade. Reparam o cisco no olho de seu irmão, mas não veem a trave no próprio olho. Coam o mosquito alheio e engolem o próprio camelo⁵.

Querem muito ser estimados e louvados. Por isso, quando seus diretores espirituais (confessores e prelados) reprovam o seu temperamento e modo de proceder, julgam-se incompreendidos. E pensam que eles não têm espiritualidade, já que censuram e desautorizam a sua conduta. Assim, logo saem à procura de outro diretor espiritual que mais lhes agrade. Geralmente, preferem ser orientados por quem se disponha a estimá-los e elogiá-los. E fogem, como da morte, daqueles que os contrariam e

⁵ Mateus 7, 3-5, e 23, 24.

tentam guiá-los no caminho seguro. Às vezes, chegam a tomar-lhes ojeriza.

Por presunção, frequentemente se propõem fazer muito, mas fazem pouco. Em geral, gostam que os outros apreciem sua elevada espiritualidade e suas práticas devocionais. Para isso, dão mostras exteriores de comoção espiritual, com suspiros e outros sinais visíveis. E, às vezes, costumam ter alguns arrebatamentos, mais frequentes em público do que em particular, nos quais os ajuda o demônio. E ficam muito satisfeitos de si quando sua alta espiritualidade é reconhecida por todos, coisa que ambicionam intensamente.

Muitos gostam de receber tratamento especial dos confessores, e daqui lhes nascem mil invejas e inquietações. Têm vergonha de confessar seus pecados francamente, com receio de que seus confessores os tenham em pouca conta. E vão colorindo-os para que não pareçam tão maus, de sorte que sua confissão mais se presta a desculpá-los que a acusá-los. Às vezes, buscam outro confessor para dizer os pecados mais graves, a fim de que o confessor habitual

acredite que não há nada de mal neles, só coisas boas. E assim, contam-lhe apenas o que têm de bom, escolhendo cuidadosamente as palavras, de modo a parecer que são mais virtuosos do que são de fato ou, pelo menos, dar a impressão de que tudo vai bem. No entanto, esses seriam mais humildes, como mostraremos adiante, se apenas acusassem suas culpas, não dizendo nada para conquistar a admiração do confessor ou de quem quer que seja.

Há também os que subestimam as próprias faltas ou se entristecem além da conta ao cair nelas, pensando que já deviam ser santos. Esses irritam-se consigo mesmos com impaciência, outra grande imperfeição. E, muitas vezes, desejam ansiosamente que Deus lhes tire suas faltas e imperfeições. Mais para verem-se livres do aborrecimento que elas lhes trazem do que por amor a Ele. Não percebem que, se o Senhor as tirasse, poderiam ficar ainda mais soberbos.

Detestam elogiar os outros, mas gostam de ser elogiados. Às vezes, procuram avidamente os louvores do mundo, assemelhando-se às virgens

loucas que, tendo suas lamparinas apagadas, buscavam azeite do lado de fora⁶.

Alguns principiantes chegam a ter muitas dessas imperfeições em grau elevadíssimo e erram muito por conta disso. Outros, porém, as têm em graus variados. E há os que só caem em tais erros nos primeiros passos ou logo depois. Poucos principiantes não cometem nenhum desses deslizes no tempo dos primeiros fervores.

No entanto, os que caminham com perfeição desde o começo fazem tudo ao contrário e com uma disposição de espírito muito diferente. Com humildade, progridem e edificam-se muito, não apenas considerando como nada as próprias obras, mas sentindo pouquíssima satisfação de si. A todos os outros consideram muito melhores do que a si mesmos. E costumam sentir uma santa inveja, com vontade de servir a Deus como eles. Quanto mais se afervoram, mais fazem boas obras e tomam gosto delas. E mais entendem que

⁶ Mateus 25, 6-9: os soberbos buscam “do lado de fora”, isto é, no elogio dos homens, o substituto das virtudes que lhes faltam “dentro” de si mesmos. (N.T.)

Deus merece ser servido (já que caminham com humildade) e como é pouco tudo o que fazem por ele. Assim, quanto mais fazem, menos satisfeitos ficam consigo mesmos. Queriam demonstrar o seu amor de tantas maneiras, que tudo o que realizam lhes parece nada. Esse zelo amoroso instiga, absorve e embevece-os tanto que nunca atentam no que os outros fazem ou deixam de fazer. E, se atentam, é crendo que todos são muito melhores do que eles, como disse. Daí que, tendo-se em tão pouca conta, sentem vontade de que todos também os considerem assim, para serem esquecidos e desprezados. Além disso, mesmo que sejam elogiados e estimados, de modo algum podem acreditar, pois lhes soa estranho ouvir coisas boas de si. Esses, com muita mansidão e humildade, têm grande desejo de que lhes ensinem qualquer coisa útil para o seu crescimento espiritual.

Por outro lado, os soberbos preferem tudo ensinar. E, quando alguém tenta lhes explicar algo, tomam a palavra como se já o soubessem.

Mas esses outros, ao contrário, encontram-se muito longe de pretenderem ser mestres de quem

quer que seja. Estão sempre prontos para caminhar e, se preciso, recomeçar por outro caminho diferente, caso lhes mandem, porque nunca pensam que acertam em nada. Gostam de ver os outros sendo elogiados. E se afligem ao constatar que não servem a Deus como eles. Não têm vontade de falar de suas coisas, porque consideram-nas tão irrelevantes que sentem vergonha de contá-las, até mesmo aos seus diretores espirituais, pensando que não há nada que mereça ser dito. Preferem mostrar suas faltas e pecados para que sejam conhecidos. E assim se inclinam mais a falar de sua alma com quem dá menos valor a suas obras e virtudes. É atitude própria de espíritos simples, puros, verdadeiros e muito agradáveis a Deus. Como o espírito de sabedoria divina mora nessas almas humildes, sem demora anima-as a guardar em segredo os seus tesouros e a deixar do lado de fora os seus males para que todos os vejam. Porque Deus dá essa graça aos humildes, junto com as demais virtudes, mas nega-a aos soberbos⁷.

⁷ Provérbios 3, 34.

Esses darão o sangue do seu coração a quem serve a Deus e o ajudarão, na medida de suas forças, a servi-lo. Suportam as próprias imperfeições e quedas com humildade, brandura de espírito e amoroso temor de Deus enquanto esperam n'Ele. Contudo, as almas que caminham desde o início com tal perfeição são minoria, pouquíssimas mesmo. Sendo assim, já nos alegraríamos se não caíssemos nos erros contrários. É por isso que Deus põe na noite escura aquelas que deseja purificar de todas essas imperfeições, como diremos depois.

Capítulo 3

Imperfeições que alguns principiantes geralmente têm acerca do segundo pecado capital, a avareza, aqui entendida no sentido espiritual.

Muitos principiantes também costumam ter grande avareza espiritual, pois só sossegam quando recebem graças de Deus. E ficam muito desconsolados e queixosos quando não encontram nas coisas espirituais as consolações que desejam. Muitos nunca se fartam de ouvir conselhos e ensinamentos

espirituais. Estão sempre comprando e lendo muitos livros que tratam desses assuntos. Ocupam-se mais disso do que em exercitarem-se na mortificação e aperfeiçoamento da pobreza interior de espírito, como deveriam. Além disso, cercam-se de imagens e crucifixos muito caros e elaborados. E logo que escolhem uns, encantam-se por outros. Mal trocam, já destrocam. Hoje querem-nos deste jeito, amanhã daquele outro. Gostam deste por ser mais belo ou mais valioso que aquele. Outros colecionam ágnus-deis, relíquias e santinhos, como crianças com seus brinquedos.

Nesses eu condeno a tendência do coração para se apegar à qualidade, à quantidade e à novidade dessas coisas. Pois tudo isso é muito contrário à pobreza de espírito que busca somente a essência da devoção, servindo-se apenas daquilo que é indispensável para cultivá-la, sem perder tempo à caça de objetos caros e requintados. Pois a verdadeira devoção há de sair do coração e mirar apenas a verdade e a essência daquilo que as coisas espirituais representam. Tudo mais é apego fútil e sinal de imperfeição.

Para se chegar ao estado de perfeição, é necessário pôr fim a tais apetites.

Eu conheci uma pessoa que, por mais de dez anos, usou uma cruz feita toscamente de um graveto bento preso por um alfinete retorcido. E nunca a deixava, mas a trazia consigo até que eu a tomei. E não era pessoa de pouca razão e entendimento. Também vi outra que rezava num rosário cujas contas eram feitas com espinha de peixe. E nem por isso sua devoção tinha menos valor diante de Deus. Vê-se claramente que a fé de tais pessoas não se apoia na beleza ou no valor material desses objetos.

Os que vão bem encaminhados desde o começo, não se apegam a coisas visíveis nem colocam sua confiança nelas. E não procuram saber mais do que é necessário para produzir boas obras. Só cuidam de estar bem com Deus e agradá-lo. É nisso que põem toda a sua ambição. E, com grande generosidade, dão tudo o que têm. Seu prazer é abrir mão de tudo por Deus e por caridade com o próximo, deixando que essa virtude oriente tudo o que fazem. Porque, como sempre digo, só querem trilhar os caminhos da

perfeição, agradando a Deus, e não a si mesmos, em nada.

Porém, a alma não pode purificar-se completamente dessas imperfeições e tampouco das outras que porventura tenha, até que Deus a coloque na purgação passiva da noite escura, da qual logo trataremos⁸. Mas convém que ela procure fazer de sua parte todo o possível para purgar-se e aperfeiçoar-se, a fim de merecer que Deus lhe dê a graça daquela divina cura, por meio da qual ele corrige tudo o que a alma não consegue remediar. Por mais que se ajude, ela não pode purificar-se ativamente, isto é, por suas próprias forças, de modo a tornar-se digna de receber nem mesmo a menor parcela da divina união de perfeição de amor com Deus. Cabe a Deus tomar a iniciativa de purgá-la com aquele fogo escuro, como diremos depois.

⁸ Na purgação passiva, a alma não faz nada. Apenas consente de livre vontade que Deus opere nela, como se extrai de *A Subida do Monte Carmelo*, cap. 13, 1. (N.T.)

Capítulo 4

Outras imperfeições que os principiantes costumam ter acerca do terceiro vício, o da luxúria, entendida aqui no sentido espiritual.

Entre esses principiantes, há muitos que têm outras imperfeições além daquelas que estou apontando acerca de cada pecado capital. Mas, para não me alongar, deixo de mencioná-las. Só vou tratar brevemente de algumas das mais importantes, que são como que origem e causa das outras.

Quanto ao vício da luxúria, muitas almas têm variadas imperfeições que poderíamos chamar de luxúria espiritual, não porque sejam luxúria propriamente, mas porque nascem de coisas espirituais. (Não vou tratar aqui de como se cai nesse pecado, já que o meu objetivo é falar das imperfeições que serão purgadas na noite escura.)

Muitas vezes, sem que se possa evitar, irrompem certos ímpetos sensuais impuros, inclusive durante os exercícios espirituais. Por vezes, até mesmo quando o espírito está em

profunda oração ou quando são-lhe ministrados os sacramentos da Penitência ou da Eucaristia. Tais ímpetos são involuntários e têm sempre uma destas três causas:

A primeira é o deleite que a nossa natureza humana sente nas coisas espirituais (embora isso aconteça poucas vezes e apenas a pessoas de constituição fraca). Como o espírito e os sentidos⁹ experimentam juntos esse contentamento, cada um desfruta à sua maneira a parte que lhe cabe. Enquanto o espírito (que é a parte superior) regozija-se nos gostos de Deus, a sensualidade (a porção inferior) entrega-se ao deleite sensual, porque não é capaz de se regozijar de outro jeito.

⁹ Alude aos sentidos corporais. Em *Subida do Monte Carmelo*, Livro 2, cap. 12, §§ 2 e 3, São João da Cruz explica que os sentidos corporais se dividem em internos e externos. Internos são imaginação e fantasia: “O primeiro discorre imaginando, enquanto o segundo forma a imagem ou coisa imaginada”. No cap. 16, § 2, da mesma obra, acrescenta que “a fantasia, juntamente com a memória, é como que um arquivo e receptáculo do entendimento, onde se conservam todas as imagens e formas inteligíveis”. Como se sabe, os sentidos externos são olfato, paladar, visão, audição e tato. (N.T.)

Assim acontece de a alma estar em oração com Deus, pelo espírito, e, ao mesmo tempo, ver seus sentidos serem involuntariamente assaltados por rebeliões e ímpetos sensuais, com grande contrariedade sua. Isso acontece porque as porções superior e inferior constituem, enfim, uma só pessoa e geralmente uma participa daquilo que a outra recebe. Mas cada qual a seu modo, pois, como diz o filósofo, qualquer líquido depositado num recipiente assume a forma desse mesmo recipiente. E assim, nos princípios, e mesmo quando a alma vai já adiantada, a sensualidade, que ainda está imperfeita, às vezes participa imperfeitamente dos gostos espirituais.

Porém, quando a parte sensitiva já está reformada pela purgação da noite escura de que falaremos adiante, não tem mais essas fraquezas. Porque recebe o Espírito divino tão abundantemente que mais parece que é ela recebida nesse mesmo Espírito, e não o contrário. E assim, experimenta tudo ao modo do Espírito por uma maneira admirável, participando unida com Deus.

A segunda causa dessas rebeliões é o demônio, que estimula esses ímpetos torpes para inquietar e perturbar a alma enquanto ela busca ou mesmo quando já está em oração. E faz-lhe grande mal se a alma cede um pouquinho que seja. Não só por conta do medo de sucumbir diante de tais ímpetos que a obriga a combatê-los e descuidar-se da oração (que é o que o diabo pretende). Mas também porque algumas abandonam de vez a oração, acreditando que os maus pensamentos aumentam durante esse exercício. E, de fato, isso é verdade, pois o demônio inspira-lhes mais pensamentos impuros durante a oração para forçá-las a abandonar esse exercício espiritual. Mas não só isso, ele chega a apresentar-lhes coisas muito feias e torpes com grande realismo, às vezes em meio às suas devoções espirituais ou quando estão em companhia de pessoas que edificam suas almas. Faz isso para amedrontá-las e acovardá-las. Quem dá atenção a tais ímpetos acaba sem coragem de olhar para mais nada nem atentar ao que quer que seja, porque logo tropeça de um

jeito ou de outro. Os que sofrem de melancolia¹⁰ são particularmente afligidos, com tamanha intensidade e eficácia que dá pena ver. Geralmente os melancólicos não se livram desses ímpetos até que se curem dessa má disposição de seu temperamento, entrando na noite escura da alma, que a vai purificando completamente.

A terceira causa dessas inclinações torpes que assaltam a alma costuma ser o próprio receio que elas já adquiriram de ceder a tais impulsos e pensamentos vis. A cada passo, temem que tudo quanto veem, fazem ou pensam possa lhes despertar a memória dessas más inclinações. E assim padecem esses ímpetos torpes sem culpa.

Algumas vezes, quando tais pessoas falam de coisas espirituais ou mesmo quando praticam suas devoções diante de outros, sentem-se envaidecidas e comportam-se de certa maneira afetada. Isso também nasce da luxúria espiritual, como aqui a entendemos, e às vezes com permissão da vontade.

¹⁰ Melancolia: tristeza profunda, que pode causar abatimento físico e mental. (N.T.)

Certos principiantes podem se afeiçoar às pessoas com as quais partilham suas práticas espirituais. Mas, muitas vezes, tal sentimento nasce do espírito de luxúria, e não do espírito de Deus. Sabe-se que esse sentimento nasce do espírito de luxúria quando não faz aumentar o amor que se tem por Deus nem o tempo que se passa pensando n'Ele, mas em verdade alimenta o sentimento de culpa. Por outro lado, quando se trata de afeição puramente espiritual, à medida que cresce, cresce a afeição por Deus e, quanto mais se pensa naquela pessoa, tanto mais se pensa em Deus e sente-se atraído por Ele, pois crescendo uma, cresce outra. Isso é próprio do espírito de Deus, pois o que é bom aumenta na presença do que é bom, porquanto há semelhança e conformidade. Porém, quando tal amor nasce daquele vício sensual, produz os efeitos contrários: quanto mais cresce, tanto mais diminui o amor de Deus e a lembrança d'Ele. Se cresce aquele outro amor, logo se verá que o de Deus vai esfriando e sendo esquecido, embora com algum sentimento de culpa. Ao contrário, se cresce o amor de Deus na alma, o outro vai esfriando e sendo esquecido, porque, como são

amores contrários, não se ajudam mutuamente. Na verdade, o mais forte ofusca e estorva o outro e se fortalece em si mesmo, como ensinam os filósofos. Por isso, nosso Salvador disse no Evangelho: “O que nasce da carne é carne, e o que nasce do Espírito é espírito”¹¹. Ou seja, o amor que nasce da sensualidade se detém na sensualidade, e o que nasce do espírito persevera no Espírito de Deus, que o faz crescer. É isso que diferencia esses dois amores, e é assim que podemos reconhecê-los.

Quando a alma entra na noite escura, todos esses amores são reordenados. O que vem de Deus é fortalecido e purificado. E o que não vem d’Ele é removido, aniquilado ou mortificado. Mas nos começos ambos são ofuscados, como depois se dirá.

¹¹ João 3, 6.

Capítulo 5

Imperfeições acerca do vício da ira
em que caem os principiantes.

Muitos principiantes têm geralmente diversas imperfeições relacionadas com o vício da ira, por conta da maneira sensual com que desfrutam os deleites espirituais. Pois, quando acaba o sabor e o gosto que desfrutavam nas coisas espirituais, tornam-se grosseiros, ficam entristecidos, sentem desprazer em seus afazeres, irritam-se muito facilmente por qualquer coisinha e chegam mesmo a se tornar intratáveis. Geralmente isso acontece depois de um recolhimento dos sentidos muito deleitoso na oração. E, quando essa sensação agradável termina, ficam mal-humorados e desanimados, como um recém-nascido que separaram do peito onde mamava à vontade. Não há culpa nos que experimentam esses sentimentos, desde que não se deixem dominar pelo desânimo. Apenas imperfeição, que será purgada na aridez e nos apertos da noite escura.

Existem ainda certas pessoas espirituais que caem em outro tipo de ira espiritual. São os que se irritam diante dos vícios alheios com certo zelo exasperado que todos notam. Às vezes têm ímpetos de censurá-los com rispidez e ocasionalmente chegam mesmo a fazê-lo, como se fossem os donos da virtude. Tudo isso é contra a mansidão espiritual.

Há outros que se encolerizam contra si mesmos com impaciência e sem humildade quando se dão conta das próprias imperfeições. Ficam tão impacientes que queriam ser santos da noite para o dia. Há muitos desses que fazem grandes propósitos. Mas, como não são humildes nem desconfiam de si mesmos, quanto mais fazem propósitos, mais caem e mais se irritam contra si mesmos. Não têm paciência para esperar até que Deus lhes dê forças para realizá-los, quando ele quiser. Isso também vai contra a mansidão espiritual e só será totalmente corrigido pela purgação da noite escura.

Por outro lado, alguns são tão lentos no esforço de progredir que Deus não quisera ver neles tamanha despreocupação.

Capítulo 6

Imperfeições relacionadas com a gula espiritual.

Sobre o quarto vício, a gula espiritual, há muito a dizer. Poucos principiantes, por mais que se esforcem, não caem pelo menos numa das muitas imperfeições que lhes nascem desse vício, devido aos deleites que usufruem nos começos desses exercícios espirituais.

Muitos, embevecidos pelas sensações prazerosas que experimentam, buscam mais os deleites do espírito que a pureza e a verdadeira devoção, que é o que Deus almeja e aceita em todo caminho espiritual. Mas, além de querer esses deleites, a gula dos principiantes ainda os leva a cometer outro erro. É que eles metem os pés pelas mãos, desviando-se do caminho em que as virtudes são adquiridas e se fortalecem. Atraídos pelos gostos nos quais se regalam, alguns se matam de tanto fazer penitências. Outros se debilitam em jejuns, fazendo mais do que sua fraca constituição física lhes permite, sem que tenham recebido ordem nem conselho de seus diretores espirituais. Ao contrário, procuram

esquivar-se daqueles a quem devem obediências nesses assuntos.

Há ainda quem se atreva a fazê-los mesmo quando lhe proíbem. Esses são imperfeitíssimos, gente sem razão que adia a submissão e a obediência, as quais denotam sensatez e constituem penitência da razão, aceita por Deus como sacrifício mais agradável que qualquer penitência corporal. Pois esta, sem penitência espiritual, é imperfeitíssima, visto que tais almas deixam-se levar apenas pela fome de prazer que aí encontram.

Uma vez que todo extremo é vicioso, assim procedendo, esses principiantes vão adquirindo mais vícios que virtudes, já que buscam acima de tudo fazer a própria vontade. Não seguem o caminho da obediência, e desse modo o menor mal que lhes sobrevém é o aumento da gula espiritual e da soberba.

O demônio tanto engana a muitos desses, atiçando-lhes o apetite e a gula por contentamentos, que lhes acrescenta outros males: se não têm permissão para fazer mais penitências, tomam a liberdade de modificar,

ampliar ou trocar por outras aquelas que lhes mandam fazer, porque toda obediência lhes é penosa e desagradável. Alguns chegam a tanto mal que, se lhes mandam fazer seus exercícios preferidos, perdem a vontade e o gosto de fazê-los, porque seu desejo e seu deleite é fazer apenas a própria vontade. Nesse caso, melhor seria se não fizessem nada.

Vocês poderão ver muitos desses importunando seus diretores espirituais para que lhes concedam o que querem. E, com muita insistência, conseguem-no. Se não, ficam tristes e mal-humorados como crianças mimadas. Pensam que não servem a Deus quando não lhes deixam fazer o que querem. Como estão apegados aos próprios gostos e vontades – que consideram como o seu deus –, tão logo lhos proíbem e tentam guiá-los no caminho desejado por Deus, entristecem-se, fraquejam e faltam ao dever. Pensam que deleitar-se e estar satisfeitos é servir e agradar a Deus.

Há também outros que, por conta dessa gula, sabem tão pouco sobre a própria baixeza e miséria e afastam-se tanto do amoroso temor e

respeito devido à grandeza de Deus, que não hesitam em insistir muito com seus confessores para que lhes deixem confessar e comungar muitas vezes¹². O pior é que frequentemente se atrevem a comungar sem consentimento e orientação do ministro e dispensador dos sacramentos de Cristo, mas guiados somente pela própria opinião. E ainda procuram lhe ocultar a verdade. Para seguir comungando, fazem suas confissões como bem entendem, mais interessados em comer do que em comer limpa e perfeitamente. Contudo, seria mais prudente e santo se tivessem a inclinação contrária e rogassem a seus confessores que não lhes mandassem comungar tão amiúde (se bem que, entre esses dois extremos, melhor seria obedecer com humildade). Tais atrevimentos desmedidos são imenso mal, e os que caem em tamanha temeridade podem esperar o merecido castigo.

¹² No tempo de São João da Cruz, a Santa Igreja não permitia a comunhão diária. Embora muito recomendado pelos Santos Padres, esse costume foi restabelecido apenas em 1905, no Decreto *Sacrosancta Tridentina Synodus*, sob o Papa São Pio X. (N.T.)

Quando comungam, essas pessoas cuidam apenas de procurar alguma sensação prazerosa. Empenham-se mais nisso do que em reverenciar e louvar a Deus com humildade. De tal maneira se apegam a esse costume que, quando não experimentam nenhum gosto ou sensação física, pensam que não fizeram nada. Contudo, assim julgam muito baixamente as coisas de Deus. Não entendem que o menor dos proveitos que o Santíssimo Sacramento nos traz é o que toca aos sentidos. Maior é o bem invisível da graça que nos dá. Em geral, Deus nos tira esses e outros gostos e sabores sensíveis para nos ensinar a vê-lo com os olhos da fé. Mas esses principiantes querem sentir a Deus e gozá-lo como se ele fosse compreensível e acessível aos sentidos. E não só na Comunhão, mas também nos demais exercícios espirituais. Tudo isso é grandíssima imperfeição e muito contrário à majestade de Deus, que nos pede uma fé puríssima.

Tais pessoas repetem o mesmo erro quando rezam, pensando que todo o negócio está em desfrutar algum deleite sensível. Nem que para isso tenham que arrancá-lo à força bruta, como se diz, cansando e enfraquecendo a cabeça e as

faculdades da alma¹³. E, quando não desfrutam desses gostos, desconsolam-se acreditando que nada fizeram. Por conta disso, perdem de vista o sentido da verdadeira devoção, que consiste em perseverar na oração com paciência e humildade, desconfiando de si e querendo apenas agradar a Deus. Em consequência, se alguma vez não encontram prazer na oração ou em qualquer outro exercício espiritual, tomam-lhe grande aversão e repugnância e, às vezes, chegam a abandoná-lo definitivamente. Como já dissemos, esses assemelham-se enfim aos pequeninos, que não se deixam guiar pela razão, mas apenas por seus gostos. Pensam que tudo se resume em buscar deleites e consolação espiritual. E nunca se fartam de ler livros, meditando ora sobre isso, ora sobre aquilo, à caça de satisfação nas coisas de Deus. Contudo, Deus lhes nega tais deleites muito justa, sensata e amorosamente, pois, do contrário, essa gula espiritual lhes causaria muitos males. Portanto, será muito vantajoso

¹³ Faculdades da alma: memória, entendimento e vontade, como se dirá no *Livro Segundo*, cap. 21. (N.T.)

para essas pessoas entrar na noite escura, onde poderão purgar-se dessas ninharias.

Os que se inclinam a tais deleites também têm outra imperfeição muito grande. É que são muito tíbios e lentos no caminho árduo da Cruz, pois a alma que se entrega a contentamentos por certo há de repelir o desgosto de se negar a si mesma.

Esses têm ainda muitas outras imperfeições que lhes nascem daqui. O Senhor cura-as a seu tempo com tentações, aridez espiritual e tribulações que constituem a noite escura. Para não me alargar demasiadamente, não vou tratar delas aqui. Apenas quero acrescentar que a sobriedade e a temperança espiritual conduzem a uma atitude muito distinta, de mortificação, temor e sujeição em todas as coisas. Pois a perfeição e o valor das obras não está na quantidade de coisas que se faz, mas em saber negar-se a si mesmo em cada uma delas. Tais pessoas devem procurar fazer o quanto puderem de sua parte, até que Deus queira purificá-las, introduzindo-as na noite escura. Para passar logo

a falar dela, vou abreviar o relato dessas imperfeições.

Capítulo 7

Imperfeições acerca da inveja e preguiça espirituais.

Os principiantes têm ainda numerosas imperfeições relacionadas com outros dois vícios, a inveja e a preguiça espiritual. Quanto à inveja, muitos costumam ficar desgostosos ante o progresso espiritual dos outros e sentem-se incomodados ao vê-los mais adiantados nesse caminho. Não queriam que fossem elogiados, porque se entristecem diante das virtudes alheias. E, às vezes, não conseguem ouvir elogios dirigidos aos outros sem tentar desfazê-los como puderem. Ficam muito ressentidos se não lhes fazem os mesmos elogios, porque queriam ser sempre os melhores em todas as coisas.

Tudo isso é muito contrário à caridade, que, como diz São Paulo, alegra-se com a verdade¹⁴ e, se tem alguma inveja, é inveja santa, com pena de

¹⁴ 1 Coríntios 13, 6.

não ter as virtudes alheias, satisfação de ver que o outro as tem e alegria ao constatar que todos lhe precedem no serviço de Deus, já que ele mesmo O serve com tantas faltas.

Quanto à preguiça espiritual, os principiantes costumam sentir tédio nas coisas que são mais puramente espirituais. E fogem delas, porque não lhes saciam a fome de gostos sensíveis. Como estão muito habituados a se deleitar em seus exercícios espirituais, entediam-se naqueles que não lhes agradam. Se acontece de não encontrarem gostos na oração (pois convém que Deus os remova a fim de prová-los), não querem mais rezar. Às vezes, chegam de fato a abandoná-la, ou senão prosseguem de má vontade. E, por conta dessa preguiça, adiam o caminho de perfeição, que consiste em negar a própria vontade e abrir mão de seus gostos por amor a Deus. Assim, cuidam mais de satisfazer sua vontade que a de Deus.

Muitos desses principiantes desejariam que Deus quisesse somente o que eles mesmos querem e se entristecem vendo que Deus tem vontade própria. Sentem aversão à ideia de

submeter a sua vontade à de Deus. Daí nasce-lhes muitas vezes a convicção de que aquilo que contraria os seus gostos e vontades não corresponde à vontade de Deus. Por outro lado, pensam que o que lhes agrada também agrada a Deus. Desse modo, medem a vontade de Deus a partir da sua, e não a sua a partir da de Deus, invertendo o que ele mesmo ensinou no Evangelho quando disse que quem renunciar à própria vontade por Ele, ganhá-la-á, e quem quiser conservá-la, perdê-la-á¹⁵.

Esses também se entediam quando lhes mandam fazer algo que não é de seu agrado. Como estão acostumados a encontrar deleites e alegrias nas coisas espirituais, são muito frouxos e não têm a fibra necessária para o trabalho de aperfeiçoamento. Assemelham-se aos que cresceram cercados de comodidades e fogem com tristeza de tudo o que é áspero. Escandalizam-se diante da Cruz, onde estão os deleites do espírito, e sentem mais tédio nas coisas espirituais à medida que elas são mais puramente espirituais. Como pretendem caminhar com toda liberdade,

¹⁵ Mateus 16, 25.

guiados apenas pelos caprichos da própria vontade, sentem grande tristeza e repugnância ante a ideia de entrar pelo caminho estreito da vida que Cristo anunciou¹⁶.

Basta ter referido aqui essas imperfeições, dentre muitas outras em que caem os principiantes neste primeiro estado, para que se veja como eles necessitam ser conduzidos por Deus ao estado de progredidos. O Senhor faz isso introduzindo-os na noite escura, que vamos descrever agora. Aí, desmamando-os dos peitos de seus deleites e vontades, Deus os põe em intensa aridez e trevas interiores, que lhes remove todas essas imperfeições e ninharias. E ainda faz com que ganhem virtudes por caminhos muito diferentes daqueles por onde costumavam andar.

Por mais que se empenhe, o principiante nunca chega a mortificar inteiramente seu modo de proceder e suas paixões. É Deus quem faz isso por meio da purificação da noite escura. Para que eu possa falar algo proveitoso sobre este assunto,

¹⁶ Mateus 7, 14.

queira Deus dar-me sua divina luz, indispensável em noite tão escura e em matéria tão difícil.

Capítulo 8

Apresenta o primeiro verso da canção primeira e começa a explicar esta noite escura.

Em uma noite escura.

Esta noite, que também chamamos de contemplação, produz dois tipos de trevas purgativas nas pessoas de vida espiritual. Uma na sua parte sensitiva, outra na espiritual.

O primeiro tipo é a noite de purgação sensitiva, que purga, ou seja, desnuda os sentidos da alma para os acomodar ao espírito. A outra é a noite de purgação espiritual, que purga e desnuda o espírito a fim de o acomodar e predispor para a união de amor com Deus. Trataremos primeiro da noite sensitiva, que é mais comum e acontece a muitos principiantes. Em seguida, cuidaremos da noite espiritual, na qual pouquíssimos entram depois de se exercitarem e progredirem no caminho espiritual.

A primeira noite de purgação é amarga e terrível para os sentidos. Mas a segunda não tem comparação, porque é espantosa para o espírito, como mostraremos depois. Já que a noite dos sentidos acontece primeiro, vamos dizer algo sobre ela antes. Mas brevemente, porque, sendo mais comum, há muitos relatos escritos a respeito. Em seguida, vamos tratar da noite do espírito. Faremos isso mais detidamente, já que se fala pouquíssimo dela, tanto de viva voz como por escrito, e há ainda menos pessoas com experiência própria nesse assunto.

Os principiantes conduzem-se no caminho para Deus de maneira muito baixa, isto é, muito próxima de seus gostos e vaidades, como dissemos acima. Mas Deus quer levá-los mais adiante, tirando-os desse tosco modo de amar para conduzi-los ao mais alto grau de amor divino. Quer libertá-los do grosseiro uso que fazem dos seus sentidos e raciocínios, com os quais buscam a Deus de maneira tão limitada e cheia de inconvenientes, como dissemos. Para isso, encaminha-os aos exercícios espirituais em que poderão comunicar-se mais

abundantemente com Deus, livres dessas imperfeições.

Depois de se exercitar por algum tempo no caminho da virtude, perseverando em meditação e oração, ali encontraram deleites espirituais e gozando deles se desapegaram das coisas do mundo. Assim, adquiriram alguma força espiritual em Deus e conseguiram refrear um pouco o desejo das coisas criadas. E agora poderão sofrer por Deus algum desconforto e aridez sem voltar atrás. É por isso que, estando esses principiantes na melhor parte, deleitando-se fartamente em seus exercícios espirituais, quando mais intensamente lhes parece brilhar o sol dos favores divinos, o Senhor tira-lhes toda essa luz. Fecha-lhes a porta e seca o manancial da doce água espiritual que bebiam em Deus a seu bel-prazer. Já que eram fracos e inexperientes, no início não havia porta fechada para eles, como diz São João no Livro do Apocalipse: “Conheço a tua conduta. Eis que pus diante de ti uma porta aberta que ninguém poderá fechar, pois tens pouca força, mas guardaste minha palavra e não

negaste meu nome”¹⁷. Agora, porém, o Senhor deixa-os tão às escuras que não sabem o que pensar ou dizer. Já não podem dar nem um passo na meditação, como faziam até há pouco com tanta facilidade. Tão logo os seus sentidos internos mergulham nesta noite escura, o Senhor deixa-os em tamanha aridez, que não acham mais proveito nem gosto nas coisas e nos exercícios espirituais de onde costumavam tirar os seus deleites e contentamento. Ao contrário, só encontram aí tristeza e amargura. Isso porque, vendo-os já um tanto crescidinhos, Deus tira-lhes o doce peito, desce-os de seus braços e os põe a andar com os próprios pés para que se fortaleçam e deixem as mantas com que os acalentava. E ficam muito surpresos vendo que agora tudo se passa ao contrário do que costumava ser.

Geralmente, isso acontece às pessoas de vida recolhida logo que começam a ter oração, porquanto estão mais protegidas das ocasiões de pecado e do perigo de voltar atrás. Por isso, reformam mais rapidamente os apetites das coisas do mundo, sem o que não lhes seria

¹⁷ Apocalipse 3, 8.

possível dar os primeiros passos nesta feliz noite dos sentidos. E ordinariamente não passa muito tempo, depois que começam a fazer oração, até que todas as outras pessoas também entrem na noite dos sentidos, como se pode deduzir pela aridez em que muitas caem.

A purgação dos sentidos é tão comum que poderíamos citar grande número de referências na divina Escritura. Encontram-se muitas a cada passo, particularmente nos Salmos e nos Profetas. Para evitar prolixidade, deixamos de mencioná-las aqui, já que pretendemos examinar algumas depois.

Capítulo 9

Sinais de que o homem espiritual está no caminho da noite de purgação sensitiva.

Porém, muitas vezes, essa aridez não procede da noite de purgação dos apetites sensitivos. E sim de pecados, imperfeições, frouxidão, tibieza, algum mal humor ou indisposição corporal. Vou mostrar aqui alguns sinais que revelam se a aridez procede de tal purgação ou se

nasce de algum desses vícios. Conheço três sinais principais.

O primeiro é que a alma já não encontra gosto nem consolo nas coisas de Deus, tampouco nas coisas do mundo. Pois Deus a põe nessa noite escura para secar¹⁸ e purgar seus apetites sensitivos e já não lhe permite desejar nem encontrar sabor em mais nada. Assim sabe-se que tal aridez e descontentamento provavelmente não provêm de pecados nem de imperfeições atuais. Se fosse o caso, nossa natureza se sentiria inclinada a deleitar-se em qualquer coisa, menos em Deus. Realmente, quando os apetites se rendem a alguma imperfeição, logo se inclinam a ela com a mesma força do gozo que aí encontram.

Mas essa aversão às coisas do céu e da terra também pode ser causada por melancolia ou alguma indisposição física, que muitas vezes tornam tudo sem sabor. Então, para descartar

¹⁸ “Secar” significa aqui “diminuir, enfraquecer”. (N.T.)

essa possibilidade, é preciso ter em mente o segundo sinal.

O segundo sinal, de que se trata realmente de purgação dos sentidos, é quando a alma é continuamente atormentada pela ideia de que não se empenha como devia no serviço de Deus. E acredita que está regredindo, pois já não sente prazer nas coisas de Deus. Isso mostra que esse tédio e essa aridez não procedem de frouxidão ou tibieza. Não é o caso, porque certamente a tibieza consiste em não se dedicar muito às coisas de Deus nem se preocupar com elas. Há grande diferença entre aridez e tibieza. A tibieza traz muita fraqueza e frouxidão da vontade e muito desânimo, sem solicitude de servir a Deus. Mas, quando é apenas aridez purgativa, há habitual solicitude com zelo e pesar, acreditando-se que não se serve a Deus. E essa aridez, embora possa ser agravada por melancolia ou algum outro estado de espírito, como às vezes acontece, nem por isso deixa de produzir seu efeito purgativo sobre os apetites dos sentidos, pois priva a alma de todo deleite, de modo que a sua atenção volta-se totalmente para Deus. Mas, sendo apenas algum tipo de indisposição corporal, só produz

desgosto e abatimento físico, sem aquele desejo de servir a Deus presente na aridez purgativa. Aqui, a parte sensitiva está muito decaída, frouxa e fraca para agir, devido ao pouco contentamento que encontra. O espírito, porém, está pronto e forte.

O motivo dessa aridez é que Deus transfere para o espírito as habilidades e a força dos sentidos, que, assim privados de sua força natural, ficam em jejum, secos e vazios. Como a parte sensitiva não consegue sentir o que é puro espírito, a carne esmorece e perde as forças para agir. Enquanto isso, o espírito se deleita, vai sendo alimentado e se fortalece. E, mais do que nunca, fica alerta e cauteloso para não faltar a Deus.

Mas, se no princípio a alma não sente sabor e deleite espiritual, e sim aridez e pesar, é por causa da novidade da situação. Pois o seu paladar espiritual ainda não se esqueceu dos gostos sensíveis aos quais ela ainda está apegada. Nem teve tempo de se purgar e se adaptar a tão sutil deleite. Então, até que vá se acomodando gradualmente por meio desta noite árida e

escura, não poderá sentir o gosto e os benefícios espirituais que recebe, e sim aridez e pesar pela falta dos deleites que antes saboreava com tanta facilidade.

Aqueles que Deus começa a levar por tais solidões são semelhantes aos filhos de Israel no deserto. Logo que entraram ali, Deus começou a dar-lhes o manjar do céu, tão deleitoso que, como diz a Escritura, se convertia no sabor que cada um desejava¹⁹. Contudo, eles ainda sentiam falta do sabor delicioso das carnes e cebolas que comiam antes no Egito. Seu paladar estava tão acostumado e apegado a essas iguarias que se cansaram rapidamente da refinada doçura do maná angélico. E choravam e gemiam pelas carnes do Egito, enquanto achavam-se diante dos manjares do céu²⁰. A baixeza dos nossos apetites chega a tal ponto que nos faz desejar nossas misérias e sentir aversão aos bens inefáveis do céu.

Porém, quando essa aridez vem da purgação dos apetites dos sentidos, ainda que de início o

¹⁹ Sabedoria 16, 20-21.

²⁰ Números 11, 4-6.

espírito não sinta contentamento, pelos motivos que acabamos de dizer, sente-se encorajado para agir e fortalecido pela substância do manjar interior que experimenta, que é o princípio da escura e árida contemplação dos sentidos. Essa contemplação – oculta e secreta até mesmo para quem passa por ela – geralmente dá à alma, além dessa aridez e esvaziamento dos sentidos, disposição e vontade de estar a sós e em quietude, sem querer nem poder pensar em nada.

Então, caso esses saibam se aquietar (desincumbindo-se de qualquer atividade interior ou exterior que pretendam empreender por meio de suas habilidades e raciocínios) e se ficarem ali sem fazer nada, deixando-se levar por Deus e procurando ouvir com amorosa atenção interior, logo, naquele ócio descuidado de si, experimentarão suavemente aquela refeição interior. Tão refinada que geralmente não se consegue sentir por força da própria vontade, pois, como costume dizer, só se apresenta quando a alma está em maior ócio e mais descuidada de si. É como o ar que nos escapa quando cerramos a mão.

Com isso em mente, podemos entender agora o que a esposa disse ao Esposo no Livro dos Cantares: “Desvia os teus olhos de mim, porque eles me fazem voar”²¹. De tal maneira Deus põe a alma nesse estado e a conduz por um caminho tão diferente que, se ela tenta agir por conta própria, valendo-se de suas habilidades naturais, em vez de ajudar, estorva a obra que Deus vai fazendo nela. Isso porque, a partir deste ponto, o seu caminho será muito diferente do que foi até agora. O motivo é que no estado de contemplação (quando a alma abandona os raciocínios humanos e entra no estado dos progredidos) é Deus quem opera nela, de tal modo que parece atar-lhe as faculdades interiores, sem lhes deixar apoio no entendimento nem proveito na vontade, nem raciocínios na memória. Nesse tempo, tudo o que a alma pode fazer por si mesma não serve senão, como dissemos, para perturbar a sua paz interior e a obra que Deus vai fazendo no espírito ao colocá-la naquela aridez dos sentidos. Por ser espiritual e requintada, essa obra se faz em quietude, suavidade e serenidade. Bem diferente

²¹ Cantares 6, 5.

daqueles contentamentos dos primeiros tempos, que eram muito palpáveis e sensíveis. É a essa paz que Davi se refere quando diz que Deus fala à alma para fazê-la espiritual²². E daqui provém o terceiro sinal.

O terceiro sinal que nos permite saber se estamos na fase de purgação dos sentidos é que a alma já não pode, por mais que tente, meditar nem raciocinar com a ajuda da imaginação, como costumava fazer. Antes Deus comunicava-se com ela por meio dos sentidos, estimulando os raciocínios com que ela mesma ia compondo e organizando as ideias. Mas agora ele quer se comunicar pelo espírito puro, que não admite raciocínio linear. Aqui Deus comunica-se por ato de simples contemplação, inacessível pelos sentidos da parte inferior (tanto pelos exteriores como pelos interiores)²³. E assim se entende que,

²² Salmo 84, 9.

²³ A “parte inferior” é a porção sensitiva da alma, como se explica no cap. 23 do *Livro Segundo*. (N.T.)

de agora em diante, a imaginação e a fantasia²⁴ já não podem se apoiar nem confiar em nenhum raciocínio humano.

Este terceiro sinal nos faz entender que o mal-estar e o cansaço das faculdades da alma não provêm de alguma indisposição do espírito. Se fosse o caso, acabando tal indisposição (que nunca se prolonga por muito tempo), a alma logo recuperaria, com algum esforço, suas habilidades, de modo que suas faculdades reencontrariam os apoios costumeiros. Não é assim, porém, na purgação dos apetites, pois, enquanto a alma vai sendo purificada, invariavelmente persiste a dificuldade de valer-se das suas faculdades.

É verdade que nos começos a purgação não é tão contínua em algumas pessoas, de maneira que, às vezes, elas podem sim experimentar gostos e consolações sensíveis. Isso porque, devido à sua fraqueza, não seria conveniente desmamá-las de uma vez. Contudo, à medida que

²⁴ A imaginação e a fantasia constituem os sentidos corporais interiores (ver nota de rodapé no *Capítulo 4*). (N.T.)

vão penetrando nessa noite escura, até os mais fracos abandonam pouco a pouco o seu jeito sensitivo de buscar a Deus (se é que haverão de seguir adiante).

Mas aqueles que não seguem pelo caminho da contemplação tomam um rumo muito distinto, porque a noite de aridez não costuma lhes afetar continuamente os sentidos, já que vem e vai. Embora algumas vezes não consigam raciocinar como costumavam fazer, outras vezes podem sim. Esses Deus introduz na noite escura apenas para exercitá-los, humilhá-los e reformar-lhes os apetites, a fim de que dominem a sua gula de coisas espirituais. Mas não para levá-los pelo caminho do espírito, que é esta contemplação, pois nem todos que se exercitam no caminho do espírito são conduzidos por Deus à contemplação perfeita. O motivo só Ele sabe. Daqui se deduz que os sentidos dessas pessoas nunca se libertam completamente do apego às opiniões e raciocínios, senão ocasionalmente e por breves instantes, como dissemos.

Capítulo 10

Como os principiantes devem se conduzir
nesta noite escura.

No tempo da aridez da noite sensitiva, Deus conduz a transição que descrevemos acima, tirando a alma da via dos sentidos para introduzi-la na via do espírito (ou seja, da meditação para a contemplação), onde ela já não pode valer-se de suas faculdades para articular raciocínios sobre as coisas de Deus, como disse. Aqui as pessoas espirituais padecem grandes aflições. Nem tanto pela aridez que experimentam, mas pelo temor de estarem perdidas neste caminho. Acreditam que foram privadas dos bens espirituais e abandonadas por Deus, já que não encontram apoio nem satisfação em nada. Então, como de costume, cansam-se à procura de algum raciocínio reconfortante com que possam socorrer as faculdades da alma. Fazem isso para sentirem-se ativas, pensando que, do contrário, não fazem nada. Em consequência, porém, sentem grande desgosto e repugnância interior na alma, que preferia estar naquela quietude ociosa. É que o deleite dos sentidos assim

alcançado não beneficia o espírito, pois, nessa procura fatigante, tais pessoas perdem o espírito de tranquilidade e a paz que teriam sem procurar. Assim procedendo, assemelham-se a quem abandona o que já está feito para voltar a fazê-lo, ou a quem sai da cidade para novamente entrar nela, ou a quem solta a caça para persegui-la outra vez. Tudo isso será inútil nesta altura, porque já não conseguirão nada agindo como nos primeiros tempos, como disse.

Se não há quem os oriente nessa fase, esses abandonam o caminho e voltam atrás. Ou então param e deixam de seguir em frente, ou pelo menos desaceleram o passo. Isso porque empenham-se tanto no caminho da meditação discursiva que se sobrecarregam e se cansam em demasia. Imaginam que não progridem devido à sua negligência ou pecados. Mas disso eles já não têm culpa, visto que Deus já os leva por outro caminho, o caminho da contemplação. Diferentíssimo do primeiro, na medida em que um é feito de meditação e raciocínios, enquanto o outro não comporta nem uma coisa, nem outra.

Os que se encontram nessa situação devem se consolar, perseverando com paciência. Não fiquem tristes, mas confiem em Deus, que não abandona aos que o buscam com coração simples e íntegro. E não deixará de lhes dar o necessário para a caminhada, até levá-los à clara e pura luz de amor, que lhes dará por meio da noite escura do espírito, se merecerem ser introduzidos nela.

A melhor forma de atravessar a noite dos sentidos é não buscar nada por meio de raciocínios e meditação. Já não é tempo disso, como falei. Deixem a alma sossegada e quieta, ainda que lhes pareça que não fazem nada e perdem tempo. Mesmo se acreditem que essa vontade de não pensar em nada seja sinal de frouxidão. Farão muito em ter paciência e perseverar na oração. Apenas deixem a alma livre, desembaraçada e desligada de qualquer ideia ou pensamento. E não se preocupem com o que haverão de pensar ou meditar. Contentem-se apenas em dirigir a Deus uma atenção amorosa e sossegada, sem receio, sem esforço e sem vontade exagerada de sentir sua presença e gozá-lo. Tudo isso inquieta e distrai a alma, desviando-a da tranquila quietude e do ócio suave

proporcionados pela contemplação que aqui se dá.

Mesmo que a alma sinta escrúpulos – acreditando que perde tempo e que seria melhor fazer outra coisa, já que não consegue fazer nem pensar em nada na oração –, o melhor é persistir e ficar sossegada, abrindo mão do próprio prazer e liberdade de espírito. Se tenta agir por conta própria com suas faculdades interiores, só consegue estorvar o trabalho de Deus e perder os bens que ele vai assentando e imprimindo na alma que se deixa estar em paz e ócio interior. É como se um pintor tentasse retratar um rosto que não pára quieto perturbando-lhe o trabalho e impedindo-o de criar a sua obra. Assim, quando a alma está em paz e ócio interior, qualquer atividade, sensação ou esforço de concentração que se permita acabará por distrair, inquietar e fazê-la sentir aridez e esvaziamento dos sentidos. E, quanto mais procurar apoio em deleites e ideias reconfortantes, tanto mais sentirá a falta de tais coisas, pois já não poderá encontrá-los como antes.

Portanto, a alma não deve lamentar a perda das funções de suas faculdades. Ao contrário, há de querer perdê-las o quanto antes, para que elas não estorvem a contemplação infusa que Deus lhe dá com mais abundância quando ela se põe em quietude. Assim, o Senhor faz da alma uma nova criatura, para que ela arda e se abraze no Espírito de Amor que essa escura e secreta contemplação traz em si e lhe concede.

Não gostaria, porém, que se tirasse daqui uma regra geral para saber quando devemos abandonar a meditação ou os raciocínios. A hora certa é quando já não se pode mais fazer nem uma coisa, nem outra. E só devemos deixá-los enquanto o Senhor quiser impedir esses exercícios espirituais, enviando-nos aflição purgativa ou perfeitíssima contemplação. No tempo restante, sempre haverá ocasião de procurar apoio e remédio na meditação, refletindo sobre a vida e a Cruz de Cristo (não há nada melhor para a nossa purgação). Assim, havemos de adquirir paciência nas provações e encontrar o caminho seguro. Além do mais, essa prática ajuda-nos admiravelmente a alcançar a mais alta contemplação, a qual é infusão secreta,

silenciosa e amorosa de Deus. E, se lhe permitimos, inflama a alma em espírito de amor, como ela dá a entender no verso seguinte.

Capítulo 11

Explica três versos da primeira canção.

Com ânsias, em amores inflamada.

Geralmente não se sente o incêndio de amor nos princípios. Ou porque ele ainda não começou a arder, impedido pela impureza de nossa condição humana; ou porque a alma ainda não se dispôs a buscar aquela tranquilidade suave da qual falamos, já que não compreende sua importância.

Mas às vezes, com ou sem esse incêndio de amor, logo se começa a sentir alguma ânsia de Deus. E, quanto mais essa ânsia se prolonga, mais a alma vai se sentindo atraída e abrasada no amor de Deus, sem saber nem entender como e de onde lhe vem tal fascinação amorosa. Às vezes, o fogo desse incêndio parece crescer tanto dentro de si que ela deseja a Deus com ânsias de amor, como Davi, que, estando nesta noite, disse: “Porque

meu coração se inflamou”²⁵ (ou seja, porque meu coração ardeu de amor enquanto estive em contemplação), também meus gostos e inclinações se transformaram (isto é, abandonaram a via sensitiva e seguiram pela via espiritual, movidos por essa santa aridez, da qual resultou a cessação de todos os gostos e inclinações de que falamos). E disse ainda: “Eu fui reduzido a nada, aniquilado e não compreendia”²⁶ o que se passava comigo. Sem saber por onde vai, como dissemos, a alma vê-se despojada do desejo de tudo quanto costumava apreciar no céu e na terra. Apenas vê que está enamorada, mas sem saber como. Por vezes, esse incêndio de amor no espírito cresce a tal ponto, e a alma sente tamanha ânsia de Deus, que é como se os seus ossos secassem de tanta sede. A vivacidade dessa sede de amor faz o corpo desfalecer sem forças e sem calor. E a alma sente que essa sede de amor é viva. Davi também sentia isso quando disse: “Minha alma teve sede do

²⁵ Salmo 72, 21.

²⁶ Salmo 72, 22.

Deus vivo”²⁷, que é como dizer: “Viva foi a sede de minha alma”. E, por ser viva, podemos dizer que essa sede mata. Contudo ela não aflige continuamente a alma com tal força extrema, a não ser uma vez ou outra. Mas, em geral, sente-se alguma sede.

É de se notar que nos princípios normalmente não se sente esse amor, como aqui comecei a dizer, e sim a secura e o vazio que vou descrevendo. Então, em vez do amor que só depois haverá de se incendiar, a alma experimenta por ora, naquelas securas e vazios das faculdades, uma contínua vigilância e solicitude de Deus. E é atormentada pela suspeita de que não o serve como deveria, coisa que é sacrifício muito agradável a Deus, posto que ele se compraz vendo um espírito contrito e zeloso de Seu amor²⁸. Essa prontidão vigilante põe a alma naquela contemplação secreta até que, com o tempo (tendo purgado algo das forças e inclinações naturais dos sentidos, isto é, da parte sensitiva, por meio da aridez produzida por essa

²⁷ Salmo 41, 3.

²⁸ Salmo 50, 19.

contemplação), esse amor divino começa a lhe incendiar o espírito. Mas, até chegar aqui, a alma está como que em processo de cura. Para ela, tudo é padecer nesta noite escura de árida purgação dos apetites, em que se curam muitas imperfeições e adquirem-se muitas virtudes que capacitam a alma para amar a Deus, como agora se dirá, no comentário do verso seguinte.

Oh, ditosa ventura!

Deus põe a alma nesta noite sensitiva a fim de purgar os sentidos da parte inferior, de modo a acomodar, sujeitar e uni-los ao espírito, obscurecendo-os e fazendo cessar todos os raciocínios. (Do mesmo modo, também haverá de conduzi-la depois, na noite espiritual, para purificar o espírito e uni-lo a Si.) Desse modo, a alma obtém tantos proveitos sem perceber, que considera ditosa ventura ter *saído* do laço opressivo dos sentidos da parte inferior, caminhando por esta ditosa noite. E por isso diz o presente verso: *Oh, ditosa ventura!* Aqui há que se notar os proveitos alcançados pela alma nesta noite, graças aos quais compreende que foi ditosa

ventura atravessá-la. Esses proveitos são resumidos no verso seguinte.

Sai sem ser notada.

Tal *saída* indica a libertação da alma à sua parte sensitiva, com a qual buscava a Deus de maneira fraca, limitada e artificiosa, própria da porção inferior. Pois, a cada passo, tropeçava em mil imperfeições e ignorâncias, como descrevemos acima ao tratar dos sete vícios capitais. Mas agora ela se livra de tudo isso, já que esta noite põe fim a todos os seus apetites das coisas do céu e da terra, obscurecendo todos os seus raciocínios e trazendo-lhe outros inumeráveis ganhos para as virtudes, como diremos agora. Quem caminha por aqui verá, com prazer e grande alegria, que a alma recebe inúmeros benefícios daquilo mesmo que lhe parecia ser tão desagradável, hostil e contrário ao deleite espiritual.

Como dizemos, isso se consegue quando, por meio desta noite, a alma *sai* de todas as coisas criadas e encaminha-se para as coisas eternas, deixando para trás suas inclinações e seu antigo modo de agir. Trata-se de grande sorte e motivo

de imensa felicidade por dois motivos. Primeiro, pelo grande benefício que se obtém ao eliminar o apetite e o apego a todas as coisas. E ainda, por serem pouquíssimos os que suportam entrar por essa porta apertada e perseveram no caminho estreito que conduz à vida, como diz nosso Salvador²⁹. A porta apertada é a noite dos sentidos. Para passar por ela, a alma precisa se despojar e desnudar de seus sentidos, guiando-se unicamente pela fé, que é alheia a todos os sentidos. Só assim poderá trilhar mais tarde o caminho estreito da noite do espírito, onde deverá seguir para Deus em fé puríssima, que é o meio pelo qual a alma se une com ele.

O número dos que entram na noite do espírito é muito pequeno, pois, nesse caminho tão estreito, escuro e terrível, a escuridão e os sofrimentos são incomparavelmente maiores que os da noite dos sentidos, como diremos depois. No entanto, os proveitos da noite do espírito são muito maiores. Começaremos agora a dizer algo sobre os benefícios da noite dos sentidos. Mas

²⁹ Mateus 7, 14. São João escreveu “puerta angosta” e “camino estrecho”. (N.T.)

com a brevidade possível, a fim de passarmos rapidamente à segunda noite.

Capítulo 12

Proveitos que a noite dos sentidos traz à alma.

Esta noite de purgação dos apetites é afortunadíssima porque traz grandes benefícios e proveitos para a alma, embora ela pense que lhe tira os que tinha recebido até aqui, como dissemos. Assim como Abraão fez grande festa quando seu filho Isaque foi desmamado³⁰, assim festeja-se no céu quando Deus priva a alma das mantas com que a acalentava ternamente. Desce-a então de seus braços para fazê-la andar com os próprios pés. E ainda lhe nega o leite do peito, suave e doce alimento dos pequeninos, para fazê-la comer pão de casca dura. Desse modo, a alma começa a saborear o pão dos fortes, que é dado ao espírito vazio e seco da escravidão dos sentidos, em meio à aridez e escuridão dos

³⁰ Gênesis 21, 8.

sentidos. Nisso consiste a contemplação infusa, como já dissemos.

O primeiro e principal benefício que a alma obtém aqui, do qual nascem quase todos os outros, é o conhecimento de si mesma e de sua miséria humana. Além de todas as graças que concede à alma na noite dos sentidos, geralmente Deus ainda lhe dá esse discernimento. A aridez e a privação das faculdades (em contraste com o generoso auxílio que delas a alma recebia antes), bem como a dificuldade que agora sente para usufruir as coisas boas, tudo isso a faz ver a própria baixeza e miséria, coisa que não conseguia perceber no tempo de sua prosperidade. Há um bom exemplo disso no Livro do Êxodo. Querendo humilhar os filhos de Israel para que conhecessem a si mesmos, Deus mandou que tirassem os trajés e adornos de festa com os quais habitualmente andavam pelo deserto, dizendo-lhes: “De agora em diante, despojai-vos dos ornamentos de festa e vesti roupas comuns de trabalho, para que saibais qual é o tratamento que mereceis”³¹. É como se

³¹ Citação aproximada de Êxodo 33, 5-6.

dissesse: “Já que as roupas de festa e contentamento que usais impedem-vos de ver o quão baixos sois, tirai-as já, para que a partir de agora, vendo-vos vestidos de maneira desprezível, compreendais que não mereceis outra coisa e saibais quem sois vós”. Assim a alma toma conhecimento da verdade acerca de sua miséria, que até há pouco ignorava. Pois, no tempo em que andava com trajes de festa, encontrando em Deus muitos deleites, consolações e amparo, estava mais satisfeita e contente consigo, pensando que O servia de algum modo. Embora não sentisse claramente a Sua presença dentro de si, olhando atentamente, ao menos podia experimentar algo d’Ele nos deleites que usufruía. Mas agora, vendo-se com roupas de trabalho, aridez e desamparo, sente que as suas primeiras luzes são obscurecidas. Ao mesmo tempo, porém, adquire verdadeiramente a excelentíssima e necessária virtude do conhecimento de si mesma. A partir daí, já não encontra nenhuma razão para estar satisfeita consigo, pois considera-se como nada, vendo que não pode fazer nada por conta própria.

A sua pouca satisfação de si e o desconsolo por não servir a Deus agradam mais a Ele que todas aquelas primeiras obras e deleites da alma, por maiores que fossem, porquanto davam ocasião a muitas imperfeições e ignorâncias.

Essas vestes de aridez proporcionam-lhe não só os proveitos que já dissemos, mas também os que vamos descrever agora, além de muitos outros que não serão ditos aqui. Mas todos nascem do conhecimento de si mesmo.

O primeiro proveito é despertar na alma o desejo de se relacionar com Deus de maneira mais comedida e reverente. Embora tais cuidados sejam sempre indispensáveis no trato com o Altíssimo, a alma passava dos limites quando usufruía de abundantes deleites e consolações espirituais. Pois o gozo espiritual que experimentava fazia com que a sua fome de Deus fosse algo mais atrevida e menos reverente do que devia. Foi o que aconteceu a Moisés quando sentiu que Deus lhe falava. Movido pelo desejo atrevido de deleitar-se em seu Deus, ele teve ímpetos de se lançar precipitadamente sobre a sarça ardente. E só se deteve porque o Senhor o

mandou parar e descalçar-se³². Por aqui se pode avaliar o grau de respeito, discernimento e moderação que devemos observar no trato com Deus. Depois disso, Moisés ficou tão prudente e cauteloso que não apenas se conteve, diz a Escritura, mas sequer ousou mais levantar os olhos para Deus. Porque, tendo tirado os sapatos dos apetites e gostos, adquiriu um grande conhecimento de sua miséria diante de Deus, coisa indispensável para ouvir as palavras divinas.

Deus também preparou Jó do mesmo modo antes de falar com ele. Não foi com os deleites e glórias que o próprio Jó diz que costumava ter em seu Deus³³. Não; o Senhor desnudou-o na esterqueira, desamparado e ainda perseguido por seus amigos, cheio de angústias e amarguras, estirado no chão e coberto de vermes³⁴. Só então o Deus Altíssimo, que levanta o pobre do monturo³⁵, dignou-se mostrar-se com mais

³² Êxodo 3, 2-6.

³³ Jó 29.

³⁴ Jó 7 e 30.

³⁵ Salmo 112, 7.

abundância e suavidade, revelando-lhe a profunda majestade de Sua sabedoria como nunca fizera antes, no tempo de sua prosperidade³⁶.

Aqui convém notar outro excelente proveito que há nesta árida noite dos apetites sensitivos, com o qual nos deparamos nesta altura. É que Deus ilumina a alma na noite escura dos apetites, não só dando-lhe a conhecer sua miséria e baixeza, como dissemos, mas também a grandeza e excelência de Deus, para que se cumpram as palavras do profeta: “Tua luz brilhará nas trevas”³⁷. Uma vez eliminados os apetites, os deleites e os apegos dos sentidos, o entendimento fica limpo e livre para compreender a verdade, já que o apetite e o gozo de prazeres sensíveis ofuscam e estorvam o espírito, até mesmo no que se refere às coisas espirituais. Além disso, aquela aridez angustiante dos sentidos instrui e aviva o entendimento, pois, como diz Isaías, “a vexação nos faz entender”³⁸ de que maneira Deus, em sua

³⁶ Jó 38-42.

³⁷ Isaías 58, 10.

³⁸ Isaías 28, 19.

divina sabedoria, vai instruindo sobrenaturalmente a alma que se esvaziou e desembaraçou de si mesma (que é o que se requer para a Sua divina intervenção). Com esse fim, Ele se utiliza agora desta escura e seca noite de contemplação. Mas antes não lhe concedia nenhuma dessas graças por meio dos primeiros benefícios e deleites. É isso que o mesmo profeta Isaías dá a entender claramente dizendo: “A quem ensinará Deus a sua ciência e a quem fará ouvir a sua palavra? Aos desmamados, àqueles que foram separados dos seios”³⁹. Assim se dá a entender que, para receber esse influxo divino, não é tão necessário beber o primeiro leite da suavidade espiritual nem se agarrar aos peitos dos saborosos raciocínios das faculdades sensitivas, que fazem as delícias da alma nos primeiros tempos. O que mais importa é renunciar a um e se desapegar de outro. Portanto, para ouvir este grande Rei com a devida solicitude, convém que a alma esteja muito decidida e desapegada de seus gostos e de seus sentidos, como diz de si mesmo Habacuc:

³⁹ Isaías 28, 9.

“Estarei de pé no meu posto de guarda”, isto é, vou tratar de me desapegar dos meus apetites, “e firmarei os pés”, quer dizer, não vou me apoiar em nenhum raciocínio humano, “para contemplar e entender o que Deus vai me dizer”⁴⁰.

Dessa maneira, podemos concluir que esta noite árida proporciona primeiramente conhecimento de si mesmo, a partir do qual chega-se ao conhecimento de Deus. Por isso, Santo Agostinho dizia a Deus: “Que eu me conheça, Senhor, a mim mesmo. E conhecerei a ti”. Pois, como dizem os filósofos, um extremo pode ser mais facilmente reconhecido ao ser confrontado com o seu oposto.

A aridez e o desamparo da noite dos sentidos são, portanto, o meio mais eficaz para acender a luz divina sobre a alma. A fim de provar isso mais cabalmente, recorreremos à autoridade de Davi, que demonstra muito bem a grande força desta noite para elevar-nos a um alto conhecimento de Deus. Diz, pois, assim: “Na terra deserta, sem água, seca e sem estradas, apresentei-me diante

⁴⁰ Habacuc 2, 1.

de ti para ver o teu poder e a tua glória”⁴¹. Que coisa admirável Davi nos ensina aqui: os deleites espirituais e os muitos contentamentos que havia desfrutado não o capacitaram nem o levaram a conhecer a glória de Deus. E sim a secura em que se viu e o fez desapegar-se de sua porção sensitiva, circunstância representada pela terra seca e deserta. Ele também nos diz que as ideias e raciocínios sobre as coisas divinas, às quais muito se dedicara, não lhe permitiram sentir nem ver o poder de Deus. E sim o fato de não conseguir fixar o pensamento n’Ele nem avançar no caminho da meditação (realidade simbolizada pela terra sem estradas). Essa noite escura com sua aridez e vazio é, portanto, o meio de se conhecer a Deus e a si mesmo, embora não com a plenitude e a riqueza da noite escura do espírito, pois o conhecimento adquirido na noite dos sentidos é uma espécie de introdução àquele que lá se receberá.

Na aridez e no vazio da noite dos apetites, a alma também ganha humildade espiritual, virtude contrária ao primeiro vício capital, a

⁴¹ Citação aproximada do Salmo 62, 2-3.

soberba espiritual, como dissemos. Graças à humildade que ela adquire conhecendo a si mesma, purga-se de todas aquelas imperfeições em que caía no tempo de sua prosperidade. Como se vê tão seca e miserável, nem lhe passa pela cabeça a ideia de que está mais adiantada que os outros ou leva vantagem sobre eles, como acontecia nos primeiros tempos. Ao contrário, acredita que todos vão melhor que ela.

Aqui nasce o amor ao próximo. Estima a todos e não os julga como fazia quando se considerava muito fervorosa, e não aos outros. Agora só vê continuamente a própria miséria. Tanto que não se esquece dela nem vê mais nada. Davi descreveu admiravelmente tal estado de espírito quando se achava nessa noite: “Emudeci e fui humilhado, guardei em silêncio as minhas virtudes, e renovou-se a minha dor”⁴². Disse isso porque sentia que a sua alma estava tão corrompida, que não havia nada de bom que pudesse dizer de si. E emudeceu até mesmo quanto às imperfeições alheias, tamanha foi a dor

⁴² Citação aproximada do Salmo 38, 3.

que sentiu ao tomar conhecimento da própria miséria.

Aqui, nessa caminhada espiritual, as almas também se fazem submissas e obedientes. Pois, como se veem tão miseráveis, não apenas cuidam de prestar atenção àquilo que lhes ensinam, mas ainda desejam que qualquer um lhes mostre o caminho e diga o que devem fazer. Perdem aquela presunção que tinham às vezes no tempo de sua prosperidade. E finalmente são varridas todas as imperfeições que mencionamos acerca da soberba espiritual.

Capítulo 13

Outros proveitos que a noite dos sentidos traz à alma.

Devido às imperfeições nascidas da avareza espiritual, a alma cobiçava muitas coisas espirituais. Mas nunca ficava satisfeita, por mais que praticasse exercícios devotos, já que sua fome de deleites era insaciável. Agora, porém, anda bem mudada nesta noite árida e escura. Como já não encontra aquelas sensações prazerosas que

costumava ter, mas, ao contrário, só desgosto e padecimento, pratica suas devoções com tanta prudência que poderia pecar por moderação tão gravemente como pecava antes por excesso. No entanto, geralmente Deus protege desse perigo aqueles que conduz por esta noite, dando-lhes humildade e prontidão de espírito. Tira-lhes, porém, os contentamentos, para que façam o que lhes mandam só para agradá-Lo. E assim se desapegam de muitas coisas nas quais já não encontram satisfação.

Quanto à luxúria espiritual, também se vê claramente que, por conta da aridez e ausência dos gozos sensíveis nas coisas espirituais, a alma livra-se daquelas impurezas já mencionadas, as quais, como dissemos, procediam em geral dos contentamentos que, a partir do espírito, derramavam-se sobre os sentidos.

As imperfeições relacionadas com a gula espiritual, das quais a alma se livra nesta noite escura, são aquelas já referidas quando falei desse vício. Não disse todas ali, porque são inumeráveis. Pelo mesmo motivo, também não vou listá-las aqui, pois gostaria de concluir já com

esta noite dos sentidos e passar logo à noite da alma, sobre a qual tenho coisas importantes a dizer.

Além dos já mencionados, a alma obtém nesta noite outros inúmeros proveitos quanto ao vício da gula espiritual. Para se avaliar quais sejam, basta dizer que ela se livra de todas as imperfeições acima relatadas e de outros tantos males ainda piores (que não mencionei) em que caíram muitas pessoas que conheço, por não terem corrigido os apetites da gula espiritual.

Deus põe a alma nesta noite árida e escura, na qual sua concupiscência é domada e seus apetites refreados, para que ela não possa mais se empanturrar de nenhum desejo ou gozo sensível nas coisas do céu e da terra. E isso se prolonga de tal maneira que a alma vai se mortificando, reformando e corrigindo sua concupiscência e apetites. Assim suas paixões vão perdendo a força.

Por causa dessa sobriedade espiritual, seguem-se, além dos benefícios descritos, outros admiráveis proveitos para a alma. A mortificação dos apetites e das concupiscências dá à alma paz

e tranquilidade espiritual, pois, onde não reinam tais apetites e concupiscências, não há perturbação, mas paz e consolação de Deus. Daqui provém o segundo benefício: a alma pensa em Deus frequentemente, com temor e receio de voltar atrás no caminho espiritual, como foi dito. E isso é de grande proveito, um dos maiores proporcionados por essa árida purgação dos apetites. Pois a alma se livra e purifica daquelas imperfeições, adquiridas por meio de seus apetites e inclinações que a embotavam e ofuscavam.

Há outro enorme proveito para a alma nesta noite. É que ela se exercita em muitas virtudes ao mesmo tempo, tais como a paciência e a longanimidade, as quais vão se aperfeiçoando à medida que ela suporta os vazios e securas desta noite e persevera nos exercícios espirituais sem esperar receber em troca nenhum deleite ou consolação. Desse modo, ela se fortalece no amor de Deus, porquanto já não é movida pelo deleite atraente e saboroso que experimentava antes, mas só pela vontade de agradá-lo. Também exercita aqui a virtude da fortaleza, pois tira forças de sua fraqueza, em meio às dificuldades e

dissabores que enfrenta, e assim se fortalece. Nessa aridez, a alma se exercita finalmente em todas as demais virtudes, tanto cardeais como teologais e morais⁴³.

Davi ensina que a alma obtém nesta noite os quatro proveitos que referimos aqui, a saber: gozo de paz, frequente lembrança de Deus, limpeza e pureza de alma e ainda fortalecimento das virtudes. E diz como quem o experimentou pessoalmente ao passar por esta noite: “Minha alma rejeitou as consolações. Lembrei-me de Deus. Encontrei consolo na meditação, e meu espírito desfaleceu”. E logo acrescenta: “Meditei de noite em meu coração, refletindo, esquadrinhando e purificando o meu espírito”⁴⁴ de todos os seus apegos.

⁴³ Virtudes cardeais: prudência, justiça, fortaleza e temperança; virtudes teologais: fé, esperança e caridade (Catecismo 1805 e 1813). Virtudes morais: virtudes cardeais e ainda: verdade, honra, coragem, fidelidade, perseverança, etc. (Santo Tomás de Aquino, *Suma Teológica, Pars Prima Secundae*, Questão 61, Arts. 1 e 2). (N.T.)

⁴⁴ Citação aproximada do Salmo 76, 3-4 e 7.

Nessa aridez dos apetites, a alma ainda se purifica e adquire as virtudes contrárias às imperfeições próprias dos outros três vícios espirituais de que já falamos (ira, inveja e preguiça). Pacificada e humilhada por essas securas e dificuldades (além de outras tentações e tribulações por meio das quais o Senhor a fortalece nesta noite), torna-se mansa para com Deus, para consigo mesma e também para com o próximo. Dessa maneira, já não se irrita nem se inquieta ante as faltas que comete contra si mesma e tampouco diante das faltas alheias contra o próximo. Também não se desgosta nem se queixa exageradamente quando Deus não lhe concede logo as graças que pede.

A alma ainda se mostra caridosa para com as outras pessoas no que se refere à inveja. Se tem alguma, não é viciosa como antes, quando sentia pesar se alguém fosse preferido a ela ou se a precedesse no caminho da santidade. Reconhecendo-se agora tão miserável, já não se presume melhor que ninguém. E a inveja que tem, se tem, é virtuosa, pois desperta nela a vontade de imitá-los, coisa que denota grande virtude.

O desinteresse e o tédio que sente aqui pelas coisas espirituais tampouco são viciosos como antes, pois não nascem mais da fome daqueles gozos espirituais que por vezes usufruía ou buscava sem encontrar. Mas agora o tédio não vem dessa fraqueza da vontade, já que Deus a livrou de todas as suas fraquezas nesta purgação dos apetites.

Além dos proveitos já referidos, consegue outros inumeráveis por meio desta árida contemplação. Estando mergulhada nessas securas e apertos, muitas vezes, quando menos espera, Deus infunde na alma certa suavidade espiritual e amor puríssimo. E eventualmente revela-lhe verdades espirituais refinadíssimas, cada qual de valor e proveito maior que tudo quanto experimentou antes. Contudo, nos princípios, a alma não se dá conta disso, porque a iluminação espiritual que aqui se dá é muito sutil, e ela ainda não é capaz de lhe apreender o sentido.

Finalmente, ao mesmo tempo que a alma se purga de suas inclinações e apetites sensitivos, também consegue liberdade de espírito, com a

qual vai alcançando os doze frutos do Espírito Santo⁴⁵.

Aqui também livra-se admiravelmente dos seus três inimigos: o demônio, o mundo e a carne. Pois, extinguindo-se o desejo e o deleite sensível das coisas criadas, nem o demônio, nem o mundo, nem a sensualidade têm armas ou forças contra o espírito.

Essa aridez faz a alma andar com pureza no amor de Deus. E já não se anima a servi-lo em troca de contentamentos e deleites, como fazia quando desfrutava de tais graças, mas somente para agradar a Deus. Deixa de ser presunçosa e orgulhosa, como era no tempo de sua prosperidade. Torna-se receosa de si e não sente nenhum agrado próprio. E assim dá mostra de santo temor que conserva e aumenta as virtudes.

Essa aridez também apaga as concupiscências e impulsos naturais, como foi dito. Aqui, a não ser o deleite espiritual que Deus

⁴⁵ Os doze frutos do Espírito: caridade, alegria, paz, paciência, longanimidade, bondade, benignidade, mansidão, fidelidade, modéstia, continência e castidade (Gálatas 5, 22-24). (N.T.)

lhe infunde de vez em quando, só por milagre encontrará, por conta própria, gosto e consolo sensível em alguma obra ou exercício espiritual, como foi dito acima.

Cresce-lhe nesta noite árida o zelo de Deus e as ânsias por servi-lo. Como vão secando os peitos da sensualidade, onde os seus apetites se alimentavam e se fortaleciam, o que fica é apenas a sincera ânsia de servir a Deus, coisa que Lhe agrada muito, pois, como diz Davi, “O espírito penitente é sacrifício [agradável] a Deus”⁴⁶.

A alma obteve tantos e tão valiosos proveitos ao passar por essa aridez purgativa, tais como os aqui relatados, que não exagera ao dizer o verso que vamos comentando:

Oh, ditosa ventura! Saí sem ser notada.

Isto é, saí da armadilha e da escravidão dos apetites sensitivos, com suas inclinações desordenadas, *sem ser notada*, quer dizer, sem que os meus três inimigos pudessem me impedir. Esses, como dissemos, aproveitavam-se dos apetites e deleites da alma como se fossem laços

⁴⁶ Salmo 50, 19.

que a atavam e não a deixavam *sair* de si mesma para a liberdade do perfeito amor de Deus. Mas agora, sem tais armas, os inimigos da alma já não podem combatê-la, como disse.

Segue-se daí que as quatro paixões da alma – gozo, dor, esperança e temor – são pacificadas por meio de contínua mortificação; os apetites naturais da parte sensual ficam adormecidos devido às frequentes securas; e a harmonia entre os sentidos e as faculdades interiores é restabelecida, mediante a cessação de todo esforço de investigação racional, como dissemos. Tudo isso é representado pelo silêncio da gente que habita a parte inferior da alma. A partir de agora, nenhuma dessas forças poderá impedir a liberdade espiritual da alma, de sorte que a sua casa permanecerá sossegada e quieta, como diz o verso seguinte.

Capítulo 14

Explica o último verso da primeira canção.

Estando já minha casa sossegada.

Estando já a casa da sensualidade *sossegada*, ou seja, tendo sido mortificadas as suas paixões, apagada a sua avareza, sossegados e adormecidos os seus apetites, por meio desta ditosa noite de purgação sensitiva, a alma *saiu* para dar início à caminhada do espírito, que é a dos progredidos (também conhecida como *via iluminativa* ou de *contemplação infusa*). Nela, o próprio Deus apascenta e reorienta a alma, sem necessidade de que ela colabore com nenhum esforço de raciocínio ou qualquer outra ajuda ativa.

Tal é a noite de purgação dos sentidos, como dissemos. E costuma vir acompanhada de grandes aflições e tentações sensitivas, que duram muito tempo, às vezes mais, às vezes menos, naqueles que entrarão depois na noite do espírito (a qual será ainda mais penosa) para chegar enfim à divina união de amor de Deus.

Mas nem todos entrarão, pois geralmente poucos chegam lá.

A alguns será dado o anjo de Satanás⁴⁷, o espírito de fornicção, para que lhes açoite os sentidos com abomináveis e assombrosas tentações. E lhes atormente o espírito com ideias perniciosas e imagens muito vívidas em sua mente, que por vezes são castigo pior que a morte. Outras vezes, acrescenta-se nesta noite o espírito de blasfêmia, que se imiscui em todas as suas ideias e pensamentos com blasfêmias intoleráveis. Às vezes, sugeridas à imaginação com tanta força que quase chegam a ser pronunciadas, infligindo-lhes grande tormento. Ainda outras vezes, dá-se-lhes outro espírito abominável, o espírito de vertigem, para que se fortaleçam. Esse, de tal maneira lhes obscurece os sentidos, que ficam cheios de mil escrúpulos e perplexidades, tão intrincadas para a sua mente que nunca podem satisfazer-se com nada nem socorrer à razão com nenhum conselho ou ideia. Trata-se de um dos mais duros estímulos e

⁴⁷ 2 Coríntios 12, 7.

maiores horrores desta noite, muito próximo daqueles experimentados na noite espiritual.

Geralmente Deus envia essas tempestades e padecimentos nesta noite de purgação sensitiva àqueles que há de introduzir depois na noite do espírito (embora nem todos cheguem lá). Castigados e esbofeteados dessa maneira, esses se fortalecem e se preparam, calejando os sentidos e as faculdades, para se unirem à sabedoria que ali deverão receber. Porque, se a alma não é tentada, fortalecida e provada com tentações e padecimentos, não pode elevar seus sentidos até a Sabedoria. Por isso, o Eclesiástico diz: “Que sabe aquele que não é tentado? E que pode discernir quem não é provado?”⁴⁸. Jeremias confirma essa verdade, dizendo: “Castigaste-me, Senhor, e fui ensinado”⁴⁹. O castigo mais adequado para nos fazer adquirir sabedoria são os sofrimentos interiores que descrevemos aqui, porquanto são os que mais eficazmente purgam os sentidos de todos os deleites e consolações que os embaraçavam devido à sua fraqueza natural.

⁴⁸ Eclesiástico 34, 9-11.

⁴⁹ Jeremias 31, 18.

Desse modo, a alma é verdadeiramente humilhada antes de ser glorificada.

Não é possível, porém, dizer exatamente quanto tempo a alma passa nesse jejum penitente dos sentidos, pois nem todos o experimentam da mesma forma, nem sofrem as mesmas tentações. Isso depende da vontade de Deus. Uns mais, outros menos, conforme o que cada um tem de imperfeições a purgar. Também depende do grau de união de amor a que Deus quer elevá-la. Em função disso, ele a humilhará mais ou menos intensamente, por mais ou menos tempo. Deus purga de maneira mais intensa e rápida àqueles que estão predispostos e têm mais força para sofrer. Contudo, aos muito fracos ele purga com fracas tentações e imensa compaixão e por longo tempo leva-os através desta noite, dando-lhes constantes refrigérios aos sentidos para que não voltem atrás. Esses tardam a alcançar a perfeita purificação nesta vida. Alguns nunca a alcançam, pois nem entram devidamente nesta noite, nem saem inteiramente dela. Embora saiba que não seguirão em frente, Deus os fortalece por alguns momentos, ou mesmo por alguns dias, naquelas securas e tentações para que conservem a

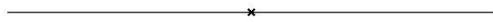
humildade e se conheçam melhor. Outras vezes, socorre-os por algum tempo dando-lhes consolações para que não desanimem e não voltem a buscar as consolações do mundo. A outras almas ainda mais fracas, Deus guia ora se mostrando, ora se ocultando, para fortalecê-las em seu amor, pois sem tais distanciamentos não aprenderiam a se desapegar⁵⁰ e se elevar a Deus.

Mas as almas que haverão de alcançar o elevadíssimo e venturosíssimo estado de união de amor costumam ficar longo tempo nessa aridez, por mais que Deus se apresse em conduzi-las, como demonstra a experiência.

Concluindo assim este livro, começo então a tratar da segunda noite.

⁵⁰ “Desapegar-se” das consolações do mundo. (N.T.)

LIVRO



SEGUNDO



A NOITE DO
ESPÍRITO

ONDE SE TRATA DA MAIS ÍNTIMA PURGAÇÃO

Capítulo 1

Começa a tratar da noite do espírito.
Diz quando tem início.

A alma que Deus há de levar adiante não é introduzida imediatamente por Sua Majestade na união de amor, tão logo sai das securas e fadigas da primeira purgação na noite dos sentidos. Pois, uma vez superado o estado de principiante, ela costuma passar longo tempo e até anos se exercitando no estado de progredida.

E assim, como quem saiu de um cárcere estreito, avança nas coisas de Deus com muito mais desenvoltura, satisfação de alma e deleite interior mais abundante do que nos primeiros tempos, antes de entrar na noite sensitiva. Seus pensamentos e suas faculdades já não estão presos a nenhum raciocínio particular nem a inquietações espirituais, como era frequente. E com grande facilidade, sem cansar o intelecto, encontra prontamente em seu espírito

sereníssima e amorosíssima contemplação e deleite espiritual.

No entanto, a alma ainda não está de todo purgada, visto que lhe falta a purgação do espírito, que é a parte principal. Sem isso, a purgação dos sentidos continua imperfeita e inacabada, por mais intensa que tenha sido. O motivo é a forte ligação entre ambas, que constituem afinal uma só pessoa. Desse modo, não faltarão aqui algumas securas, trevas e apuros, às vezes, muito mais intensos que os precedentes. São como que presságios e mensageiros da vindoura noite do espírito. Mas não duram muito, como há de durar a noite esperada. Depois de passar algum tempo ou até alguns dias nessa noite tempestuosa, a alma volta prontamente à costumeira serenidade. Dessa maneira, Deus vai purgando algumas almas que não haverão de subir a um grau de amor tão elevado. Ele as introduz nesta noite de contemplação e purgação espiritual por curtos períodos intercalados, fazendo anoitecer e amanhecer amiúde para que se cumpram as palavras de Davi: “Deus lança seu granizo”, isto é,

sua contemplação, “aos poucos”¹. E certamente essas pequenas doses de contemplação escura nunca são tão intensas como a horrenda noite de contemplação que vamos descrever, na qual Deus introduz a alma para conduzi-la à divina união.

Os progredidos encontram com facilidade e desfrutam fartamente em seu espírito essa deleitosa sensação interior. E daí ela transborda sobre os sentidos mais do que costumava acontecer antes desta purgação sensitiva, pois agora ela se lhes comunica com muito mais abundância. Estando já mais puros, com muita facilidade, os sentidos podem participar a seu modo dos gozos do espírito. Porém, como enfim a parte sensitiva da alma é fraca e incapaz de suportar as experiências mais vigorosas do espírito, essa fácil ligação espiritual causa nos progredidos muitas debilidades, abatimentos e fraquezas de estômago. E, por conseguinte, esgotamento do espírito, pois, como diz o sábio, “o corpo que se corrompe sobrecarrega a alma”². Por isso, devido à fraqueza e corrupção da

¹ Salmo 147, 17.

² Sabedoria 9, 15.

sensualidade que aí toma parte, essas experiências não podem ser muito vigorosas, nem muito intensas, nem muito espirituais, ao contrário do que se requer para a divina união com Deus. Daqui procedem os arrebatamentos, os transportes e os desconjuntamentos de ossos que sempre acontecem quando a ligação não é puramente espiritual, ou seja, quando apenas o espírito une-se a Deus, como ocorre aos perfeitos, já purificados pela noite do espírito. Nesses cessam já os arrebatamentos e tormentos do corpo. E assim podem gozar da liberdade do espírito sem que os sentidos participem e se obscureçam.

Para que se compreenda a necessidade que os progredidos têm de entrar na noite do espírito, mostraremos aqui algumas de suas imperfeições e também os perigos que os ameaçam.

Capítulo 2

Algumas imperfeições dos progredidos.

Os progredidos têm dois tipos de imperfeições: as habituais e as atuais. Habituais são as inclinações e os hábitos imperfeitos que ainda estão enraizadas naquelas partes do espírito aonde a purgação dos sentidos não pôde chegar. A diferença entre a purgação das imperfeições habituais e atuais é comparável a que há entre a raiz e os ramos ou entre o trabalho de tirar uma mancha fresca de um tecido e outra muito velha e assentada. Como dissemos, a purgação dos sentidos é só a porta que se atravessa para dar início à contemplação que conduz à purgação do espírito. E presta-se mais a acomodar os sentidos ao espírito do que a unir o espírito com Deus. Isso porque nessa altura ainda permanecem no espírito as manchas do velho homem, embora ele não possa vê-las e pense que já se livrou delas. Então, se não forem removidas com o sabão e o forte alvejante da purgação desta segunda noite, o espírito não poderá avançar para a pureza da união divina.

Esses progredidos ainda conservam o embotamento da mente e a rudeza natural que todo homem adquire pelo pecado, assim como a distração e a exterioridade de espírito. Para eliminar tais imperfeições, é necessário que eles sejam instruídos, esclarecidos e se recolham³ mediante os padecimentos e apuros da noite do espírito. Todos aqueles que ainda não avançaram para além do estado de progredidos têm essas imperfeições habituais que são incompatíveis com a perfeita união de amor com Deus.

Quanto às imperfeições atuais, nem todos caem nelas da mesma forma. Certas pessoas recebem essas graças espirituais de maneira tão exteriorizada e tão acessível aos sentidos, que acabam por incorrer em alguns daqueles inconvenientes e perigos que atingem os principiantes, como dissemos. Nelas, multiplicam-se os fenômenos místicos perceptíveis pelos sentidos e pelo espírito, com

³ É necessário que o fiel se separe do mundo para buscar a Deus em recolhimento espiritual, como se extrai de Êxodo 23, 32-33; Isaías 52, 11; Jeremias 51, 45; Ezequiel 20, 34; 2 Coríntios 6, 17; etc. (N.T.)

numerosas visões imaginárias e espirituais⁴. O demônio e a própria imaginação muito frequentemente enganam tais almas com tudo isso e ainda com muitas outras sensações prazerosas. O demônio costuma sugerir e imprimir na alma essas percepções e sensações de maneira tão deleitosa, que a seduz e engana com grande facilidade, a menos que ela se acautele, renunciando decididamente a tais visões e sensações.

Aqui o demônio leva muitos a crer em visões enganosas e falsas profecias, tentando fazê-los acreditar que Deus e os santos lhes falam. Muitas vezes, porém, não passa de engano da própria imaginação. Assim, o demônio costuma enchê-los de presunção e soberba. E, movidos por sua vaidade e arrogância, gostam de ser vistos em

⁴ Visões imaginárias: todo tipo de imagem, ideia e representação simbólica que a imaginação pode receber sobrenaturalmente. Visões espirituais: experiências místicas que não “entram” pela imaginação, mas são impressas diretamente na alma, também de maneira sobrenatural (*Subida do Monte Carmelo*, Livro 2, cap. 16, § 2; e cap. 23, § 3). (N.T.)

público em circunstâncias que lhes emprestem certa aparência de santidade, como são os arrebatamentos e outros fenômenos visíveis. Fazem-se assim atrevidos diante de Deus e perdem o santo temor, que é fundamento e amparo de todas as virtudes. As falsidades e os enganamentos costumam multiplicar-se a tal ponto em algumas almas, e elas tanto persistem no erro, que é pouco provável voltarem ao caminho da autêntica virtude e verdadeira espiritualidade. Chegam a essa miséria porque confiaram demasiadamente em suas sensações e intuições espirituais quando começavam a progredir no caminho espiritual.

Havia tanto a dizer sobre as imperfeições dos progredidos e como são difíceis de curar (posto que eles as consideram mais espirituais que as dos principiantes), que prefiro não falar mais nada. Só vou acrescentar o seguinte, para demonstrar como a purgação da noite espiritual é necessária a quem há de passar adiante: nenhum progredido, por melhor que tenha andado, deixa de ter muitos daqueles apegos naturais e hábitos imperfeitos, os quais, já dissemos, deverão ser purificados antes de se

passar à divina união. Além disso, há de se levar em conta o que foi dito acima, a saber: uma vez que a parte inferior da alma ainda participa dos contatos espirituais dos progredidos com Deus, tais contatos não podem ser tão intensos, puros e fortes como requer a divina união. Logo, para alcançar essa união, será necessário que a alma entre na noite do espírito, na qual os sentidos e o espírito serão completamente despidos de todos os seus conhecimentos e vontades para caminhar em escura e pura fé, que é o meio próprio e adequado pelo qual a alma se une com Deus, como diz Oséias: “Eu te desposarei comigo – isto é, te unirei a mim – na fé”⁵.

Capítulo 3

Anotação introdutória ao capítulo seguinte.

Ao longo do tempo que já se passou, os progredidos experimentaram esses doces contatos espirituais com Deus. Isso serviu para atrair a parte sensitiva, de modo que ela também saboreasse o deleite espiritual que emanava do

⁵ Oséias 2, 22.

espírito. E desse modo se unisse, acomodasse e se fizesse um só com ele, comendo do mesmo manjar espiritual no mesmo prato, como uma só pessoa e uma só essência, embora cada qual à sua maneira. Para que assim, estando de certo modo unidos e configurados como um só, animem-se a suportar a áspera e dura purgação do espírito que os espera. É desse modo que as duas partes da alma (a espiritual e a sensitiva) haverão de se purgar inteiramente, já que uma nunca se purga bem sem a outra.

A mais proveitosa purgação dos sentidos começa quando a alma se determina a purgar também o espírito. Donde se conclui que a noite dos sentidos pode e deve ser entendida mais propriamente não como uma purgação, mas como certa reforma dos apetites dos sentidos, destinada a refreá-los. Isso porque todas as imperfeições e desordens da parte sensitiva nascem no espírito e dele tiram suas forças. Em consequência, a parte sensitiva não poderá ser bem purgada até que se purguem os maus hábitos, as rebeliões e as instabilidades do espírito. Então, para que essas duas partes possam se purgar juntas na noite do espírito, é

necessário que a alma seja previamente reformada na noite dos sentidos. Nessa primeira noite, a parte sensitiva alcança a serenidade necessária para se unir com o espírito, de modo que ambos possam purgar-se e padecer com mais vigor nesta segunda noite. Por certo, nossa fraca natureza humana não teria disposição para suportar tão espantosa e difícil purgação se não corrigisse previamente as debilidades da parte inferior. E se logo em seguida não adquirisse forças em Deus por meio daquele doce e saboroso trato com ele.

Até aqui, os progredidos continuam buscando a Deus de maneira muito baixa, visto que não purificaram nem poliram o ouro do espírito. Por isso, ainda creem em Deus como pequeninos, falam de Deus como pequeninos, compreendem e experimentam a Deus como pequeninos, segundo diz São Paulo⁶. Falta-lhes alcançar o estado de perfeição, que é a união de amor com Deus. Aí chegando, agigantam-se e realizam grandes obras com seu espírito, de

⁶ 1 Coríntios 13, 11.

modo que suas obras e faculdades já são mais divinas que humanas, como se dirá depois.

Querendo despi-los do velho homem e revesti-los do novo, que é criado na renovação dos sentidos, como diz o apóstolo⁷, Deus despoja-os de suas faculdades, inclinações e sentidos, tanto espirituais como sensitivos, sejam interiores, sejam exteriores. Deixa-lhes o entendimento às escuras, a vontade às secas, a memória vazia e os apegos da alma em extrema aflição, amargura e aperto. E priva a alma dos sentidos e dos deleites que gozava quando recebia graças espirituais. Essa privação é uma das primeiras coisas que se requer do espírito para a união de amor, que se consuma quando ele recebe a essência do Espírito e se une a ela.

Tudo isso o Senhor faz na alma por meio de uma pura e escura contemplação, como ela dá a entender na primeira canção. Embora essa canção já tenha sido comentada no início do *Livro da Noite dos Sentidos*, a alma a compreende mais especialmente como expressão da noite do espírito, que é a parte principal da sua

⁷ Efésios 4, 23-24.

purificação. E assim vamos reapresentá-la a seguir e explicá-la outra vez a partir desse outro ponto de vista.

Capítulo 4

Apresenta a primeira canção e sua explicação.

*Em uma noite escura,
Com ânsias, em amores inflamada,
Oh, ditosa ventura!
Saí sem ser notada,
Estando já minha casa sossegada.*

Interpretando agora essa canção a propósito da purgação espiritual (ou contemplação, ou desnudamento, ou pobreza de espírito, que aqui é quase a mesma coisa), podemos explicá-la como se a alma dissesse assim: “Empobrecida e desapegada de todo o saber de minha alma, isto é, com o meu entendimento obscurecido, a minha vontade em aperto e a minha memória em aflição e angústia, estando, portanto, às escuras em pura fé (situação que é como uma noite escura para essas faculdades naturais), conservando, porém, apenas a vontade, ferida de aflições, dor e ânsias

de amor de Deus, *sai* de mim mesma. Ou seja, abandonei o meu baixo modo de compreender, o meu mesquinho jeito de amar e a minha pobre e limitada maneira de gostar de Deus, sem que a minha sensualidade ou o demônio pudessem me impedir. E isso foi boa sorte e motivo de grande felicidade para mim, já que, depois de terem sido *sossegadas* e aniquiladas as faculdades, paixões e inclinações da minha alma, com as quais baixamente sentia e me deleitava em Deus, *sai* daquela insuficiente maneira de buscar e tratar com Deus para buscar e tratar diretamente com Ele. Em outras palavras, meu entendimento *saiu* de si, deixando de ser humano para tornar-se divino, pois, estando unido com Deus por meio dessa purgação, já não entende as coisas daquela maneira limitada e míope de antes, mas sim por meio da divina Sabedoria com que se uniu. E minha vontade também *saiu* de si, fazendo-se divina, porque, unida com o divino Amor, já não ama com aquela força e vigor limitados de antes, mas com a força e a pureza do divino Espírito. Assim, estando já próxima de Deus, minha vontade não me move mais a agir humanamente,

e minha memória foi substituída por visões da glória eterna”⁸.

Por fim, todas as forças e inclinações da alma se renovam por meio desta noite de purgação do velho homem, em virtude do poder e dos deleites divinos.

Capítulo 5

Apresenta o primeiro verso e começa a explicar que a contemplação escura não é apenas noite para a alma, mas também castigo e tormento.

Em uma noite escura.

Esta noite escura é um influxo de Deus sobre a alma, que a purga de suas ignorâncias e imperfeições habituais, quer sejam naturais, quer sejam espirituais. Os contemplativos chamam-na de contemplação infusa ou teologia mística, pois aqui Deus ensina secretamente à alma e a instrui

⁸ Deus revela à alma as “visões da glória eterna”, isto é, as realidades celestiais para que ela passe a depositar suas esperanças não mais nas glórias do mundo, e sim nas do céu. (N.T.)

em perfeição de amor⁹. Mas ela não tem de fazer nada além de pôr amorosamente toda a sua atenção em Deus, ouvi-lo e receber a sua luz, não procurando entender como se dá essa contemplação infusa. Sendo amorosa sabedoria divina, tal contemplação produz extraordinários efeitos na alma, já que a predispõe para a união de amor com Deus, purgando e iluminando-a. Pois a sabedoria amorosa que purga os espíritos bem-aventurados, instruindo-os, é a mesma que aqui purga e ilumina a alma.

Fica, porém, a dúvida: por que a alma chama aqui de noite escura ao fogo divino que, como dizemos, a ilumina e purga de suas ignorâncias? A resposta é que a divina sabedoria não é somente noite e escuridão para a alma, mas também castigo e tormento, por duas razões. A primeira é

⁹ Em *Cântico Espiritual*, Canção 39, § 12, São João da Cruz explica que *teologia mística* é “sabedoria escondida e secreta de Deus. Por meio dela, sem ruído de palavras, às escuras de tudo o que é sensorial e natural, Deus ensina ocultíssima e secretissimamente à alma, sem que ela saiba como. Alguns mestres espirituais a definem como um *entender não entendendo*”. (N.T.)

que a grandeza da sabedoria divina excede a capacidade da alma e por isso é percebida por ela como se fosse trevas. A segunda é que essa luz lhe é penosa, aflitiva e também escura devido à baixeza e à impureza da alma.

Para demonstrar a primeira razão, é necessário ter em mente as palavras do filósofo, segundo as quais, à medida que as coisas divinas são em si mesmas mais claras e manifestas, tanto mais obscuras e ocultas são para os sentidos naturais do homem, do mesmo modo que, quanto mais clara é a luz, tanto mais obscurece e cega a coruja. E, ainda, quanto mais plenamente se mira o Sol, mais ele obscurece e tolhe a visão, sobrepujando-a devido à sua fraqueza.

Daí por que a divina luz de contemplação produz trevas espirituais ao se lançar sobre a alma que ainda não está totalmente instruída. Pois não somente a excede, mas também a obscurece e priva de sua inteligência natural. Por isso, São Dionísio e outros teólogos místicos chamam a contemplação infusa de raio de trevas. Quer dizer, é trevas para a alma não instruída e

não purgada, cuja inteligência natural é vencida e paralisada por essa grande luz sobrenatural.

Por esse motivo, Davi disse acertadamente que perto de Deus e em volta dele há nuvens e escuridão¹⁰. Não porque Ele, em si mesmo, seja escuridão, mas porquanto o nosso fraco entendimento é ofuscado diante de tão imensa luz e se obscurece sem poder alcançar tal culminância. A esse respeito, Davi também disse: “Por causa do grande resplendor de Sua presença, interpuseram-se nuvens”¹¹ entre Deus e o nosso entendimento. É por isso que esse luminoso raio de sabedoria secreta de Deus produz trevas escuras ao incidir sobre o entendimento da pessoa que ainda não foi reformada.

É fácil entender o motivo por que a contemplação escura é também penosa para a alma nos princípios. Como a divina contemplação infusa tem muitas qualidades extremamente benéficas e como a alma que as recebe antes de ser purgada ainda traz em si

¹⁰ Salmo 96, 2.

¹¹ Citação aproximada do Salmo 17, 13.

muitas misérias, resulta que essas duas realidades contrárias não cabem juntas na mesma pessoa. Inevitavelmente a alma há de se afligir e padecer, já que é dentro dela que essas forças opostas lutam uma contra a outra. É assim que essa contemplação purga as imperfeições da alma. Demonstraremos isso por indução, da seguinte maneira.

Primeiro, porque a luz de sabedoria dessa contemplação é muito clara e pura, ao passo que a alma sobre a qual ela se lança encontra-se impura e em escuridão. Consequentemente, a alma sofre muito debaixo dessa luz, assim como os olhos em mal estado, impuros e enfermos, padecem ao ser feridos por uma luz intensa.

Devido à sua impureza, a alma sofre imensamente quando é atingida com toda força pela luz divina. De fato, quando essa pura luz se lança sobre a alma a fim de expelir suas impurezas, ela se sente tão impura e miserável que pensa estar Deus contra ela e ela contra Deus. E fica muito triste e desgostosa, pensando que Deus a rejeitou. Essa foi uma das maiores aflições que Jó sentiu quando Deus o colocou neste

exercício espiritual: “Por que me puseste contra ti? Por que sou molesto e pesado a mim mesmo?”¹². Ao ver aqui claramente sua impureza, por meio desta clara e pura luz, embora às escuras, a alma entende sem dúvida que não é digna de Deus nem de qualquer criatura. E o que mais lhe dói é o receio de que nunca será e não existe mais esperança para ela. Isso é fruto da profunda tomada de consciência de seus males e misérias. Aqui a divina e escura luz coloca tudo isso diante de seus olhos para que ela veja com clareza que não deve esperar outra coisa de si. Nesse sentido podemos entender aquelas palavras de Davi: “Por causa de sua iniquidade, corrigistes o homem e fizeste sua alma se decompor como a presa encapsulada pela aranha”¹³.

A segunda coisa que faz a alma padecer nesta noite escura é a sua fraqueza natural e espiritual. Quando a divina contemplação investe com alguma força a fim de fortalecer e domar a alma, ela padece de tal maneira, por conta de sua

¹² Jó 7, 20.

¹³ Citação aproximada do Salmo 38, 12.

fraqueza, que quase desfalece, principalmente quando essa luz incide com alguma força nova. Os sentidos e o espírito penam e agonizam como se estivessem debaixo de um fardo imenso e tenebroso. Tanto que a alma aceitaria a morte como um alívio. Quando passou por isso, o Santo Jó disse: “Não quero que uses de toda a tua força no trato comigo, para que o peso de tua grandeza não me oprima”¹⁴.

Debaixo dessa pesada opressão, a alma pensa que está muito longe de ser favorecida por Deus. E supõe, com razão, que os seus apoios costumeiros se acabaram, assim como todos os demais. E que não há ninguém que se compadeça dela. Sobre isso, Jó também disse: “Compadecei-vos de mim, compadecei-vos de mim ao menos vós, meus amigos, porque a mão do Senhor me tocou”¹⁵.

Aqui a fraqueza e impureza da alma é ainda tão grande que ela sente a mão de Deus tremendamente pesada e hostil – coisa assombrosa e digna de lástima – embora seja por

¹⁴ Jó 23, 6.

¹⁵ Jó 19, 21.

si mesma tão suave e afetuosa! Pois Deus não ergue a mão para castigá-la. Apenas toca-a misericordiosamente para lhe conceder graças.

Capítulo 6

Outras aflições que a alma experimenta nesta noite.

O terceiro castigo que a alma padece aqui se deve a duas outras realidades contrastantes: o divino e o humano que se unem aqui. O divino é a contemplação purgativa, e o humano é a própria alma. O divino lança-se sobre a alma para renová-la e fazê-la divina, despindo-a de suas inclinações habituais e de tudo aquilo que é próprio do velho homem, com o qual ela ainda está muito unida, mesclada e identificada. E, de tal maneira a esmaga e descompõe, absorvendo-a em profundas trevas, que ela sente que está se desfazendo e derretendo à vista das próprias misérias numa cruel morte do espírito. E, assim, padece essas angústias como se fosse devorada e digerida no ventre tenebroso de uma besta, como Jonas nas entranhas do monstro marinho¹⁶. Com

¹⁶ Jonas 2, 1.

feito, é necessário que a alma penetre nesse sepulcro sombrio de morte antes da ressurreição espiritual que espera alcançar.

Essa aflição dolorosa excede tudo o que se pode encarecer. De todo modo, é assim descrita por Davi: “Cercaram-me os gemidos da morte (...) as dores do inferno me rodearam, clamei em minha tribulação”¹⁷.

Porém, o que mais dói nessa alma enferma é a clara sensação de que foi rejeitada por Deus, de que ele a repeliu e lançou nas trevas. Para ela, é duro e triste castigo pensar que foi desamparada por Deus. Davi também sentiu intensamente essa amargura, quando se viu na mesma situação: “Assim como os chagados estão mortos nos sepulcros, já desamparados por tua mão sem que te lembres deles, assim me puseram no abismo mais profundo e inferior, em lugares tenebrosos, à sombra da morte. Sobre mim pesa o teu furor e todas as tuas ondas descarregaste sobre mim”¹⁸. Quando esta contemplação purgativa oprime intensamente a alma, ela sente com grande

¹⁷ Salmo 17, 5-7.

¹⁸ Salmo 87, 6-8.

realismo as sombras da morte, as dores e os gemidos do inferno, que consiste em sentir-se sem Deus, castigada e rejeitada por ele, que parece estar cansado de tão indigna criatura. Tudo isso ela sofre aqui. Mas a pior parte é o terrível pressentimento de que essa agonia nunca vai se acabar.

Sente-se igualmente desamparada e desprezada por todas as criaturas, especialmente, por seus amigos. Em vista disso, Davi prossegue dizendo: “Afastaste de mim meus amigos e conhecidos, tornei-me repulsivo para eles”¹⁹. O profeta Jonas confirma tudo isso com propriedade, como quem também o experimentou corporal e espiritualmente, dizendo: “Arrojaste-me nas profundezas, no coração do mar, e a torrente me cercou. Todas as tuas ondas passaram em multidão sobre mim. E disse: Fui banido de diante de teus olhos. Porém outra vez verei o teu santo Templo – diz isso porque aqui Deus purifica a alma para que ela possa vê-Lo –, cercaram-me as águas até a alma, o abismo me envolveu, o mar cobriu minha

¹⁹ Salmo 87, 9.

cabeça, desci aos limites dos montes marinhos. Os ferrolhos da terra me encarceraram para sempre”²⁰. Esses ferrolhos representam aqui as imperfeições da alma, que a impedem de gozar essa prazerosa contemplação.

A quarta coisa que faz a alma padecer vem de outro grande benefício da contemplação escura: a descoberta da majestade e grandeza de Deus. Tomando consciência de sua pobreza e miséria interior, ela entende que se encontra numa posição que é o extremo oposto da de Deus. Esse é um dos principais castigos que ela padece nessa purgação. Sente-se profundamente pobre e carente de três tipos de bens que fazem a alegria da alma, quais sejam, os bens temporais, os naturais e os espirituais. E vê-se munida dos males contrários, a saber, as misérias de suas imperfeições, a aridez espiritual, o esvaziamento dos conhecimentos adquiridos por meio das suas faculdades e o desamparo do espírito mergulhado em trevas. Porquanto Deus purga aqui a substância sensitiva e espiritual da alma, em suas faculdades interiores e exteriores. Para isso, é

²⁰ Jonas 2, 4-7.

necessário que ela seja esvaziada, empobrecida e desamparada por todas essas partes até ficar seca, vazia e em trevas. Pois a parte sensitiva se purifica em securas; as faculdades da alma, no esvaziamento de seu saber; e o espírito, em escuridão absoluta.

Deus faz tudo isso por meio desta contemplação escura, onde a alma padece o esvaziamento e a suspensão desses apoios naturais e de seu saber. Com efeito, trata-se de um padecer muito angustiante, comparável à agonia de quem foi suspenso numa forca e não consegue respirar. Ao mesmo tempo, Ele também purga completamente as paixões e os hábitos imperfeitos contraídos pela alma durante toda a sua vida, enfraquecendo-os, aniquilando-os ou consumindo-os, do mesmo modo que o fogo tira a ferrugem do metal.

Como essas imperfeições costumam se arraigar profundamente na alma, ela sente grande desconsolo e tormento interior. Além disso, ainda se aflige vendo a miséria e o vazio de seu corpo e espírito, como dissemos. Aqui se constata como são verdadeiras as palavras de

Ezequiel: “Juntarei os ossos e queimá-los-ei no fogo, consumir-se-ão as carnes, e coser-se-á toda essa mistura, e dissolver-se-ão os ossos”. Desse modo, o profeta nos dá a entender o que sofrem os sentidos e o espírito ante o vazio e a miséria da alma. E acrescenta logo em seguida: “Coloca também a panela vazia sobre as brasas para aquecer e derreter o seu metal, de maneira que se desprenda do meio dela sua imundície e seja removida sua ferrugem”²¹. Assim se descreve o grande sofrimento da alma que é purgada no fogo desta contemplação. Ou seja, o profeta compara os apegos enraizados no centro da alma à ferrugem que se forma no fundo de uma panela. E diz que, para desenraizá-los e purificar a alma, é necessário, de certo modo, que ela mesma se aniquile, na medida em que está identificada com eles, livrando-se de suas paixões e imperfeições.

Nessa fornalha, a alma se purifica como o ouro no crisol, segundo diz o sábio²². E sente que a porção mais interior da sua alma está passando por um grande dismantelamento que a deixa

²¹ Ezequiel 24, 10-11.

²² Sabedoria 3, 6.

como que arruinada e em extrema miséria. É o que Davi sentiu quando clamou a Deus: “Salvame, Senhor, porque as águas penetraram até a minha alma. Estou preso no lodo mais profundo e não tenho onde me agarrar. A tempestade me arrastou e vim ter ao fundo do mar. Pelejei clamando, minha garganta enrouqueceu, meus olhos desfaleceram de tanto esperar em meu Deus”²³.

Aqui Deus humilha muito a alma para exaltá-la muito depois. Mas, se ele não ordenasse que esses sentimentos se abrandassem rapidamente, tão logo se avivam na alma, o corpo desfaleceria em poucos dias. Por isso, são intercalados os períodos em que esse transe interior atinge tal intensidade (às vezes, tão extrema que a alma supõe que está perdida e prestes a ser lançada no inferno). Aqueles que passam por isso são os que verdadeiramente descem vivos ao inferno²⁴. E purgam-se aqui neste mundo como se estivessem no purgatório, pois essa purgação é a mesma que haveriam de fazer ali, inclusive das culpas

²³ Salmo 68, 2-4.

²⁴ Salmo 54, 16.

veniais. E assim a alma, que passa por isso e fica bem purgada, ou não entra depois, ou fica pouco tempo naquele lugar, porque mais vale uma hora desse padecer aqui na terra do que muitas no purgatório.

Capítulo 7

Prossegue no mesmo assunto falando de outras aflições e apuros da vontade.

As aflições e os apuros da vontade também são imensos aqui. E às vezes transpassam a alma movidos pela súbita lembrança de seus males e pela incerteza de sua cura. Junta-se a isso a lembrança das alegrias passadas, porque, quando entram nesta noite, geralmente essas almas já receberam muitas consolações de Deus e prestaram-lhe muitos serviços. E sua maior dor é verem-se tão distantes daquele tempo feliz que não volta mais. Jó também fala sobre isso, como quem o experimentou: “Eu, que era opulento e rico, de repente, eis-me esmagado e contrito. Agarrou-me pela nuca, quebrantou-me e fez de mim seu alvo para me ferir. Cercou-me com suas

lanças, chagou as minhas costas. Não me perdoou, derramou minhas entranhas sobre a terra. Despedaçou-me, infligindo-me chagas sobre chagas. Investiu contra mim como forte gigante. Costurei um saco, cobri minha pele e lancei cinzas sobre minha carne. De tanto chorar, meu rosto inchou e cegaram-se meus olhos”²⁵.

São tantos e tão grandes os castigos desta noite, e há tantas passagens na Escritura sobre isso, que nos faltaria tempo e forças para citar todas. Sem dúvida, tudo o que se pode dizer é pouco. Mas, pelas passagens já mencionadas, poder-se-á avaliar o que seja.

Para concluir o comentário desse verso e demonstrar o que a noite escura significa para a alma, quero citar a meditação de Jeremias:

“A mim, varão que constato minha miséria sob a vara da indignação de Deus, censurou-me e trouxe-me às trevas, não à luz. Levantou sua mão e desceu-a sobre mim o dia inteiro. Fez definhar minha pele e minha carne, esfarelou meus ossos. Ergueu uma cerca à minha volta, assediou-me

²⁵ Jó 16, 12-16.

com fadigas e amarguras. Colocou-me num lugar tenebroso, como os mortos que foram abandonados para sempre.

“Sitiou-me por todos os lados e reforçou minhas cadeias para que eu não escape. E ainda, quando clamei e roguei, não ouviu a minha oração. Bloqueou meus caminhos e minhas saídas com pedras lavradas. Desbaratou meus passos, designou vigias sobre mim como leões de tocaia. Transtornou-me e quebrantou-me. Abandonou-me desamparado. Esticou seu arco e me escolheu como alvo de suas flechas. Cravou em minhas entranhas as setas da sua aljava. Tornei-me objeto de escárnio de todo o povo, motivo de riso e zombaria o dia inteiro.

“Encheu-me de amarguras, embriagou-me com absinto. Um por um, quebrou meus dentes e deu-me cinza a comer. Minha alma está privada de paz, apartado que estou de sua graça. E disse: frustrados e acabados estão meus planos, meus anseios e minha esperança no Senhor. Lembra-te de minha miséria e de minha excessiva aflição e

amargura. Penso nisso sem cessar, e minha alma desfalece em dores”²⁶.

Com todas essas lamentações, Jeremias descreve suas dores e angústias. E pinta com enorme realismo os sofrimentos da alma nesta noite de purgação espiritual. Há que se ter grande compaixão da alma que Deus põe nesta espantosa e horrenda noite. Na verdade, porém, ela tem muita sorte de estar aqui, em razão dos altos proveitos que há de colher quando Deus tirar enormes graças dessas mesmas trevas, convertendo em luz as sombras da morte, como diz Jó²⁷. E assim sua luz será tão grande como foram suas trevas, segundo afirma Davi²⁸.

Contudo, devido ao seu grande sofrimento e à incerteza da própria salvação, a alma acredita que o seu mal não terá fim, como aqui diz esse profeta. E sente que Deus a condenou a habitar na escuridão como os mortos, como também diz Davi²⁹. Por isso, seu espírito se angustia, e

²⁶ Lamentações 3, 1-20.

²⁷ Jó 12, 22.

²⁸ Salmos 138, 12.

²⁹ Salmo 142, 3.

perturba-se seu coração tomado por grande dor e infelicidade.

Some-se a isso o fato de que, na solidão e no desamparo desta noite escura, a alma não encontra apoio nem consolação em nenhuma doutrina ou diretor espiritual. Embora essa mesma noite escura lhe confirme de muitas maneiras os inúmeros benefícios que pode obter por meio desses padecimentos, ela não consegue acreditar. Pois, conhecendo profundamente os seus males e vendo com notável clareza suas misérias, supõe que os esforços de seu diretor espiritual para confortá-la não levam em conta a sua verdadeira situação, já que ele não pode saber tudo o que ela sente e vê em si mesma. Assim, suas palavras de consolo acabam por renovar essa dor, pois ela acredita que não podem remediar o seu mal. E, na verdade, é isso mesmo. Até que o Senhor acabe de purgá-la do jeito que ele quiser, nada poderá aliviar a sua dor. Mesmo porque a alma que se encontra nesse estado pode fazer tão pouco por si como pode um prisioneiro que foi lançado numa masmorra escura com pés e mãos atados, sem conseguir se mover nem enxergar nada, nem receber nenhuma ajuda do

céu ou da terra. Não sairá dessa masmorra até que o seu espírito se humilhe, abrande e purifique, tornando-se tão sutil, simples e refinado ao ponto de fazer-se um só com o Espírito de Deus, segundo o grau de união de amor que Sua misericórdia quiser lhe conceder. Em função disso, a purgação será mais ou menos forte e vai durar mais ou menos tempo.

Mas, se há de ser verdadeira purgação, por mais intensa que seja, prolonga-se por alguns anos, visto que Deus concede à alma períodos de refrigério nos quais a contemplação escura deixa de produzir um efeito purgativo e passa a se lançar sobre ela de maneira iluminativa e amorosa. Nesses intervalos de descanso e liberdade, ela sente-se tão aliviada como quem sai do confinamento de uma masmorra e chega a um lugar amplo e arejado, onde pode se desafogar, gozando de grande e suave paz, amorosa amizade com Deus, além de fácil e abundante união espiritual. Isso é indício da cura que a purgação vai produzindo na alma e prenúncio da abundância que a espera.

Às vezes, essas graças são tamanhas que ela supõe já findadas as suas provações. Pois as coisas espirituais têm esta particularidade: tratando-se de tribulações, quanto mais puramente espirituais, mais parece que nunca vão se acabar e que já não haverá remédio para a alma, como vimos nas passagens citadas. Do mesmo modo, sendo graças espirituais, ela também supõe que já se acabaram os seus males e que nunca lhe faltarão os favores do céu, como asseverou Davi ao se ver assim agraciado por Deus: “Eu disse no tempo da minha prosperidade: não se acabará jamais”³⁰. Isso acontece porque a presença de um certo estado de espírito na alma, por si mesma, repele o estado contrário. Porém, essa regra não se aplica ao pé da letra à parte sensitiva da pessoa, haja vista a sua fraca capacidade de perceber as coisas espirituais. Como o espírito ainda não está aqui inteiramente purgado e limpo das inclinações contraídas por sua parte inferior (se bem que já tenha mais consistência e firmeza), ainda poderá se afligir enquanto estiver apegado a elas. Foi o

³⁰ Salmo 29, 7.

que ocorreu a Davi. Embora acreditasse, no tempo da prosperidade, que sua alegria duraria para sempre, pouco depois viu-se acossado por grandes calamidades e sofrimentos.

Acostumada a receber abundantes graças espirituais, a pessoa não consegue enxergar a raiz das imperfeições e impurezas que ainda lhe restam e supõe que não há mais nada que purgar. Mas esse pensamento ocorre-lhe poucas vezes, pois, até que se conclua a purificação espiritual, muito raramente essas suaves comunicações espirituais chegam a ser tão abundantes ao ponto de impedi-la de ver o que ainda resta de suas imperfeições. E ela não deixa de sentir lá no íntimo um não sei quê que lhe falta ou está por fazer e não lhe permite gozar inteiramente aquele alívio. Pois presente dentro de si como que um inimigo, o qual, embora esteja como que sossegado e adormecido, a qualquer momento pode acordar e aprontar das suas. De fato, quando a alma está mais segura de si e menos prevenida, esse inimigo oculto volta a tragá-la e absorvê-la na noite escura. Num nível ainda mais penoso, sombrio e lastimável que poderá durar outro período talvez mais longo que o anterior.

Aqui a alma crê de novo que todas as suas esperanças se acabaram para sempre. Nem mesmo a lembrança da alegria que sentiu depois de superar a primeira tribulação (quando também pensava que nunca mais voltaria a penar) pode convencê-la, neste segundo grau de tormento, de que não está tudo acabado e a presente tribulação também terá fim, como na vez passada. Conforme dito acima, essa certeza obstinada deve-se ao seu presente estado de espírito, que aniquila tudo o que pode lhe dar algum contentamento.

Assim, nessa purgação, a alma sente que quer bem a Deus e daria mil vidas por ele (e é verdade, porque, mesmo passando por esses padecimentos, tais almas continuam amando verdadeiramente ao seu Deus). Contudo, isso não lhe alivia a consciência; antes causa-lhe mais dor, pois, apesar de amá-lo tanto e não fazer outra coisa senão amá-lo, ela se vê tão miserável que não consegue encontrar em si nada que seja digno de ser amado. Pelo contrário, só descobre coisas que merecem ser detestadas, não só por Ele, como também por todas as criaturas,

eternamente. E sofre vendo em si motivo de ser repelida por Quem ela tanto ama e deseja.

Capítulo 8

Outros padecimentos que afligem
a alma neste estado.

Há neste estado outra coisa que aflige e desconcola muito a alma. Como a noite escura paralisa as suas faculdades e inclinações, ela não pode elevar sua afeição e sua mente a Deus como antes nem fazer oração. Sente-se na mesma situação de Jeremias quando Deus pôs uma nuvem sobre ele para que sua oração não subisse ao céu³¹. É o que ele quer dizer na passagem já referida: “Bloqueou meus caminhos com pedras lavradas”³². E, se algumas vezes reza, é com tanta aridez e descontentamento que até parece que Deus não ouve nem se importa com ela. Esse profeta também diz isso na mesma passagem: “Quando clamei e roguei, rejeitou

³¹ Lamentações 3, 44.

³² Lamentações 3, 9.

minha oração”³³. Na verdade, este é o tempo de pôr a boca no pó, como diz Jeremias, sofrendo com paciência sua purgação³⁴. Aqui é Deus quem opera na alma. Por isso, ela não pode fazer nada por conta própria. Não consegue nem rezar, nem se concentrar muito nas coisas divinas. Tampouco se ocupar de suas responsabilidades e atividades sociais. E não só isso; muitas vezes produzem-se tais alheamentos e tão profundas falhas de memória que ela passa longo tempo sem se lembrar do que fez ou pensou e até mesmo do que está fazendo ou pretende fazer. Também não é capaz de fixar a atenção em nada do que está fazendo, por mais que tente.

Aqui o entendimento purga-se de seu imperfeito saber. E a vontade, de suas inclinações. Além disso, é necessário eliminar da memória todas as ideias e raciocínios. Tudo isso para que se realize nessa alma o mesmo que Davi diz ter passado nesta purgação: “Fui aniquilado e não sabia”³⁵. Esse não saber diz respeito inclusive

³³ Lamentações 3, 8.

³⁴ Lamentações 3, 29.

³⁵ Salmo 72, 22.

às fraquezas e às falhas de memória, que produzem esquecimentos e alheamentos, em virtude do recolhimento interior no qual esta contemplação absorve a alma.

Para que a alma e suas faculdades se predisponham e se inclinem ao divino, de modo a alcançar a divina união de amor, é necessário primeiramente que ela e todas essas faculdades sejam absorvidas nesta divina e escura luz espiritual de contemplação. E assim seja despojada de todo desejo e saber humanos. Isso toma um tempo variável em cada caso, segundo o propósito de Deus. E, quanto mais simples e pura é a divina luz, tanto mais há de obscurecer, esvaziar e aniquilar o saber e as vontades da alma, no que se refere às coisas do céu e da terra. Por outro lado, à medida que é menos simples e pura, menos priva a alma de seu saber e das coisas a que está apegada, e menos obscura é para ela. Parece inacreditável que a divina luz sobrenatural se mostre à alma mais escura na medida que seja de fato mais clara e pura. E, quanto menos o seja, menos escura se lhe apresenta. Isso será mais bem entendido se nos lembrarmos do que ficou provado acima com a

máxima do filósofo segundo a qual as coisas sobrenaturais são mais obscuras para o nosso entendimento na medida que são mais claras e manifestas em si mesmas.

Quando incide sobre a alma com a sua divina luz, esse sublime raio de contemplação sobrepuja as suas forças naturais. Desse modo, obscurece e priva-a de toda ideia e saber humano que ela havia concebido até então por meio da própria luz natural. E deixa-a não só em escuridão, mas ainda esvaziada de suas faculdades e apetites, tanto espirituais como naturais. Deixando-a assim vazia e às escuras, purga e ilumina-a com a divina luz espiritual, sem que ela se dê conta de que está recebendo essa luz, mas acreditando que está em trevas, como dissemos. É como o raio de luz que quase não se vê, quando não há partículas suspensas no ar sobre as quais possa incidir. Mas que se mostra nitidamente ao refletir nelas.

Assim é esta luz espiritual que investe sobre a alma. Por ser tão pura, não se revela tanto em si mesma. Mas, quando tem algo onde refletir, isto é, quando a alma busca compreender alguma verdade sublime, ou quando precisa discernir o

que é falso ou verdadeiro, logo o vê e entende com muito mais clareza do que via antes de entrar nesta escuridão. Do mesmo modo, a luz espiritual que incide sobre ela dá-lhe a conhecer exatamente suas imperfeições. É semelhante à luz do Sol, que não se mostra tanto em si mesma, mas cuja presença logo se nota quando incide sobre um objeto qualquer.

Por ser essa luz espiritual tão simples, pura e universal, não influenciada nem limitada por nenhuma interpretação pessoal acerca das coisas naturais ou divinas (já que esvaziou as faculdades da alma, aniquilando tudo o que elas sabiam), resulta que, com grande universalidade e facilidade, a alma sonda e compreende qualquer coisa do céu ou da terra que se lhe apresente. Por isso o apóstolo disse que o homem espiritual sonda todas as coisas, até mesmo as profundezas de Deus³⁶. É dessa sabedoria simples e universal que o Espírito Santo fala pela boca do sábio: “Por sua pureza, tudo penetra e atravessa”³⁷, porque

³⁶ 1 Coríntios 2, 10.

³⁷ Sabedoria 7, 24.

não se reduz a nenhuma interpretação particular nem a qualquer inclinação pessoal.

Isso é próprio do espírito purgado, cujos apegos e ideias particulares foram completamente aniquilados. Por não gostar de nada nem compreender nada em particular – estando imersa em seu vazio, escuridão e trevas –, a alma tem grande disposição para abraçar todas as coisas. E assim se realiza misticamente nela as palavras de São Paulo: “Nada tendo, tudo possuímos”³⁸. Pois a bem-aventurança do apóstolo se devia a tal pobreza de espírito.

Capítulo 9

Explica como esta noite instrui e dá luz ao espírito, embora o obscureça.

Falta então dizer que, conquanto esta ditosa noite obscureça o espírito, faz isso com o único propósito de dar-lhe luz em todas as coisas. Embora o humilhe e lance em miséria, é tão somente para exaltar e libertá-lo. Se bem que o

³⁸ 2 Coríntios 6, 10.

empobreça e esvazie, despojando-o de tudo o que tem e ama, é apenas para que possa expandir divinamente sua capacidade de gostar e desfrutar de todas as coisas do céu e da terra com plena liberdade de espírito em tudo.

Assim como é preciso que um dado elemento da natureza não tenha cor, odor ou sabor para se misturar a qualquer outro elemento ou composto sem lhe alterar o sabor, o odor ou a cor, assim também é necessário que o espírito seja simples e puro e se desnude de todas as suas inclinações pessoais, tanto atuais como habituais, para ser capaz de unir-se à divina sabedoria com toda liberdade e largueza de espírito. Dessa maneira, graças a sua limpeza, poderá experimentar todos os sabores de todas as coisas com certa perfeição superior. Por outro lado, sem essa purgação, não haverá de sentir nem desfrutar de modo algum a alegria de toda uma variedade de sabores espirituais. Basta reter uma só inclinação ou um só apego, atual ou habitual, para não poder sentir, nem gostar, nem se unir à delicadeza e ao íntimo deleite do Espírito de Amor que contém em si todos os sabores com grande perfeição.

Como diz a divina Escritura, o maná tinha a suavidade de todos os gostos e assumia o sabor que cada um desejava³⁹. No entanto, bastou que os filhos de Israel retivessem um só desejo (o desejo das carnes e comidas com que se deleitavam no Egito) para que não pudessem apreciar o refinado pão dos anjos no deserto⁴⁰. Do mesmo modo, o espírito também não poderá gozar os deleites do espírito de liberdade como gostaria enquanto estiver apegado a qualquer desejo, atual ou habitual, ou ainda às suas ideias particulares, ou qualquer outra limitada tentativa humana de apreender a realidade. Isso porque os gostos, os sentimentos e as percepções do espírito perfeito são muito superiores e especialissimamente divinos. São, portanto, de outro gênero, bem diferentes de seus correspondentes naturais. A tal ponto que, para possuir habitual e atualmente esses dons divinos, será preciso aniquilar aqueles outros. Portanto, é muito conveniente e necessário que a noite escura de contemplação aniquile a alma,

³⁹ Sabedoria 16, 21.

⁴⁰ Êxodo 16, 3.

despojando-a primeiro de suas baixeiras, pondo-a às escuras e em aridez, solidão e vazio interior. Só assim ela poderá alcançar essas grandezas. Pois a luz que se lhe há de dar é uma altíssima luz divina que excede toda luz natural e não cabe naturalmente no entendimento humano.

Para que o nosso entendimento consiga unir-se à luz divina e fazer-se divino no estado de perfeição, deve primeiro ser purgado. E sua luz natural, aniquilada na escuridão desta contemplação escura. Essas trevas precisam durar tanto tempo quanto seja necessário para aniquilar aquela sua antiga e habitual maneira de ver as coisas, que será por fim substituída pelo conhecimento e pela luz divina.

Até aqui, a alma recorria à própria luz natural a fim de compreender todas as coisas. Mas agora, desprovida desse recurso, ela se vê em meio a trevas profundas, horríveis e muito penosas, que a afligem no lugar mais íntimo de seu espírito.

O amor que lhe será dado na união com Deus é igualmente divino e, portanto, muito espiritual, sutil, refinado e muito íntimo. Excede todas as

paixões da alma⁴¹ e todos os sentimentos naturais e imperfeitos nascidos da vontade humana e seus apetites. Então, para que a vontade possa se inclinar aos elevadíssimos deleites dessa divina união de amor, antes é preciso que todas as inclinações e apegos da alma sejam purgados e aniquilados. Para isso, ela será deixada em aridez e aperto durante o tempo que for necessário para desapegar-se de suas inclinações naturais, quer no que se refere às coisas divinas, quer às humanas. Depois de arder no fogo desta contemplação escura – tal como ardeu em brasas o coração do peixe de Tobias⁴² –, ela há de ficar extenuada, fraca e livre de todo tipo de sujeição. Em consequência, conseguirá se predispor com pureza e simplicidade, seu paladar será purgado e curado e ainda poderá sentir os sublimes e admiráveis toques do divino amor que deverão transformá-la divinamente, expelindo todos os entraves atuais e habituais.

⁴¹ Paixões da alma: gozo, dor, esperança e temor, como se disse em *Livro Primeiro*, cap. 13. (N.T.)

⁴² Tobias 6, 17.

Além disso, para alcançar aquela união proporcionada pela noite escura, a alma deverá ser plenamente capaz de certo desapego heroico em seu relacionamento com Deus. Assim ela há de obter inumeráveis graças e deleites superiores a tudo que poderia conseguir sozinha. Pois, como diz Isaías: “Nenhum olho viu, nenhum ouvido ouviu, nenhum coração humano concebeu o que Deus preparou para os que o amam”⁴³. Para tanto, é necessário, antes de mais nada, que ela seja esvaziada até ficar completamente pobre de espírito. Isso se faz purgando-se todos os seus apegos, consolações e saber humano acerca de todas as coisas do céu e da terra. E assim, estando vazia, bem pobre de espírito e despida do velho homem, poderá viver aquela nova e bem-aventurada vida (o estado de união com Deus), que se alcança por meio desta noite escura.

A alma há de ter um conhecimento divino riquíssimo e proveitoso acerca de todas as coisas divinas e humanas, incompreensível para o senso comum e o saber natural. A partir daí, o seu olhar sobre elas será tão distinto do que costumava ser

⁴³ Isaías 64, 4.

como a luz e a graça do Espírito Santo diferem da luz dada pelos sentidos humanos, ou como as coisas divinas são diferentes das humanas. Em razão disso, será preciso enfraquecer aquele comum e habitual modo de sentir do espírito, fazendo-o experimentar a grande angústia e apuro produzidos por esta contemplação purgativa. Também a memória deverá ser apartada de toda ideia familiar e tranquilizadora para sentir, de maneira muito íntima e serena, desapego e estranheza de todas as coisas, que lhe parecerão diferentes do que costumavam ser.

Assim esta noite vai tirando o espírito do seu ordinário e comum modo de sentir as coisas para trazê-lo ao divino sentir, que é estranho e alheio a toda experiência humana. Tanto que a alma supõe que está fora de si. Outras vezes, chega a pensar que é efeito de algum encantamento ou alucinação. E anda maravilhada, pois tudo o que vê e ouve lhe parece muito exótico e estranho, embora seja o mesmo de sempre. Isso porque a alma já começa a se desinteressar e distanciar do comum sentir e entender as coisas para que, despojada do seu humano sentir, venha a ser

instruída nas coisas divinas, que são mais da outra vida que desta.

A alma padece todas essas aflitivas purgações do espírito para renascer na vida espiritual por meio desta divina intervenção. E debaixo de tais dores vem a parir o espírito de fortaleza para que se cumpram as palavras de Isaías: “Diante de tua face, Senhor, concebemos, estivemos como que em dores de parto” e parimos o espírito de fortaleza⁴⁴.

Ademais, por meio desta noite contemplativa, a alma se predispõe para alcançar uma tranquilidade e paz interior tamanha e tão deleitosa que excede toda compreensão, como diz a Escritura⁴⁵. Antes disso, porém, é necessário que aquela primeira paz seja completamente purgada, pois estava envolta em tantas imperfeições que não era verdadeira paz. Embora parecesse ser a perfeita paz (paz dos sentidos e do espírito), não era senão o contentamento de quem satisfaz as próprias vontades. É por isso que a alma deve ser confundida e despojada dessa

⁴⁴ Isaías 26, 17-18.

⁴⁵ Filipenses 4, 7.

imperfeita paz inicial. Foi o que aconteceu a Jeremias, que se afligia e lamentava os infortúnios desta noite dizendo: “Minha alma está privada e apartada da paz”⁴⁶.

Essa é uma penosa perturbação que vem acompanhada de muitos receios, dúvidas e combates no interior da alma. Depois de reconhecer e compreender as próprias misérias, ela suspeita que está perdida e se acabaram para sempre as graças que recebia até então. Por isso, seu espírito sente profunda dor que pranteia com fortes urros espirituais, os quais por vezes chega a soltar pela boca. E se desfaz em lágrimas quando tem força e capacidade para isso, embora poucas vezes encontre tal alívio.

O profeta e rei Davi descreveu muito bem esse transe num salmo, como quem também o experimentou: “Fui em extremo afligido e humilhado, meu coração geme, lanço gritos lancinantes”⁴⁷. Tais gritos derivam de grande dor. Porque, diante da súbita e aguda lembrança dessas misérias que a alma vê em si mesma,

⁴⁶ Lamentações 3, 17.

⁴⁷ Salmo 37, 9.

algumas vezes sente tamanha dor e sofre tanto que não sei como poderia descrever senão pela comparação usada pelo Santo Jó ao passar pela mesma tribulação: “Assim como o bramido das águas, assim é o meu grito”⁴⁸. Pois, do mesmo modo que a enxurrada das águas às vezes tudo invade e submerge, assim também esse grito pungente cresce tanto que invade e atravessa a alma inteira, cumulando com angústias e dores espirituais todas as suas forças e afetos profundos, muito mais do que se pode encarecer.

Tal é o efeito desta noite sobre a alma: encobre a sua esperança de ver a luz do dia. A esse propósito, também diz o mesmo Jó: “De noite, minha boca é transpassada por dores, e o mal que me devora não dorme”⁴⁹. Aqui a boca simboliza a vontade consumida por essas dores que não cessam de despedaçar a alma, pois as dúvidas e receios que a afligem nunca cessam.

Essa guerra é profunda porque a paz que a alma espera alcançar há de ser muito profunda. E sua dor espiritual é íntima, sutil e apurada porque

⁴⁸ Jó 3, 24.

⁴⁹ Citação aproximada de Jó 30, 17.

o Amor que há de possuir há de ser também muito íntimo e apurado. Pois, quanto mais íntima e esmerada há de ficar a obra depois de pronta, tanto mais íntimo, esmerado e puro há de ser o esforço para a sua construção. E, quanto mais a alma se empenha nessa tarefa, tanto mais firme será o edifício. Por isso, como diz Jó, ela está se consumindo em si mesma, e suas entranhas ardem sem esperança⁵⁰.

É exatamente assim que a alma vai caminhando por esta noite purgativa até chegar ao estado de perfeição onde há de possuir e gozar inumeráveis graças em forma de dons e virtudes, tanto na essência da alma como em suas faculdades. Mas antes geralmente é necessário que ela olhe para si mesma e sinta-se alheia e privada de todos esses favores divinos. E acredite que está tão longe de merecê-los que ninguém possa convencê-la de que jamais poderá possuí-los, visto que todas as suas esperanças se acabaram, como também diz Jeremias na mesma passagem: “Esqueci o que é a felicidade”⁵¹.

⁵⁰ Jó 30, 27.

⁵¹ Lamentações 3, 17.

Essa luz de contemplação é tão suave e benigna que não há nada que a alma possa desejar mais. Até porque, como vimos acima, é a mesma com que ela há de se unir no estado de perfeição para aí encontrar todas as graças que desejou. Mas por que razão essa luz provoca inicialmente aqueles efeitos penosos e desagradáveis que descrevemos? A essa dúvida se responde facilmente, repetindo o que já foi dito em outra parte, a saber, que não há nada na contemplação e na divina infusão que por si mesmo possa causar dano algum, mas, ao contrário, muita suavidade e deleite, como diremos depois. Na verdade, a causa dessas sensações desagradáveis é a fraqueza e a imperfeição da própria alma, além de sua indisposição interna para receber aquela suave contemplação. É por isso que a alma padece da maneira já descrita quando a luz divina investe sobre ela.

Capítulo 10

Explica com uma analogia a finalidade desta purgação.

Para que se entenda claramente o que já foi dito e ainda resta dizer, é preciso aqui notar que essa purgativa revelação amorosa (ou luz divina) da qual estamos falando age sobre a alma, purgando e predispondo-a para uni-la perfeitamente consigo, da mesma maneira que o fogo age sobre a madeira para transformá-la em fogo. Quando o fogo material investe sobre a madeira, começa por secá-la, lançando fora a umidade e fazendo-a chorar a água que tem em si. E logo torna-a negra, sombria e feia. Secando-a pouco a pouco, vai trazendo à luz e jogando fora tudo o que ela tem de feio e escuro, contrário ao fogo. Depois de aquecê-la e inflamá-la a partir de fora, acaba finalmente por transformá-la em fogo e fazê-la tão bela como ele mesmo. Feito isso, a madeira já não apresenta nenhuma característica própria, salvo o fato de ter peso e densidade menos sutil que o fogo. Pois incorporou em si as propriedades e o comportamento do fogo. Está seca, e resseca; está

quente, e aquece; está iluminada e ilumina. Está muito mais ágil do que antes, pois o fogo imprimiu nela todas essas propriedades e efeitos.

Com isso em mente, podemos filosofar sobre o divino fogo de amor de contemplação. Antes de unir-se com a alma e transformá-la em si, primeiro ele a purga de tudo o que impede a união dos dois. E faz com que ela deite fora suas fealdades, tornando-a negra e escura. Assim, de início, ela parece pior do que antes, pois essa divina purgação vai removendo todas as suas inclinações más e viciosas. Se ela não as conseguia ver até então, é porque estavam muito arraigadas e assentadas na alma. Por isso não sabia que tinha tanto mal dentro de si. Mas agora são colocadas diante de seus olhos para serem lançadas fora e aniquiladas. E como ela vê em si tão claramente coisas que nunca tinha visto antes, iluminadas pela escura luz de divina contemplação, sente que não está pronta para se apresentar diante de Deus. Mas não só isso, sente que merece ser rejeitada e que já foi mesmo rejeitada por Deus (embora realmente não esteja pior do que sempre foi, nem à vista de si mesma, nem à vista de Deus).

A partir dessa comparação, podemos agora entender muito do que já dissemos e ainda pretendemos dizer.

Primero, podemos entender que a própria luz da sabedoria amorosa, que há de se unir à alma e transformá-la, é a mesma que de início a purga e predispõe. Assim como o fogo transforma a madeira em fogo, incorporando-a a si, semelhantemente essa luz tratou primeiro de predispô-la para depois chegar ao mesmo resultado.

Segundo, podemos ver que esses castigos que a alma sofre não procedem da divina sabedoria, pois, como diz o sábio, “Junto com ela, todos os bens vieram à alma”⁵². Na verdade, é por causa da própria fraqueza e imperfeição que a alma não pode gozar a suavidade e o deleite da luz divina sem passar antes por essa purgação. De igual modo, a madeira não pode se transformar em fogo logo que é colocada nele, mas primeiro deve se predispor. Daí porque ela sofre tanto. O Eclesiástico também confirma essa verdade, contando o que padeceu para chegar a se unir

⁵² Sabedoria 7, 11.

com a divina sabedoria e gozá-la: “Minha alma agonizou em busca dela, minhas entranhas se agitaram para a procurar. Por isso, adquiri um bem precioso”⁵³.

Terceiro, podemos deduzir daqui, de passagem, que tipo de castigo experimentam as almas do purgatório. O fogo não teria poder sobre elas se estivessem inteiramente prontas para unir-se com Deus e reinar na glória eterna, isto é, se não tivessem nenhuma culpa para expiar (que é a matéria que o fogo dali pode queimar). Depois que todas as culpas são consumidas por esse fogo, não há mais o que queimar. Assim também é aqui nesta noite, pois, acabadas as imperfeições, acaba-se o penar da alma e começa o gozar, tanto quanto é possível nesta vida.

Quarto, concluiremos daqui o seguinte: à medida que a alma vai se purgando e purificando por meio desse fogo de amor, também vai se inflamando nele cada vez mais, tal qual a madeira, que se predispõe gradualmente à medida que se aquece. Contudo, a alma não percebe os efeitos desse incêndio de amor o

⁵³ Eclesiástico 51, 29.

tempo todo, exceto algumas vezes, quando a contemplação deixa de investir com tanta força. Nessas ocasiões, ela pode ver e apreciar a obra que está sendo feita. É como se interrompessem o trabalho e retirassem o ferro da fornalha para lhe mostrar de algum modo o trabalho que está sendo feito. Então ela consegue ver em si mesma os benefícios que já obteve, mas não podia ver enquanto a obra estava em andamento. Assim também, quando a chama deixa de arder na madeira, pode-se ver claramente quanto já queimou.

Quinto, partindo dessa comparação, também podemos confirmar o que já foi dito acima, isto é, que, após esses períodos de alívio, realmente a alma volta a padecer de maneira mais intensa e refinada do que antes. Porque, depois que lhe mostram quanto as suas imperfeições mais exteriores já foram purificadas, o fogo de amor volta a castigar o que resta purificar e consumir mais adentro. O padecer da alma vai se tornando mais íntimo, sutil e espiritual à medida que vão sendo depuradas suas mais íntimas, imperceptíveis e espirituais imperfeições, que estão mais profundamente arraigadas. Isso

acontece do mesmo modo que na madeira: à medida que o fogo vai penetrando mais fundo, com mais força e furor vai preparando a parte mais interna para possuí-la.

Sexto, deduziremos que, embora a alma desfrute esses períodos de descanso com grande entusiasmo (tanto que, como dissemos, às vezes lhe parece que seus padecimentos não voltam mais, embora seja certo que haverão de ressurgir prontamente), quando recomeçam, ela não deixa de sentir, se está atenta (e às vezes essa sensação se faz notar mesmo quando está distraída), um resto de inquietação que não lhe deixa usufruir por inteiro tal gozo, como que ameaçando lançar-se de novo sobre ela. E, quando sente isso, de fato, volta rapidamente a penar. Enfim, aquilo que resta purgar e instruir mais adentro na alma não pode se ocultar completamente ante o que já foi purificado. Assim como também na madeira é bem visível a diferença entre o que está por queimar mais ao centro e o que já foi purgado. E que ninguém se espante se a alma supõe outra vez que foi privada de todo bem e já não poderá reavê-lo, quando essa purificação volta a se arrojar mais fundo. Ela pensa assim porque,

estando imersa em padecimentos mais interiores, perde de vista todas as graças exteriores que já recebeu.

Posto isso e considerando o que já foi explicado sobre o primeiro verso da primeira canção desta noite escura, com suas terríveis propriedades, será bom deixar para trás essas coisas tristes da alma e começar logo a tratar do fruto de suas lágrimas e daquilo que ela tem de melhor, que começa a ser cantado a partir deste segundo verso.

Capítulo 11

Começa a explicar o segundo verso da primeira canção. Mostra como, depois das severas aflições acima relatadas, a alma é tomada de ardente paixão de amor divino.

Com ânsias, em amores inflamada.

Nesse verso, a alma descreve o fogo de amor de que falamos, o qual vai se agarrando a ela nesta noite de contemplação penosa, da mesma forma que o fogo material se agarra à madeira. De certo modo, este fogo é semelhante

àquele mencionado acima (que atingia a parte sensitiva da alma). Mas, ao mesmo tempo, este de que agora falamos é tão diferente daquele outro como a alma difere do corpo ou como a parte espiritual é diferente da sensitiva, pois aqui é o espírito que arde de amor. Em meio a essas sombrias aflições, a alma sente que é viva e agudamente ferida por um forte amor divino. E percebe que está na presença de Deus, embora não seja capaz de compreender nada do que se passa, já que, como dizemos, o seu entendimento está às escuras.

Aqui o espírito sente que arde em um grande amor, porquanto esse incêndio espiritual desencadeia nele um ímpeto de amor. Por ser amor infuso, a alma participa de maneira mais passiva, e assim ergue-se nela uma forte chama de amor. Como esse amor já tem algo de união com Deus, a alma também participa um pouco de Suas perfeições, as quais recebe mais pela ação de Deus que dela mesma, pois tudo o que ela faz é dar o seu consentimento de maneira simples e amorosa.

Apesar de toda força, calor e determinação desse ímpeto de amor da alma (ou incêndio, como ela o chama), o que realmente permanece é o amor de Deus que vai se unindo com ela. Esse amor encontra tanto mais lugar e predisposição na alma para unir-se com ela e feri-la, quanto mais recolhidos, desinteressados e incapacitados estão todos os seus apetites para as coisas do céu e da terra. Como foi dito, isso acontece prodigiosamente nesta purgação escura, pois Deus tratou de desmamar tão bem as faculdades da alma, e elas estão de tal maneira pacificadas, que não podem mais gostar de nada que costumavam desejar. Deus faz tudo isso a fim de que a alma junte e recolha dentro de si todas as suas faculdades. De modo que tenha mais força e capacidade para receber a forte união de amor de Deus, que ele já começa a lhe dar por esta via purgativa. Nela, a alma há de amar com todas as suas forças e apetites espirituais e sensitivos, coisa que não seria possível caso suas faculdades se dissipassem em outros amores.

Desejando fazer-se digno de receber a força do amor proporcionada por essa união com Deus, Davi lhe dizia: “Minha fortaleza guardarei para

ti”⁵⁴, ou seja, quero aplicar apenas em ti, Senhor, as capacidades, os apetites e o vigor de minhas faculdades. E não quero empregá-los nem me deleitar em nada mais fora de ti.

Diante disso, pode-se de algum modo avaliar como será grande e forte esse incêndio de amor no espírito cujas forças, faculdades e apetites da alma, tanto espirituais como sensitivos, foram todos pacificados por Deus para que em harmonia empreguem todas as suas forças e capacidades nesse amor. E assim venham a cumprir verdadeira e perfeitamente o primeiro mandamento que – sem menosprezar nada do homem nem dispensar nenhuma de suas partes do dever de amar – diz: “Amarás a teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua mente, com toda a tua alma e com todas as tuas forças”⁵⁵.

A alma está ardendo de paixão, golpeada e ferida em todos os seus apetites e forças aqui reunidos neste incêndio de amor. E qual não será a agitação e desorientação de todas essas forças e apetites, vendo-se inflamados e tomados de forte

⁵⁴ Citação aproximada de Salmo 58, 10.

⁵⁵ Deuteronômio 6, 5 e Mateus 22, 37.

amor, mas impedidos de possuí-lo e mergulhados em escuridão e dúvida? Certamente, estarão passando fome. Tanto maior quanto mais experimentam de Deus. Porque o toque desse divino fogo de amor resseca o espírito e aviva de tal modo o desejo de matar a sua sede que ele dá mil voltas em si mesmo. E deseja a Deus de mil formas, com aquela avidez do desejo que Davi descreve tão bem num salmo: “Minha alma teve sede de ti, minha carne te desejou de muitas maneiras”⁵⁶. Em outra tradução, lê-se: “Minha alma teve sede de ti, minha alma perece por ti”. Por isso a alma diz:

Com ânsias, em amores inflamada.

Pois ela ama de muitas maneiras e deseja em todas as coisas e pensamentos que revolve no seu íntimo e em todas as suas atividades e acontecimentos de cada dia. Do mesmo modo, também sofre de muitas maneiras por desejar o tempo todo e em todos os lugares, sem descanso, sentindo aquela ânsia apaixonada e aflita de que falou o Santo Jó: “Assim como o servo deseja a sombra e o mercenário deseja a recompensa por

⁵⁶ Salmo 62, 2.

seu trabalho, assim eu atravesssei os meses vazios e contei as noites longas e penosas. Se me deito para dormir, penso: Quando me levantarei? Logo que desperto, aguardo ansioso pela tarde. E, quando ela chega afinal, fico cheio de angústias até o anoitecer”⁵⁷.

Tudo é penoso para essa alma que não cabe em si nem no céu, nem na terra. E cobre-se de dores até o anoitecer. Interpretando espiritualmente essas palavras de Jó, segundo o nosso propósito, trata-se de um penar sem esperança, pois não há certeza de que se vai encontrar alguma luz e proveito espiritual. Por conta disso, a ânsia e o sofrimento da alma nesse incêndio de amor são ainda maiores, já que vêm em dobro: de um lado, são as trevas espirituais que a rodeiam e afligem com dúvidas e receios; de outro lado, é o amor de Deus, que a inflama e estimula com seu toque amoroso e a impele sobrenaturalmente.

Isaías descreveu muito bem esses dois tipos de padecimentos quando se achava em semelhante circunstância, dizendo: “Minha alma

⁵⁷ Jó 7, 2-4.

te desejou na noite”, ou seja, na miséria (esse é o primeiro padecimento que se experimenta nesta noite escura). “Porém, com meu espírito – continua o profeta –, velarei por ti em minhas entranhas até o amanhecer”⁵⁸ (e esse é o segundo padecimento, em forma de desejos e ânsias, que são as inclinações espirituais, gerado pelo Amor nas entranhas do espírito).

Em meio a tais padecimentos sombrios e amorosos, a alma sente, porém, dentro de si certa presença que a fortalece e lhe faz companhia. Tanto que, sem o peso dessas trevas aflitivas, muitas vezes sente-se só, vazia e fraca. Isso porque a alma recebia passivamente a força e a vivacidade transmitida pelo fogo tenebroso do Amor que se lançava sobre ela. Daí porque, quando tal fogo deixa de atingi-la, desaparecem não só as trevas que envolviam a alma, mas também a força e o calor desse Amor.

⁵⁸ Isaías 26, 9.

Capítulo 12

Explica por que esta horrível noite é purgativa e como nela a divina sabedoria ilumina os homens na terra com a mesma luz com que purga e ilumina os anjos no céu.

Pelo que foi dito, podemos ver que, assim como esta escura noite de fogo amoroso vai purgando às escuras, assim também, às escuras, a alma vai se inflamando nesse amor. Podemos constatar ainda que tal como os predestinados purgam-se na outra vida com um tenebroso fogo material, semelhantemente também se purgam e limpam na vida presente com um fogo amoroso, tenebroso e espiritual. A diferença é a seguinte: lá limpam-se com fogo e aqui limpam-se e iluminam-se com amor. Foi esse amor que Davi pediu quando disse: “Oh, meu Deus, criai em mim um coração puro”⁵⁹. Pois a limpeza de coração é fruto do amor e graça de Deus. Os puros de coração são chamados bem-aventurados por Nosso Salvador⁶⁰ (que equivale a dizer que são

⁵⁹ Salmo 50, 12.

⁶⁰ Mateus 5, 8.

enamorados), porquanto a bem-aventurança só se dá por amor.

Deus nunca dá sabedoria mística sem amor, pois é o próprio amor que a infunde. Por isso mesmo, Jeremias ensina com acerto que a alma se purga quando é iluminada por esse fogo de sabedoria amorosa: “Enviou fogo que consumiu os meus ossos”⁶¹ e instruiu-me. E Davi diz que a sabedoria divina é prata purificada no fogo purgativo do amor⁶². Isso porque a contemplação escura infunde ao mesmo tempo amor e sabedoria nas almas, segundo a necessidade e a capacidade de cada uma, iluminando e purgando-as de suas ignorâncias, como diz o sábio que assim foi instruído⁶³.

Daqui também deduzimos que a mesma sabedoria de Deus que purga e ilumina essas almas também purga os anjos de suas ignorâncias. Fluindo de Deus, ela alcança as primeiras hierarquias dos anjos, propaga-se sucessivamente até as últimas e daí aos homens.

⁶¹ Lamentações 1, 13.

⁶² Salmo 12, 7.

⁶³ Eclesiástico 51, 25-26.

É por isso que se diz na Escritura, com razão e propriedade, que tudo que os anjos fazem e todas as inspirações que nos enviam é Deus e os anjos que fazem e nos enviam. Geralmente Deus transmite a sua vontade por meio deles que, por sua vez, a comunicam de uns para outros sem nenhuma delonga, assim como os raios do Sol refletem rapidamente em muitos espelhos arranjados entre si. Embora todos reverberem a mesma luz, cada um reflete-a e infunde-a no próximo de certa maneira modificada, isto é, um tanto reduzida e enfraquecida, conforme esteja mais ou menos perto do Sol.

Daí se segue que os espíritos superiores, quanto mais próximos de Deus, tanto mais purgados e iluminados estão, devido à sua mais completa purgação. Por sua vez, os espíritos inferiores recebem uma luz mais tênue e remota. Consequentemente, quando Deus deseja dar ao homem essa contemplação, ele há de recebê-la a seu modo, ou seja, muito limitada e penosamente, já que está situado abaixo dos anjos.

A luz de Deus ilumina os anjos, instruindo-os e incendiando-os em amor, porquanto são espíritos puros predispostos a tal infusão. Mas ao homem, impuro e fraco, normalmente o ilumina da maneira descrita acima, ou seja, em obscuridade, aflições e apuros (como o Sol ilumina aflitivamente um olho enfermo), até que esse mesmo fogo de amor o purifique, fazendo-o espiritual e sutil, para que possa receber suavemente o influxo dessa união amorosa, da mesma forma que os anjos já purgados a recebem, como diremos depois, com a ajuda do Senhor, pois há almas que receberam nesta vida uma iluminação mais perfeita que a dos anjos. Porém, nesse meio tempo, recebe a revelação amorosa dessa contemplação mediante os apertos e as ânsias de amor que descrevemos aqui.

Nem sempre a alma sente esse incêndio e essa ânsia de amor. Porque, nos princípios desta purgação espiritual, o fogo divino se empenha mais em enxugar e predispor a madeira da alma e menos em aquecê-la. Porém, quando esse fogo já começa a abrasá-la, muito frequentemente ela sente o calor desse incêndio de amor.

Aqui o entendimento vai se purgando cada vez mais por meio de tais trevas. Assim, acontece que, às vezes, além de inflamar a vontade, a teologia mística e amorosa também fere e instrui essa outra faculdade da alma (o entendimento) com alguma luz de conhecimento divino. Faz isso de maneira tão prazerosa e sobrenatural que, ajudada pela vontade, a alma se afervora prodigiosamente enquanto o divino fogo de amor arde nela em vivas chamas. De tal maneira que a alma supõe ser esse um fogo vivo, por conta do vivo conhecimento que recebe. É disso que Davi trata neste salmo: “Meu coração ardia dentro de mim, e, à medida que eu meditava, esse fogo se abrasava”⁶⁴.

O incêndio de amor simultâneo dessas duas faculdades (entendimento e vontade) é graça valiosíssima e muito deleitosa para a alma, porque certamente nessa escuridão ela experimenta já o começo da perfeita união de amor que espera.

E assim só se pode sentir tão sublime toque de amor de Deus depois de se passar por muitas

⁶⁴ Salmo 38, 4.

tribulações e grande parte da purgação. Mas, para receber outros toques menos elevados e mais comuns, não será necessária tanta purgação.

Capítulo 13

Outros prazerosos efeitos que esta escura noite de contemplação opera na alma.

Examinando esse incêndio de amor, podemos entender alguns dos efeitos prazerosos que a escura noite de contemplação já começa a produzir na alma. Algumas vezes, em meio a essas escuridades, a alma é instruída, e assim a luz brilha nas trevas⁶⁵. Tal intervenção mística incide diretamente sobre o entendimento (a vontade tem aí pouca participação), com uma serenidade e simplicidade tão refinadas e deleitosas para os sentidos que não se pode descrever. E a alma se compraz ora sentindo a Deus de uma maneira, ora de outra⁶⁶.

⁶⁵ João 1, 5.

⁶⁶ Ora por meio do entendimento, ora por meio dos sentidos. (N.T.)

Às vezes, também acontece de ferir simultaneamente o entendimento e a vontade, que são cativados de maneira elevada, terna e forte pelo amor de Deus. Pois, como já dissemos, essas duas faculdades da alma unem-se algumas vezes, à medida que o entendimento vai se purgando mais refinada e perfeitamente. Porém, antes de se chegar a este ponto, é mais comum sentir o toque do incêndio de amor na vontade do que o toque da perfeita inteligência no entendimento.

A sede que surge em meio a esse incêndio de amor é já do Espírito Santo. E, portanto, diferentíssima daquela outra de que falamos na noite dos sentidos. É verdade que os sentidos também participam dos sofrimentos do espírito. Contudo, percebe-se que a origem e a força dessa sede de amor estão na parte superior da alma, isto é, no espírito, que sente e compreende profundamente a falta que lhe faz o objeto do seu desejo. Tanto que o grande penar dos sentidos não lhe parece nada, embora seja incomparavelmente maior do que foi na noite sensitiva. Pois sabe que falta-lhe no íntimo um grande bem que nada pode substituir.

Aqui é preciso notar que, nos começos desta noite espiritual, não se sente esse incêndio de amor, já que tal fogo ainda não começou a agir. Em vez disso, Deus dá à alma desde logo tão grande amor estimativo⁶⁷ por ele que, como dissemos, toda a agonia da alma em meio às tribulações desta noite é pensar que O perdeu e foi rejeitada por Deus. E assim podemos dizer que, desde o princípio desta noite, invariavelmente, a alma é tocada por ânsias de amor, quer seja daquele amor de estima do início, quer seja do incêndio de amor que virá depois.

Nessas tribulações, o seu maior tormento é o receio de que está tudo perdido e acabado. Se pudesse então certificar-se de que esse padecer é para o seu bem, como é de fato, e que Deus não está descontente com ela, não faria caso de todas essas aflições. E até se alegraria sabendo que Deus se serve delas para guiá-la. O amor de estima que tem por Deus é tão grande (embora às

⁶⁷ Comentando este trecho da *Noite Escura da Alma*, o Frei Maria-Eugênio do Menino Jesus ensina que “este amor de estima é uma luz que procede do dom da inteligência e da ciência” (*Quero ver a Deus*, § 923, Vozes, 2018). (N.T.)

escuras, isto é, sem o sentir), que não apenas sofreria tudo isso, mas até se alegraria muito se pudesse morrer muitas vezes só para agradá-Lo. No entanto, quando o fogo de amor inflama a alma juntamente com a estima que já tem por Deus, o calor desse amor costuma lhe transmitir imensa força, coragem e ânsia por Deus. E, movida pela força e embriaguez do seu amor, com grande ousadia – sem olhar para mais nada, sem se intimidar diante de nada, nem atentar muito no que faz –, fazia coisas extraordinárias e inusitadas, de qualquer maneira ao seu alcance, para encontrar Aquele que ama a sua alma.

Daí porque Maria Madalena, sendo tão virtuosa, não se deixou intimidar pela turba de homens ilustres e humildes, presentes no banquete que se oferecia na casa do fariseu, como relata São Lucas. Nem parou para pensar se cairia bem chorar e derramar lágrimas diante dos convidados⁶⁸. Preferiu isso a ter de esperar mais uma hora por outra oportunidade de se aproximar d'Aquele que tinha ferido e incendiado a sua alma. A mesma corajosa embriaguez de

⁶⁸ Lucas 7, 37-38.

amor também fez com que ela não se detivesse diante de nenhum obstáculo e, antes do alvorecer, se pusesse a caminho do santo sepulcro para ungir o corpo de Nosso Senhor⁶⁹. Embora soubesse que a entrada fora bloqueada por uma grande pedra e estava vigiada por soldados com ordem de impedir que qualquer um passasse⁷⁰, nada disso a demoveu. E finalmente foi ainda essa ansiosa embriaguez de amor que a fez perguntar ao homem (o qual, segundo pensava, seria o jardineiro que o teria furtado do sepulcro), onde o havia colocado, se o tivesse mesmo levado, para que ela o retomasse⁷¹. E nem se deu conta do disparate da pergunta, pois decerto, se o homem o tivesse furtado realmente, não haveria de confessá-lo nem tampouco permitir que ela o tomasse para si.

É próprio da força e impetuosidade do amor acreditar que tudo é possível e que todos andem igualmente apaixonados. A alma apaixonada não crê que ninguém se ocupe de nada mais nem

⁶⁹ João 20, 1.

⁷⁰ Mateus 27, 60-66.

⁷¹ João 20, 15.

busque outra coisa senão Aquele a quem ela mesma ama e busca. Pois lhe parece que não há outra coisa que desejar nem de que se ocupar. Por isso, quando a esposa do Livro dos Cantares saiu à procura do seu Amado pelas praças e arredores, supondo que todos também faziam o mesmo, disse-lhes que, se o achassem, contassem-lhe que ela sofria por seu amor⁷². Assim era a força do amor de Maria Madalena. Tamanha que não teve dúvida: se o jardineiro lhe dissesse onde O havia escondido, ela mesma cuidaria de reconduzi-lo ao sepulcro, embora isso lhe fosse proibido⁷³.

Assim são as ânsias de amor que a alma sente quando vai já adiantada nessa purgação espiritual. Levanta-se de noite (isto é, em meio a essas trevas purgativas) movida pela força da vontade e sai em busca do seu Deus com a mesma ânsia e impetuosidade da leoa ou da urso que procura sem achar os filhotes que lhe subtraíram⁷⁴. Como está mergulhada em trevas,

⁷² Cantares 5, 8.

⁷³ A lei mosaica proibia que se tocasse o corpo de um defunto, em Números 19, 11-14. (N.T.)

⁷⁴ Oséias 13, 8.

sente-se só e morrendo de amor por Ele. E esse é um amor tão impaciente que ela morre se não O encontra logo. É como a ânsia de Raquel por ter filhos quando disse a Jacó: “Dá-me filhos, se não morrerem”⁷⁵.

Mas de onde a alma tira forças para querer, tão ousada e atrevidamente, unir-se com Deus, mesmo sentindo-se tão miserável e indigna dele, como se sente nessas trevas purgativas? A resposta é que o amor já vai lhe dando forças para amá-Lo verdadeiramente. E é próprio de quem ama querer se unir, juntar, igualar e assemelhar-se à pessoa amada, para melhor amar. Contudo, ela só poderá se aperfeiçoar no amor depois de alcançar a união com Deus. Enquanto isso não acontece, passa fome e sede desejando a união que lhe falta. Esse penar, somado à força que o amor já imprimiu na sua vontade, abrasa-lhe a paixão, tornando-a ousada e atrevida na mesma medida que sua vontade está inflamada, embora o seu entendimento, por estar ainda às escuras, lhe diga que é indigna e miserável.

⁷⁵ Gênesis 30, 1.

Não quero deixar de dizer aqui o motivo por que a luz divina, conquanto seja sempre luz para a alma, não a ilumina de início como fará depois, mas, pelo contrário, produz as trevas e padecimentos que descrevemos. Já disse algo sobre isso, mas posso acrescentar que as trevas e os outros males que a alma sente quando a divina luz investe sobre ela não provêm dessa luz, e sim da própria alma. A luz apenas ilumina a alma para que ela veja seus males. Donde se conclui que, desde logo, essa divina luz lhe dá luz. Contudo, a primeira coisa que ela vê é aquilo que está mais perto de si ou, melhor dizendo, que está em si mesma. Então o que a alma vê, pela misericórdia de Deus, são as próprias trevas ou misérias. Se não as via antes, era porque essa luz sobrenatural não as iluminava. É por isso que de início ela sente apenas trevas e males. Mas, depois de ser purgada pelo desgosto de constatar os seus males, terá olhos para que se lhe mostrem os benefícios dessa luz divina. Expelidas e afastadas todas as trevas e imperfeições da alma, logo começam a ser notados os grandes proveitos e benefícios que ela vai recebendo nesta ditosa noite.

Pelo que foi dito, fica entendido como Deus concede à alma a graça de limpá-la com o forte alvejante da amarga purgação da parte sensitiva e espiritual. Livra-a assim de todas as suas inclinações e hábitos imperfeitos relacionados às coisas temporais, às naturais sensíveis e às espirituais. Para tanto, obscurece-lhe as faculdades interiores, esvaziando-as de todas essas coisas, pondo em atribulada aridez suas inclinações sensitivas e espirituais, enfraquecendo e diminuindo as forças naturais da alma quanto a tudo isso, algo que ela nunca poderia conseguir por si mesma, como logo diremos. Dessa maneira, Deus a faz desinteressar-se de tudo que não seja Deus. E, uma vez despida e despojada de sua antiga aparência, começa a vesti-la de novo. Assim, renova a sua juventude como a da águia⁷⁶, de sorte que ela acaba revestida do homem novo, criado segundo Deus, como diz o apóstolo⁷⁷. Isso é feito iluminando-se o entendimento com luz

⁷⁶ Salmo 103, 5: “É Ele que cumula de benefícios a tua vida e renova a tua juventude como a da águia”.

⁷⁷ Efésios 4, 24.

sobrenatural, para que o entendimento humano se faça divino, unido com o Divino. Deus ainda lhe inflama inteiramente a vontade com amor divino, para que sua vontade seja já totalmente divina e só ame divinamente, pois está agora perfeitamente conformada e unida com a divina vontade e o divino amor. O mesmo acontece à memória e a todas as inclinações e apetites, que também são divinamente reorientados para Deus. Assim, essa alma será já alma do céu, alma celestial, mais divina que humana.

Como se pode ver pelo que dissemos acima, Deus vai fazendo tudo isso por meio desta noite, instruindo e incendiando divinamente a alma para despertar nela a ânsia de buscar somente a Deus e nada mais. Por isso, com muita justiça e razão, ela acrescenta o terceiro verso da canção, que explicaremos, juntamente com o quarto e o quinto versos, no capítulo seguinte.

Capítulo 14

Apresenta e explica os três últimos versos da primeira canção.

*Oh, ditosa ventura!
Saí sem ser notada,
Estando já minha casa sossegada.*

A *ditosa ventura* que a alma canta no primeiro desses três versos deve-se àquilo que ela declara nos dois versos seguintes, valendo-se de uma metáfora, a saber, para melhor realizar seu intento, ela *sai* de sua casa de noite e *às escuras*, quando já estão *sossegados* os de casa, a fim de que nenhum deles a estorve.

Como esta alma precisava sair para realizar tão raro e heroico feito (unir-se com o seu amado divino), sai de sua casa. Porque o amado só pode ser encontrado do lado de fora, ou seja, em solidão. Por esse motivo, a esposa dos Cantares desejava encontrá-lo a sós, dizendo: “Quem me dera que fosses meu irmão e, encontrando-te fora de casa, unisse a ti o meu amor”⁷⁸. Para realizar o

⁷⁸ Cantares 8, 1.

seu desejado fim, a alma enamorada também deve fazer o mesmo, saindo de noite enquanto estão adormecidos e sossegados todos os domésticos de sua casa, isto é, quando suas paixões, apetites e comportamentos desprezíveis estão apagados e adormecidos por meio desta noite. Esses são a gente de sua casa que sempre estorva a alma, pois não querem que ela saia e se livre deles. Também são esses os empregados domésticos inimigos do homem, aos quais nosso Salvador se refere no sagrado Evangelho⁷⁹. Era necessário então que eles estivessem adormecidos nesta noite para não impedirem a alma de ganhar os bens sobrenaturais da união de amor de Deus, que não pode ser alcançada enquanto eles estão em plena atividade. Pois a ação desses domésticos mais atrapalha que ajuda a receber os bens espirituais da união de amor. De fato, nem mesmo toda habilidade humana é suficiente para se obter os bens sobrenaturais que só Deus pode infundir na alma de maneira passiva, secreta e silenciosa. Logo, é necessário que todas as faculdades da alma estejam sujeitas

⁷⁹ Mateus 10, 36.

a Deus, de modo que a sua baixa maneira de agir e as suas vis inclinações não se intrometam ali.

Por isso, foi *ditosa ventura* para esta alma que Deus pusesse a dormir nesta noite toda a gente de sua casa, isto é, todas as faculdades, paixões, inclinações e apetites sensuais e espirituais que vivem nela. Assim, *sem ser notada*, isto é, sem ser impedida por essa gente, a alma pôde chegar à união espiritual de perfeito amor de Deus. Pois os domésticos de sua casa estavam adormecidos e mortificados nesta noite, como foi dito.

Oh, que ditosa ventura é para a alma conseguir livrar-se da casa da sua sensualidade! A meu ver, ninguém pode realmente entender isso, exceto a alma que o experimentou. Pois só então verá claramente que mísera servidão era a sua e a quantas misérias estava sujeita quando andava ao sabor das próprias paixões e apetites. E compreenderá que a vida do espírito é a verdadeira liberdade e riqueza que traz consigo proveitos inestimáveis. Vamos descrever alguns deles nas canções seguintes, para que se veja mais claramente com quanto acerto a alma considera

como *ditosa ventura* a sua passagem por esta horrenda noite.

Capítulo 15

Apresenta a segunda canção e sua explicação.

*Às escuras e segura,
Pela secreta escada, disfarçada,
Oh, ditosa ventura!
Às escuras e velada,
Estando já minha casa sossegada.*

Nessa canção, a alma segue cantando algumas particularidades da escuridão desta noite, reiterando a boa sorte que elas lhe trouxeram. Faz isso para responder a certa objeção tácita dos que pensam que, por haver atravessado tantas crises de angústias, dúvidas, receios e horrores nesta noite escura, como foi dito, corria maior perigo de se perder. E adverte-os para que não se enganem, pois, na verdade, ganhou na escuridão desta noite. Nela, a alma se libertou, escapando habilmente de seus opositores que sempre lhe impediam o passo. Na escuridão da noite, trocou suas roupas,

disfarçando-se com três vestes de cujas cores falaremos depois. E saiu por uma escada muito secreta, que ninguém de sua casa conhecia (a escada da fé viva, como também explicaremos mais tarde). Estava tão protegida e velada que, de outro modo, não poderia fazer melhor aquilo que tinha de ser feito nem caminhar em maior segurança. Principalmente porque os apetites, inclinações e paixões de sua alma estavam já adormecidos, mortificados e apagados nesta noite purgativa. Do contrário, se estivessem vivos e despertos, não o consentiriam.

Capítulo 16

Apresenta o primeiro verso e explica por que a alma caminha segura, embora às escuras.

Às escuras e segura.

Como já dissemos, a escuridão de que a alma fala aqui afeta os seus apetites e faculdades (sensitivos, interiores e espirituais). Nesta noite, todos se obscurecem para que, desembaraçados de sua luz natural, possam ser instruídos com a luz sobrenatural. Os apetites sensitivos e

espirituais estão adormecidos e enfraquecidos, impossibilitados de usufruir das coisas divinas e humanas. As inclinações da alma estão oprimidas e refreadas, sem poder reanimá-la ou encontrar apoio onde quer que seja. A imaginação está imobilizada, incapaz de articular qualquer raciocínio proveitoso. A memória, acabada. O entendimento, obscurecido. Aqui também a vontade está em aridez e apuro. Todas as faculdades, vazias. E sobretudo uma espessa e pesada nuvem paira sobre a alma, mantendo-a angustiada e como que distante de Deus.

Dessa maneira, *às escuras*, ela diz que ia *segura*. O motivo está claro: normalmente a alma nunca erra senão por seus apetites, gostos, raciocínios, ideias ou afeições, nos quais geralmente se excede, omite, desvia, desatina ou se inclina ao que não lhe convém. Mas, quando todos esses impulsos e ações são bloqueados, certamente ela fica livre de tais erros. Porque não apenas se liberta de si mesma, mas também dos outros inimigos – o mundo e o demônio – que não podem lhe fazer guerra por outro lado nem

de outro modo quando as inclinações e as operações da alma são refreadas⁸⁰.

Segue-se daqui que, quanto mais a alma caminha às escuras e livre de seu natural proceder, mais segura está, pois, como diz o profeta, “A perdição da alma vem apenas dela mesma”⁸¹, isto é, de suas operações e apetites interiores e sensitivos não pacificados. E o bem, como diz Deus, “Somente de Mim”⁸². Portanto, impedida assim de dar livre curso a seus males, resta à alma receber o quanto antes os benefícios da união com Deus, pela qual seus apetites e faculdades serão transformados em divinos e celestiais. Por isso, se prestar atenção, a alma verá claramente, no tempo dessas trevas, como as

⁸⁰ Santo Tomás de Aquino ensina que “operações da alma” são suas relações com as faculdades inferiores (exercidas pelos órgãos corpóreos, como a visão, pelos olhos, e a audição, pelos ouvidos) e ainda com as faculdades superiores (exercidas sem intermediação de nenhum órgão corpóreo, como o intelecto e a vontade), em *Suma Teológica, Prima Pars*, Questão 77, Art. 5. (N.T.)

⁸¹ Oséias 13, 9.

⁸² Lucas 18, 19.

coisas inúteis e vãs agradam pouco aos seus apetites e faculdades e como está protegida de cair em vanglória, soberba, presunção, gozo vão e falso, além de muitas outras coisas semelhantes. Resulta daí que, embora caminhando às escuras, a alma não está perdida. Na verdade, ela é muito beneficiada, já que vai ganhando virtudes.

Aqui, porém, nasce uma dúvida: se as coisas divinas, por si mesmas, fazem bem, favorecem e fortalecem a alma, então por que Deus lhe obscurece os apetites e as faculdades nesta noite, inclusive no que se refere a essas coisas boas, como faz com todas as outras, de modo que ela não possa gozá-las nem falar delas? (E, de certo modo, é até mais difícil falar das coisas boas do que das outras.) Responde-se que nesta altura convém muito que ela seja impedida de agir e se deleitar, até mesmo no que diz respeito às coisas espirituais. Pois suas faculdades e apetites ainda são baixos e impuros. Em vista disso, ainda que lhe fosse dado o contato e o deleite das coisas sobrenaturais e divinas, suas faculdades só poderiam recebê-las baixamente. Porque, como diz o filósofo, qualquer líquido depositado num

recipiente assume a forma desse mesmo recipiente.

As faculdades naturais não têm pureza nem força, nem capacidade para receber e saborear divinamente as coisas sobrenaturais, como se deve. Mas apenas à sua maneira humana. Então, para sua perfeita purgação, convém que sejam obscurecidas até mesmo quanto às coisas divinas. Para que desmamadas, purgadas e aniquiladas naquela primeira noite escura, percam a sua baixa maneira de procurar e receber as coisas do alto. E, assim, todas as faculdades e apetites da alma são apaziguados e se predispõem a receber, sentir e saborear as coisas divinas de maneira sublime e intensa, coisa que não é possível enquanto o velho homem não morre.

Daqui se deduz que todo bem espiritual, se não vem de cima, derramado pelo Pai das luzes⁸³ sobre a livre vontade e os apetites humanos, não pode ser gozado divina e perfeitamente, por mais que os gostos, os apetites humanos e as faculdades da alma se exercitem nas coisas de Deus e por mais que se acredite que gozam d'Ele.

⁸³ Tiago 1, 17.

Sobre isso, poderíamos dizer aqui, se este for o lugar adequado, que muitas pessoas experimentam muitos deleites em Deus e nas coisas espirituais, com grande devoção e empenho das faculdades de sua alma, pensando muitas vezes que tudo isso seja sobrenatural e espiritual. Mas talvez sejam apenas práticas e apetites muito naturais e humanos. Tais pessoas têm fome dessas coisas boas na mesma medida que têm de tudo mais, já que são dotadas de certa facilidade natural para direcionar seus apetites e faculdades para qualquer lugar.

Se porventura tivermos oportunidade mais adiante, voltaremos a este ponto para mostrar alguns sinais que nos permitem saber quando os impulsos e as atividades interiores da alma, em suas relações com Deus, são exclusivamente naturais, quando, exclusivamente espirituais e quando são espirituais e naturais ao mesmo tempo. Por hora, basta saber que, para que a pulsão interior e o agir da alma possam vir a ser sublime e divinamente movidos por Deus, primeiramente todas as suas atividades e habilidades naturais devem ser adormecidas,

obscurecidas e sossegadas até perderem as forças.

Oh, alma espiritual, quando vires teus apetites obscurecidos, tuas inclinações em aridez e apuro e tuas faculdades inabilitadas para qualquer exercício interior, não sofras por isso! Antes considera-o como boa sorte, pois é assim que Deus vai te livrando de ti mesma, tirando de tuas mãos as riquezas que ainda são impuras e torpes, por maiores que fossem os proveitos que delas tiravas. Tu mesma não te conduzirias de maneira tão plena, perfeita e segura, como agora, guiada por Deus, que, tomando tua mão, te leva às escuras como a um cego para um lugar que desconheces, onde jamais atinarias caminhar, por melhor que andasses.

Outro motivo pelo qual a alma caminha segura quando segue assim *às escuras* e ainda vai ganhando e prosperando é que geralmente ela se aperfeiçoa e progride por caminhos que menos compreende, nos quais com muita frequência supõe que está se perdendo. Como ela nunca se viu em tal situação, que a cega e a faz se desviar de seu antigo modo de proceder, pensa que

perdeu o rumo. Vê-se despojada de tudo o que sabia e gostava, caminhando por uma estrada que não conhece nem lhe agrada. Por isso, acredita que está se perdendo, e não acertando e ganhando.

A alma caminha como o viajante que, para ir a terras novas e desconhecidas, toma novos rumos, desconhecidos e nunca trilhados. E não se orienta pelo que sabe, mas pelas palavras dos outros. Certamente, ele não poderia vir a novas terras se não andasse por caminhos novos e desconhecidos e se não abandonasse os já conhecidos. Da mesma forma, a alma progride mais quando vai às escuras e sem compreender. Aqui Deus é o mestre dessa alma cega, como dissemos. E, agora que ela entendeu isso, pode alegrar-se e dizer sem erro que caminha às *escuras e segura*.

Há também outro motivo por que a alma anda segura nessas trevas. É que ela vai padecendo. O caminho de padecer é mais seguro e ainda mais proveitoso que o de agir e gozar. Primeiro, porque no padecer ela recebe forças de Deus (por outro lado, quando se deleita fazendo

aquilo que lhe agrada, a alma apenas alimenta suas fraquezas e imperfeições). Além disso, padecendo, ela adquire e fortalece as virtudes, purifica-se e torna-se mais sábia e cautelosa.

Porém, há outra razão ainda mais importante pela qual a alma caminha segura às escuras. Tem a ver com a luz ou sabedoria escura. A noite escura de contemplação absorve e eleva a alma de tal maneira e aproxima-a tanto de Deus que a ampara e livra de tudo o que não é Deus. A alma está aqui em processo de cura. E, para que ela consiga recuperar a saúde (que é o próprio Deus), Sua Majestade lhe prescreve uma dieta rigorosa com abstinência de todas as coisas e tira-lhe o apetite de tudo. Faz isso do mesmo modo que, para se curar um doente muito estimado em sua casa, colocam-no no quarto mais adentro e resguardado. Não o deixam sair ao ar livre para desfrutar a luz do dia. Tampouco ouvir os passos e o rumor dos de casa. E dão-lhe uma comida muito leve e regrada, com mais sustância que sabor.

Todos esses cuidados são para segurança e proteção da alma. E produzem essa

contemplação escura porque ela está mais perto de Deus. Na verdade, devido à sua fraqueza, quanto mais a alma se aproxima dele, mais se sente cercada por trevas escuras, na mais profunda escuridão. Do mesmo modo que, se alguém pudesse se aproximar do Sol, sentiria mais trevas e aflições à medida que se acercasse do seu grande resplendor, devido à fraqueza, impureza e limitação de seus olhos. Donde se conclui que a luz espiritual de Deus é tão imensa e tão sublime que, quando nos aproximamos dela, cega e obscurece o nosso entendimento.

Por isso, Davi diz que “Deus se ocultou sob um véu de escuridão e fez para si uma tenda com densas nuvens de águas tenebrosas”⁸⁴. Como vamos dizendo, essas “densas nuvens de águas tenebrosas” representam o efeito que a contemplação escura e a sabedoria divina produzem nas almas. Pois, à medida que Deus vai aproximando-as de si, elas percebem essas águas tenebrosas como algo que está perto da tenda onde ele mora. Assim aquilo que em Deus é a mais sublime luz e claridade é para o homem a

⁸⁴ Salmo 17, 12.

mais densa escuridão, como diz São Paulo⁸⁵, citando o profeta e rei Davi, que declara no mesmo salmo: “O resplendor de sua presença lançou nuvens e escuridão”⁸⁶ sobre o entendimento humano, cuja luz natural “foi obscurecida por nuvens tenebrosas”⁸⁷, como diz Isaías.

Oh, que sina infeliz é a nossa! Como é difícil encontrar a verdade! Pois o que é mais claro e verdadeiro parece-nos mais obscuro e duvidoso. Por isso, fugimos daquilo que mais nos convém. Persequimos e abraçamos as coisas que mais iluminam e enchem os nossos olhos, embora sejam precisamente o que há de pior para nós e a cada passo nos façam estabacar. Quantos perigos e temores rondam o homem! Pois a própria luz natural de seus olhos, com que se guia para ir a Deus, é a primeira que o seduz e engana. E, para encontrar o caminho, ele precisa cerrar os olhos e ir às escuras, a fim de se pôr a salvo dos inimigos

⁸⁵ Passagem não localizada. Refere-se possivelmente a Jó 5, 14 ou a Isaías 59, 10. (N.T.)

⁸⁶ Salmo 17, 13.

⁸⁷ Isaías 5, 30.

domésticos de sua casa, que são seus sentidos e faculdades.

Mas aqui a alma está bem escondida e protegida por essas águas tenebrosas perto de Deus. Assim como tais águas servem como tenda onde Deus mora, assim servirão à alma como amparo seguro e perfeito. Embora mergulhada em trevas, ela estará escondida e protegida de si mesma e de todo mal que vem das criaturas, como dissemos. É delas que Davi fala em outro salmo: “Escondê-los-ás da confusão dos homens no abrigo de tua face. Em teu tabernáculo, protegê-los-ás das línguas maldizentes”⁸⁸. Essas palavras exprimem todo tipo de amparo. Porque dizer que a alma está “escondida da confusão dos homens na face de Deus” equivale a afirmar que ela adquiriu forças nesta contemplação escura para resistir a todas as ocasiões de pecado que possam vir da parte dos homens. E dizer que está “protegida das línguas maldizentes em Seu tabernáculo” significa que ela está imersa nessas águas tenebrosas, que são a tenda referida por Davi.

⁸⁸ Salmo 30, 21.

Uma vez que todos os seus apetites e afeições são desmamados e suas faculdades, obscurecidas, a alma livra-se de todas as imperfeições que contrariam o espírito, tanto das que procedem da própria carne, como das demais criaturas. Por isso, essa alma pode dizer com razão que vai *às escuras e segura*.

Há ainda outro motivo igualmente considerável que também nos ajuda a entender por que a alma vai bem, embora *às escuras*. É a fortaleza que essa escura, penosa e tenebrosa água divina prontamente infunde nela. Conquanto seja tenebrosa, ainda é água e por isso não deixará de reorientar e fortalecer a alma onde mais lhe convém, embora *às escuras* e penosamente. Sem demora, a alma vê em si uma sincera determinação e empenho para não fazer nada que entenda ser ofensivo a Deus nem deixar de fazer o que lhe parece ser a Sua vontade. A esse amor escuro une-se uma zelosa disposição interior muito atenta a tudo o que precisa fazer ou abandonar por ele para contentá-lo, examinando-se e reexaminando-se mil vezes para ver se o ofendeu de algum modo. E tudo isso com muito mais cautela e solicitude que antes,

como foi dito acima sobre as ânsias de amor. Aqui todos os apetites, forças e faculdades da alma estão desligados de tudo mais, enquanto aplicam todo o seu empenho e força unicamente no serviço de seu Deus.

Dessa maneira, a alma *sai* de si mesma e de todas as coisas criadas. E se encaminha para a doce e deleitosa união de amor de Deus, às *escuras e segura*.

Capítulo 17

Apresenta o segundo verso e explica por que esta contemplação escura é secreta.

Pela secreta escada, disfarçada.

Vamos explicar agora o significado de três palavras do presente verso. As duas primeiras, *secreta* e *escada*, referem-se à noite escura de contemplação de que estamos falando. Mas a terceira, *disfarçada*, tem a ver com o modo como a alma caminha nesta noite.

Aqui neste verso, a alma chama a contemplação escura (por onde ela vai saindo

para a união de amor) de *secreta escada* devido a duas particularidades que examinaremos em seguida.

Primeiramente, ela diz que essa contemplação tenebrosa é *secreta* porque, como mencionamos acima, trata-se da teologia mística que os teólogos chamam de sabedoria secreta. Santo Tomás diz que ela é comunicada e infundida na alma principalmente por amor. Isso acontece secretamente, isto é, sem a colaboração do entendimento e das demais faculdades humanas. E a alma chama-a *secreta* porque suas faculdades não a alcançam. Só sabe que é o Espírito Santo que a infunde em si (como diz a esposa no Livro dos Cantares), mas não entende como. Na verdade, nem ela, nem ninguém entende. Nem mesmo o demônio. Porque o Mestre que a ensina está no lugar mais íntimo da alma. No entanto, não é só por isso que pode ser chamada *secreta*. Outro motivo são os efeitos que produz na alma. Na fase purgativa, era secreta para que a alma não soubesse dizer nada sobre ela enquanto estava sendo purgada pela sabedoria secreta em meio a trevas e apuros. Mas também depois, na fase iluminativa, quando essa

sabedoria se lhe comunica mais às claras, continua tão secreta (tão difícil de compreender e achar palavras para descrevê-la), que a alma nem sequer tem vontade de falar a respeito. Pois não encontra termo de comparação com que possa representar tão elevado conhecimento e tão primorosa e inspirada percepção espiritual. E assim, por mais que a alma tivesse vontade de falar sobre ela e mesmo que a interpretasse de muitas maneiras, sempre permaneceria secreta.

Aquela sabedoria interior é tão simples, tão universal e espiritual que não cabe no entendimento humano. Pois, para isso, teria de se diminuir, revestindo-se de algum tipo de imagem perceptível pelos sentidos, como acontece às vezes em outras graças. Daqui se deduz que, como tal sabedoria não entra pelos sentidos do corpo nem pela imaginação, esses não percebem seus trajes e a cor de cada um. Por conseguinte, não sabem explicar ou representá-la por meio de alguma imagem. Nem falar com acerto sobre ela, embora a alma veja claramente que entende e aprecia aquela deleitosa e extraordinária sabedoria. É como se alguém visse algo absolutamente inusitado que, embora pudesse

captar pelos sentidos, compreender e apreciar, não saberia dizer seu nome nem o que é, por mais que tentasse. Como então poderá descrever o que não lhe passou pelos sentidos? Isto é próprio da linguagem de Deus, quando é muito íntima, infusa e espiritual: ultrapassa a capacidade dos sentidos e logo faz cessar e silenciar toda coesão e habilidades dos sentidos exteriores e interiores. Temos confirmação e exemplos disso na divina Escritura. Jeremias sentiu dificuldade para se expressar e até para articular as palavras quando Deus falou com ele. E não soube o que dizer senão “Ah, ah, ah!”⁸⁹. Moisés também teve dificuldade interior de organizar os pensamentos e exterior de falar diante de Deus na sarça ardente. E disse a Deus que, depois de falar com ele, não sabia nem conseguia mais falar⁹⁰. Segundo os Atos dos Apóstolos, nem sequer se atrevia a tentar compreender aquela visão, pois lhe parecia que sua mente estava muito distante e quieta⁹¹.

⁸⁹ Jeremias 1, 6.

⁹⁰ Êxodo 4, 10.

⁹¹ Atos 7, 32.

A sabedoria dessa contemplação é comunicada pelo espírito puro de Deus diretamente à alma, que também é espírito. Mas os sentidos, que não têm essa mesma natureza, não a percebem. Por isso, é secreta para eles, pois não sabem o que é nem conseguem falar sobre ela.

Podemos entender agora por que algumas pessoas de almas boas e tementes a Deus, que vão por este caminho, gostariam de ser orientadas por quem pudesse lhes esclarecer o que se passa consigo, pois elas mesmas não sabem nem podem saber. Daí o motivo pelo qual se recusam obstinadamente a falar sobre isso, principalmente quando a contemplação é tão simples que a alma apenas a sente, sem nada compreender. Só sabem dizer que a alma está satisfeita, quieta ou contente. Que sentem a presença de Deus e que ele parece estar satisfeito com elas. Mas não conseguem explicar o que a alma tem, senão por palavras imprecisas como essas.

Outra coisa bem diferente é quando a alma tem revelações particulares, como visões,

sensações, etc., que normalmente são percebidas pelos sentidos e podem ser descritas diretamente ou por comparações. Contudo, se podem ser ditas, já não se trata de pura contemplação, uma vez que só a duras penas pode-se dizer algo sobre ela e por isso mesmo chama-se secreta.

Mas não é só por isso que essa sabedoria mística se chama e é secreta. Outro motivo é que ela tem a propriedade de esconder a alma em si mesma. Pois às vezes, excepcionalmente, absorve a alma e a faz sumir em seu abismo secreto de tal maneira que ela pode ver claramente que está em extremo distante e separada de toda criatura. É como se a pusessem numa profunda e vastíssima solidão onde nenhuma criatura humana pode chegar. Como se estivesse no meio de um imenso deserto sem fim. Tanto mais deleitoso, consolador e amoroso, quanto mais profundo, vasto e solitário. Onde a alma está tão escondida quanto erguida sobre toda a criação visível.

Então esse abismo de sabedoria eleva e engrandece tanto a alma, conduzindo-a às fontes da ciência do amor, que a faz ver como são

limitadas todas as criaturas diante do supremo saber e sentir divino. Vê ainda como são baixas, insuficientes e de certo modo impróprias todas as palavras com que neste mundo as coisas divinas são tratadas. E que não é possível, pelo caminho natural, por mais elevada e sabiamente que se fale sobre elas, conhecer ou sentir como são de fato, sem a iluminação da teologia mística. Assim, constatando essa verdade na própria iluminação, que não se pode alcançar nem sequer exprimir por simples palavras humanas, com razão, ela a chama secreta.

Essa particularidade da divina contemplação (ser secreta e estar acima da nossa capacidade natural) não se explica somente pelo fato de ser sobrenatural. Mas também por ser guia que leva a alma às perfeições da união de Deus, as quais não podem ser humanamente conhecidas. Por isso, há de se caminhar até elas sem saber e divinamente ignorando-as. Porque, para falar misticamente como falamos aqui, essas coisas não podem ser conhecidas nem compreendidas como realmente são enquanto ainda estão sendo procuradas, mas só depois que as encontramos e nos exercitamos nelas. Sobre essa

particularidade da sabedoria divina, o profeta Baruc diz que “Não há quem possa conhecer seus caminhos nem conceber suas sendas”⁹². Também o profeta real diz o seguinte sobre este caminho da alma, falando com Deus: “Tua glória iluminou a vastidão do mundo, agitou-se e estremeceu a terra. Teu caminho está no mar, tua senda, em águas caudalosas, e tuas pegadas não serão conhecidas”⁹³.

Tudo isso, falando espiritualmente, deve ser entendido no sentido que estamos mostrando aqui. Pois, ao dizer que a glória de Deus “iluminou a vastidão do mundo”, o profeta está se referindo às luzes que a divina contemplação dá às faculdades da alma. Quando afirma que a terra “agitou-se e estremeceu”, alude à purgação penosa que provoca na alma. E, ao acrescentar que o caminho de Deus por onde a alma vai a ele “está no mar” e suas pegadas “em águas caudalosas” que por isso “não serão conhecidas”, mostra que o caminho até Deus é tão secreto e oculto para os sentidos da alma como o são para

⁹² Baruc 3, 31.

⁹³ Salmo 76, 19-20.

os sentidos do corpo as rotas marítimas, cujas sendas e rastros não se conhecem⁹⁴. Tais são os passos e as pegadas desconhecidas que Deus vai dando nas almas que quer levar a Si fazendo-as grandes por meio da união com Sua sabedoria. Por essa razão no Livro de Jó são ditas estas palavras em louvor a essa graça: “Porventura tu conhecestes os caminhos das grandes nuvens ou as perfeitas ciências?”⁹⁵. Compreendem-se assim os caminhos pelos quais Deus vai engrandecendo as almas (aqui representadas pelas nuvens) e aperfeiçoando-as em Sua sabedoria. Conclui-se, pois, que essa contemplação que vai guiando a alma até Deus é sabedoria secreta.

⁹⁴ Assim como as rotas marítimas não são visivelmente demarcadas, também não existe um caminho para Deus que possa ser identificado pelos sentidos humanos. E, do mesmo modo que o rastro deixado pelas embarcações logo desaparece, igualmente, quem encontra a Deus não deixa rastros capazes de guiar os passos dos que virão depois. (N.T.)

⁹⁵ Jó 37, 16.

Capítulo 18

Explica por que esta sabedoria secreta
é também *escada*.

Resta ver por que esta sabedoria secreta é também *escada*. Por muitas razões podemos chamar de escada a esta secreta contemplação. Primeiramente, porque, assim como por uma escada sobe-se e alcançam-se os bens e tesouros guardados nas fortalezas, assim também por esta secreta contemplação, sem saber como, a alma se eleva para conhecer e possuir os bens e tesouros do céu. O profeta e rei Davi descreve isso muito bem quando diz: “Bem-aventurado o homem que recebe tua graça e socorro, que guarda no coração sua subida desde o vale de lágrimas até o lugar de descanso. A esse o Senhor da Lei lhe dará sua bênção, de modo que vá progredindo de virtude em virtude, como de degrau em degrau, até chegar a Sião, onde verá o Deus dos deuses”⁹⁶, que é o tesouro da fortaleza de Sião, ou seja, a bem-aventurança.

⁹⁶ Salmo 83, 6-8.

Podemos ainda compará-la a uma escada porque os mesmos degraus que servem para subir também servem para descer. De igual modo, nesta secreta contemplação, as mesmas experiências místicas que elevam a alma a Deus também a humilham diante de si. Porque, se realmente vêm de Deus, tais experiências têm esta particularidade: ao mesmo tempo, humilham e elevam a alma. Pois neste caminho o descer é subir; e o subir é descer, já que aqui quem se humilha é exaltado, e quem se exalta é humilhado⁹⁷. Como a virtude da humildade fortalece a alma, Deus costuma fazê-la subir por essa escada para que desça; e fazê-la descer para que suba. A fim de que assim se cumpram as palavras do sábio: “Antes de ser exaltada, a alma é humilhada e antes de ser humilhada, é exaltada”⁹⁸.

Esse caminho pode ainda ser comparado a uma escada porque permite ver claramente por quantos altos e baixos a alma vai passando (refiro-me apenas ao lado visível dessa jornada,

⁹⁷ Lucas 14, 11.

⁹⁸ Provérbios 18, 12.

posto que o espiritual não se percebe). Se prestar atenção, ela poderá ver que, depois de um período de felicidade, logo se segue alguma tempestade e padecimento. Parece que lhe deram um tempo de paz com o propósito de alertar e encorajá-la para a desventura seguinte. Do mesmo modo, após um período de privação e tormenta, segue-se outro de abundância e tranquilidade. É como se primeiro pusessem a alma em jejum para em seguida lhe oferecer um banquete. Geralmente é assim que ela vai sendo conduzida e se fortalece na fase de contemplação. Pois, até chegar à fase de quietude, nunca permanece muito tempo no mesmo lugar, mas está sempre subindo ou descendo.

Isso porque o estado de perfeição – que consiste em perfeito amor de Deus e desprezo de si – não pode ser alcançado sem conhecimento de Deus e de si mesmo. Então, antes de mais nada, a alma deverá necessariamente ser instruída numa coisa e noutra. Ora permitindo-se que ela se deleite no conhecimento de Deus, para enaltecê-la; ora fazendo-a provar também o conhecimento de si mesma, para humilhá-la. E isso dura até que, tendo adquirido o perfeito equilíbrio, cesse o

subir e o descer. Só então ela terá chegado a unir-se com Deus no fim dessa escada, que está apoiada e firmada n'Ele.

Tal escada de contemplação, que, como dissemos, deriva-se de Deus, é representada por aquela escada que Jacó viu em sonho, pela qual os anjos desciam de Deus ao homem e subiam do homem a Deus, que estava assentado em sua extremidade superior⁹⁹. A Escritura divina diz que tudo isso se passava de noite enquanto Jacó dormia. Assim dá a entender quão secreto e distinto do saber humano é esse caminho de subida para Deus. Isso fica claro na medida que, em geral, a alma considera a pior parte desta subida justamente aquilo que ela tem de mais proveitoso (o perder-se e aniquilar-se). E pensa que é a melhor parte aquilo que ela tem de menos relevante (o gozar de algum consolo e deleite), que frequentemente resulta em mais perda que ganho.

Porém, falando agora um pouco mais profundamente dessa escada de contemplação secreta, diremos que o motivo principal para

⁹⁹ Gênesis 28, 12.

chamá-la de escada é que a contemplação é ciência de amor, isto é, conhecimento infuso e amoroso de Deus. Tal conhecimento vai simultaneamente instruindo e conquistando a alma, de degrau em degrau, até elevá-la a Deus, seu criador. Porque só o amor pode unir e fundir a alma com Deus.

Para que se vejam com mais clareza os degraus dessa escada divina, descreveremos brevemente os traços e efeitos distintivos de cada um. Assim a alma poderá avaliar em qual deles está. São esses efeitos que nos permitem identificar cada degrau, como ensinam São Bernardo e Santo Tomás. Isso porque não é possível conhecê-los em si mesmos, por via natural, pois esta escada de amor é tão secreta que só Deus pode medir e examiná-la.

Capítulo 19

Começa a apresentar os dez degraus da escada mística de amor divino, segundo São Bernardo e Santo Tomás. Seguem-se os cinco primeiros.

Dizemos, pois, que essa escada de amor tem dez degraus pelos quais a alma vai subindo, um por um, até Deus. O primeiro degrau (ou grau de amor) faz a alma adoecer proveitosamente. A esposa dos Cantares está nesse grau de amor quando diz: “Conjuro-vos, filhas de Jerusalém, que, se encontrardes o meu Amado, lhe digais que estou enferma de amor”¹⁰⁰. Porém, essa enfermidade não é para a morte, mas para a glória de Deus, porque nesse estado a alma desfalece para o pecado e para todas as coisas que não são de Deus, por amor ao mesmo Deus, como Davi testemunha dizendo: “Minha alma desfaleceu”¹⁰¹ ante o Teu vigor, isto é, perdeu as forças para tudo o que não diz respeito a Deus. Porque, assim como o enfermo perde o apetite, não sente o sabor dos alimentos e muda a sua cor

¹⁰⁰ Cantares 5, 8.

¹⁰¹ Salmo 142, 7.

natural, assim também neste grau de amor a alma perde o gosto e o apetite de tudo e muda de cor como as pessoas apaixonadas. Mas ela não contrairá essa enfermidade se não lhe enviam do alto a superabundância de fervor, que é aqui a febre mística, como se depreende deste verso de Davi: “Derramaste, oh, Deus, uma chuva copiosa sobre a tua herança enfraquecida, mas a aperfeiçoaste”¹⁰². Tal enfermidade é o primeiro degrau para ir a Deus e nos faz desfalecer para todas as coisas. Já falamos suficientemente sobre ela acima, quando tratamos do estado de aniquilamento da alma que começa a subir por esta escada de purgação contemplativa sem conseguir encontrar apoio, prazer, consolo nem descanso em nada. Então, partindo deste degrau, logo começa a subir aos demais.

O segundo grau de amor faz a alma buscar a Deus sem cessar. Por isso, a esposa dos Cantares diz que o buscava de noite em seu leito onde caíra desfalecida sob o efeito do primeiro grau de amor. E não o tendo encontrado disse: “Levantarme-ei e buscarei Aquele que ama a minha

¹⁰² Salmo 67, 10.

alma”¹⁰³. Isso, já dissemos, a alma faz sem cessar, como aconselha Davi: “Buscai sempre a face de Deus e buscando-o em todas as coisas em nenhuma vos detenhais até encontrá-lo”¹⁰⁴, como fez a esposa que perguntou por ele aos guardas e logo passou adiante deixando-os para trás¹⁰⁵. Maria Madalena não atentou nem mesmo nos anjos que encontrou no Santo Sepulcro¹⁰⁶. Aqui, neste degrau, a alma anda tão solícita que em todas as coisas busca o Amado. Em tudo quanto pensa, logo pensa no Amado. Em tudo que fala, em cada assunto que surge, logo se põe a falar do Amado e a devotar-se a ele. Quando come, quando dorme, quando acorda, quando faz qualquer coisa, toda a sua atenção está voltada para o Amado, conforme foi dito acima sobre as ânsias de amor.

Aqui o amor já está convalescendo e recobrando forças neste segundo degrau. Assim, logo começa a subir ao terceiro, por meio de

¹⁰³ Cantares 3, 2.

¹⁰⁴ Salmo 104, 4.

¹⁰⁵ Cantares 3, 3-4.

¹⁰⁶ João 20, 11-13.

algum novo grau de purgação na noite escura, como depois diremos, que produz na alma os efeitos seguintes.

O terceiro degrau da escada amorosa é o que faz a alma produzir obras e a incendeia para não fraquejar. Sobre ele, o rei profeta diz: “Bem-aventurado o homem que teme ao Senhor”¹⁰⁷, porque ambiciona fazer muitas obras, cumprindo os seus mandamentos. Donde se conclui que, se o temor, que é filho do amor, produz essa ambição, que não fará o próprio amor? Neste grau de amor, as grandes obras que a alma realiza pelo Amado considera pequenas; as muitas, poucas; o largo tempo em que o serve parece curto. Tudo isso é consequência do incêndio de amor que já começa a abrasá-la. Foi o que aconteceu a Jacó, que serviu o seu sogro por sete anos e depois mais sete. E tudo lhe parecia pouco dada a grandeza do seu amor¹⁰⁸. Então se o amor de Jacó, sendo de criatura, podia tanto, que não poderá o do Criador quando se apodera da alma neste terceiro grau de amor?

¹⁰⁷ Salmo 111, 1.

¹⁰⁸ Gênesis 29, 20.

Dado o grande amor que tem por Deus, a alma sente aqui imenso pesar e sofre pelo pouco que faz por ele. E, se lhe fosse permitido aniquilar-se mil vezes por Deus, ficaria consolada. Por isso, considera-se inútil em tudo quanto faz e acredita que vive em vão.

E aqui se produz outro efeito admirável. É que, sem dúvida, a alma considera-se má, mais que qualquer outra. Primeiro, porque o amor vai lhe ensinando o quanto Deus é digno de ser servido. E ainda porque reconhece que as muitas obras que faz por Deus são todas falhas e imperfeitas. Por conta disso, fica desassossegada e aflita vendo quão baixamente serve a tão nobre Senhor.

Neste terceiro degrau, a alma está muito longe de vanglória, presunção ou de condenar os outros. Esses proveitosos efeitos, somados a muitos outros, produzem nela este terceiro grau de amor. Assim ela adquire aqui ânimo e forças para subir ao quarto, que se segue.

O quarto degrau desta escada de amor é onde a alma sofre continuamente por causa do Amado, sem se fatigar. Pois, como diz Santo

Agostinho, o amor faz que todas as coisas grandes, difíceis e penosas pareçam ser quase nada e muito breves.

Neste degrau, a esposa dos Cantares falava ao Esposo desejando ver-se logo no último grau de amor: “Coloca-me como um sinal em teu coração, como um sinal em teu braço. Pois o amor é forte como a morte, e o ciúme, implacável como o inferno”¹⁰⁹. O espírito tem aqui tanta força e subjuga a carne tão completamente que lhe dá pouquíssima importância (tão pouca como a que a árvore dá a uma de suas folhas). Aqui a alma nunca busca o próprio consolo ou prazer, nem nas coisas de Deus, nem em qualquer outra parte. Também não lhe pede a graça de receber consolações ou ver atendidos os próprios interesses. Mas se empenha completamente em o agradar e servir de algum modo, ainda que a muito custo, em reconhecimento de que ele é digno de ser servido e por tudo que tem recebido dele. E diz em seu coração e espírito: “Ai, meu

¹⁰⁹ Cantares 8, 6. O “ciúme” remete ao amor exigente do Senhor, que é um “Deus ciumento”, como se diz em Êxodo 20, 5; Deuteronômio 6, 14-15; Tiago 4, 5; etc. (N.T.)

Deus e Senhor, quantos andam a buscar em ti consolos e gostos, esperando receber graças e dons. Mas como são poucos os que a ti desejam dar contentamento e oferecer-te algo à própria custa, adiando os seus interesses! Porque não te falta, meu Deus, vontade de conceder-nos graças. Nós é que não empregamos em teu serviço aquelas já recebidas para obrigar-te a nos conceder outras continuamente”.

Esse grau de amor é muito elevado, porque, como aqui a alma está sempre buscando a Deus com tão verdadeiro amor e desejo de padecer por ele, Sua Majestade dá-lhe muito frequentemente a alegria de visitá-la em espírito, de maneira rica e deleitosa. Porque o imenso amor do Verbo Cristo não pode ver as dores de sua amada sem acudi-la. É o que ele disse pela boca de Jeremias: “Lembrei-me de ti no tempo de tua juventude. E me comoveu aquele amor com que me seguias pelo deserto”¹¹⁰.

Falando espiritualmente, aqui a alma se desapega interiormente de toda criatura, sem se deter nem se ocupar de mais nada. Este quarto

¹¹⁰ Jeremias 2, 2.

grau de amor inflama a alma de tal maneira e acende nela tamanho desejo de Deus que a faz subir ao quinto, que vem em seguida.

O quinto degrau desta escada de amor faz a alma ansiar e procurar por Deus impacientemente. Aqui a amante se empenha tanto para conquistar e unir-se com o Amado que toda demora, por mínima que seja, parece-lhe muito longa, penosa e difícil. Está sempre pensando numa maneira de encontrar o Amado. E se o seu desejo não se realiza, coisa que acontece quase a cada passo, desfalece de tanta ansiedade, como ocorreu ao salmista neste grau de amor: “Minha alma suspira e desfalece pelos átrios do Senhor”¹¹¹. Neste degrau, a amante não pode deixar de alcançar o que ama. Caso contrário, morre como Raquel que, sentindo um grande desejo de ter filhos, disse ao seu esposo Jacó: “Dá-me filhos, senão morrerrei”¹¹².

A alma sacia aqui a sua fome de amor, porque tão grande como a fome é a fartura do amor que

¹¹¹ Salmo 83, 3.

¹¹² Gênesis 30, 1.

recebe. De maneira que já pode subir ao sexto degrau, onde se produzem os seguintes efeitos.

Capítulo 20

Apresenta os outros cinco graus de amor.

O sexto degrau faz a alma correr rapidamente para Deus. E assim sem desfalecer, ela corre impelida pela esperança, pois aqui o amor que a fortaleceu a faz voar ligeiro. Sobre este grau de amor também diz Isaías: “Os santos que esperam em Deus renovarão suas forças, ganharão asas como de águia, voarão e não desfalecerão”¹¹³. A este degrau refere-se também aquele salmo: “Assim como a corça deseja as águas dos córregos, minha alma deseja a ti, meu Deus”¹¹⁴, pois a corça sedenta corre com grande ligeireza para as águas. O motivo da ligeireza do amor da alma neste degrau é que nela a caridade já se encontra muito dilatada, visto que aqui ela está quase completamente purificada, como se diz

¹¹³ Isaías 40, 31.

¹¹⁴ Salmo 41, 2.

neste salmo: “Sem nenhuma culpa, corri”¹¹⁵. E neste outro: “Corri no caminho dos teus mandamentos quando dilataste meu coração”¹¹⁶. E assim, deste sexto degrau, a alma passa logo ao sétimo, que se segue.

O sétimo degrau desta escada faz a alma ousar impetuosamente. Levada por essa impetuosidade de maneira intensa e amorosa, ela não se deixa guiar pela prudência para esperar, nem pelo bom senso para se retirar. Nem mesmo a timidez é capaz de refreá-la, porque a graça que já aqui Deus dá à alma anima-a a ousar impetuosamente. Deste degrau Moisés falou a Deus pedindo que perdoasse o povo ou apagasse o seu nome do livro da vida¹¹⁷. Esses alcançam de Deus tudo que lhe pedem com alegria. Por isso Davi diz: “Põe tua alegria no Senhor, e ele realizará os desejos do teu coração”¹¹⁸. Neste grau de amor, a esposa ousou dizer: “Ah, beija-me com

¹¹⁵ Salmo 58, 5.

¹¹⁶ Salmo 118, 32.

¹¹⁷ Êxodo 32, 31-32.

¹¹⁸ Salmo 36, 4.

os beijos de tua boca!”¹¹⁹. Contudo é muito importante notar que não é lícito à alma atrever-se tanto aqui se não sente no íntimo que o Rei lhe dá a sua graça, inclinando favoravelmente o seu cetro para ela¹²⁰. Com esse cuidado, a alma se previne de cair dos degraus que já subiu, nos quais sempre há de se conduzir com humildade. A ousadia que Deus dá à alma neste sétimo degrau para atrever-se a buscá-lo com toda a força de seu amor leva-a ao oitavo, onde ela é cativada pelo Amado e une-se com ele.

O oitavo grau de amor faz a alma agarrar e não soltar mais o seu Amado, como diz a esposa: “Encontrei aquele que ama o meu coração e minha alma. Agarrei-o e não o soltarei”¹²¹. Neste grau de união, a alma satisfaz o seu desejo. Mas nem todas, pois algumas mal entram e logo saem. E assim passam pouquíssimo tempo aqui. Se

¹¹⁹ Cantares 1, 1.

¹²⁰ Ester 5, 2: “Logo que o rei viu a rainha Ester no átrio, esta conquistou suas boas graças, de sorte que ele estendeu o cetro de ouro que tinha na mão. E Ester se aproximou para tocá-lo”.

¹²¹ Cantares 3, 4.

pudessem ficar, seria uma glória nesta vida. Ao profeta Daniel, por ser homem muito amado, foi ordenado da parte de Deus que ficasse neste degrau: “Daniel, permanece no teu degrau, porque és muito amado”¹²². Depois deste degrau, segue-se o nono, que é dos perfeitos, como diremos.

O nono grau de amor faz a alma arder com suavidade. Este já é o degrau dos perfeitos, que ardem suavemente de amor por Deus. O Espírito Santo dá-lhes esse ardor suave e deleitoso devido à união que têm com Deus. Por isso São Gregório diz que os apóstolos arderam interiormente em suave amor quando o Espírito Santo desceu visivelmente sobre eles.

Não se podem descrever todos os bens e riquezas de Deus que a alma goza neste degrau. Por mais que se escrevessem livros a respeito, ainda restaria muito a dizer. Sendo assim e já que depois falaremos algo mais sobre isso, não acrescento nada mais aqui, senão que em seguida

¹²² Citação aproximada de Daniel 10, 11.

vem o décimo e último degrau da escada de amor, que já não é desta vida.

O décimo e último degrau da escada de amor faz a alma assimilar-se totalmente a Deus, por conta da clara visão de Deus que adquire imediatamente quando, tendo chegado ainda nesta vida ao nono degrau, alcança a graça de sair da carne. A esses (que são poucos) o Amor costuma deixar purgadíssimos nesta vida, tal como na outra vida o purgatório limpa aqueles que lá se encontram. Por isso, São Mateus diz: “Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus”¹²³. E, como dizemos, essa visão é o motivo da total semelhança da alma com Deus, pois, segundo São João, “Sabemos que seremos semelhantes a ele”¹²⁴ e o veremos como é. Portanto, tudo o que ela é será semelhante a Deus. Em consequência, será chamada, e o será de fato, Deus por participação.

Essa é a escada secreta de que a alma nos fala aqui. Se bem que, nesses degraus de cima, já não seja tão secreta, porque o Amor muito se mostra

¹²³ Mateus 5, 8.

¹²⁴ 1 João 3, 2.

pelos grandes efeitos que produz nela. Mas nesse último grau de clara visão – último degrau da escada que conduz ao trono de Deus, como dissemos – já não há nada encoberto para a alma, devido à sua total assimilação a Deus. É por isso que nosso Salvador diz: “Naquele dia, não me perguntareis mais nada”¹²⁵. Porém, até chegar tal dia, por mais que ela se eleve, fica-lhe algo encoberto, na medida do que lhe falta para a sua total assimilação à essência divina.

Assim, valendo-se dessa teologia mística e desse amor secreto, a alma vai *saindo* de todas as coisas e de si mesma para ir subindo até Deus. Pois o amor é semelhante ao fogo que sempre se lança para cima, ávido por engolfar-se no centro de sua esfera.

¹²⁵ João 16, 23.

Capítulo 21

Explica a palavra *disfarçada* e diz quais são as cores do disfarce usado pela alma nesta noite.

Depois de mostrar por que a alma chama essa contemplação de *secreta escada*, resta agora explicar ainda a terceira palavra do verso, *disfarçada*, e por que a alma diz que saiu por essa *secreta escada, disfarçada*.

Para entender isso, é preciso notar que quem se disfarça não faz outra coisa senão ocultar-se sob uma aparência diferente daquela com que em geral se apresenta. Faz isso para conquistar a pessoa amada, mostrando-lhe as intenções do seu coração. Ou para esconder-se de seu rival e assim poder cortejá-la sem impedimento. Veste então os trajes que melhor manifestem o desejo do seu coração e com os quais possa despistar seus opositores mais perfeitamente.

Tocada pelo amor de Cristo, seu Esposo, querendo cair em sua graça e ganhar sua boa vontade, a alma sai disfarçada com o traje que melhor represente as inclinações do seu espírito e mais seguramente a oculte dos seus adversários

e inimigos: o demônio, o mundo e a carne. Assim, a roupa que usa tem três cores principais: branca, verde e vermelha. Essas cores simbolizam as três virtudes teologais, que são a fé, a esperança e a caridade, com as quais ganhará a graça e a aprovação do seu Amado e ainda caminhará muito segura e protegida dos ataques dos seus três inimigos.

A fé é uma túnica interior extraordinariamente branca. A tal ponto que ofusca a visão incapacitando-a para compreender o que quer que seja. E assim, quando a alma caminha vestida de fé, o demônio não pode vê-la nem consegue prejudicá-la. Porque com fé ela vai muito mais protegida contra o demônio, seu inimigo mais forte e astuto. São Pedro não encontrou ajuda maior para livrar-se dele quando disse: “Resisti-lhe firmes na fé”¹²⁶. Para alcançar a graça da união com o Amado, a alma não pode vestir melhor túnica interior que a brancura da fé, que faz germinar e consolida as demais virtudes. Pois, como diz o apóstolo, sem fé é impossível

¹²⁶ 1 Pedro 5, 9.

agradar a Deus¹²⁷. E com verdadeira fé, a alma é justificada e agrada ao Senhor, já que ele mesmo diz pela boca de um profeta: “Eu te desposarei na fidelidade”¹²⁸, que equivale a dizer: “Se queres, oh, alma, unir-te a mim e casar-te comigo, hás de vir vestida interiormente de fé”.

A alma vestia a brancura da fé quando, saindo desta noite escura, caminhou, como dissemos, em meio a trevas e aflições interiores sem receber nenhuma luz do próprio entendimento, nem de cima (pois lhe parecia que o céu estava fechado e Deus escondido dela), nem de baixo (posto que as palavras de seus diretores espirituais não lhe bastavam). Sofreu com constância e perseverou, suportando essas aflições sem desfalecer ou faltar ao Amado.

O Senhor prova a fé de sua esposa com sofrimentos e tribulações para que depois ela possa repetir com veracidade aquele dito de Davi:

¹²⁷ Hebreus 11, 6.

¹²⁸ Oséias 2, 22.

“Por caminhos fatigantes, eu observei as palavras dos teus lábios”¹²⁹.

Sobre a túnica branca da fé, a alma logo veste uma segunda roupa de cor verde. Essa cor representa a virtude da esperança, com a qual a alma é socorrida e livra-se, antes de mais nada, do seu segundo inimigo, o mundo. Porque esse verdor de esperança vívida em Deus dá à alma tal entusiasmo, ânimo e valentia para as coisas da vida eterna, que, diante do que lá espera encontrar, tudo no mundo lhe parece árido, lasso, morto e sem valor algum, como realmente é. Aqui ela se desnuda e abandona todas as vestes que o mundo lhe oferece. E já não põe seu coração nem deposita suas esperanças em nada do que existe ou há de existir nesta vida. Mas vive revestida somente de esperança de vida eterna. Como o seu coração está muito acima das ilusões do mundo, este não pode aprisioná-lo com suas tentações nem sequer alcançá-lo com os olhos.

¹²⁹ Salmo 16, 4.

Disfarçada com essa libré¹³⁰ verde, a alma caminha muito bem protegida contra o seu segundo inimigo, o mundo. São Paulo diz que a esperança é o “capacete da salvação”¹³¹ que cobre e protege toda a cabeça, de modo que nada fica a descoberto, apenas o lugar da viseira por onde se pode olhar. Realmente a esperança recobre todos os sentidos da cabeça da alma¹³² para que não se metam em nada deste mundo nem lhes sobrevenha ocasião de se deixarem atingir por alguma tentação mundana. Só lhes deixa uma viseira para que os olhos possam mirar o céu, nada mais. Pois essa é a tarefa habitual da esperança: fazer a alma levantar os olhos para Deus, como diz Davi: “Meus olhos estão sempre em Deus”¹³³, sem esperar nada de bom de outra

¹³⁰ Libré: espécie de uniforme com que os reis, os grandes da corte e os cavaleiros vestiam seus guardas, escudeiros e criados de escalão inferior. (N.T.)

¹³¹ 1 Tessalonicenses 5, 8.

¹³² “Cabeça da alma”: parte superior da alma constituída pelo espírito, como se diz no *Livro Segundo*, cap. 13. (N.T.)

¹³³ Salmo 24, 15.

parte, como ele também diz neste outro salmo: “Assim como os olhos da serva estão postos nas mãos de sua senhora, assim os nossos estão em Deus Nosso Senhor até que se compadeça de nós que esperamos nele”¹³⁴.

Essa libré é verde porque a alma está sempre olhando para Deus e não põe os olhos em outra coisa nem procura outra recompensa senão apenas ele. Por sua vez, o Amado se agrada tanto da alma, que realmente ela recebe dele tudo quanto espera. Por isso, o Esposo diz no Livro dos Cantares que: “Com um só de seus olhares, [a esposa] lhe feriu o coração”¹³⁵. Sem essa libré verde de pura esperança em Deus, não convinha à alma tamanha ambição de amor, pois não alcançaria nada, já que é a esperança obstinada que a move e a faz vencer.

A alma caminha pela secreta e escura noite disfarçada com essa libré de esperança. Pois vai tão vazia de toda posse e apego que não volta os olhos nem a atenção para nada mais senão Deus, pondo sua boca no pó, se porventura houver

¹³⁴ Salmo 122, 2.

¹³⁵ Cantares 4, 9.

esperança, como diz Jeremias na passagem já citada¹³⁶.

Para arrematar com perfeição esse disfarce, a alma veste sobre o branco e o verde a terceira cor: um excelente manto vermelho, que representa a terceira virtude, a caridade. Além de realçar a beleza das outras duas cores, a caridade eleva tanto a alma que a aproxima de Deus, tão bela e agradável, que se atreve a dizer: “Sou morena, mas formosa, oh, filhas de Jerusalém! Por isso, o rei me amou e introduziu-me no seu leito”¹³⁷.

Com o manto da caridade, a vestimenta do amor, a alma se protege e se esconde do seu terceiro inimigo, que é a carne. Porque onde há verdadeiro amor de Deus, não entra amor próprio nem das coisas. Além disso, são confirmadas as demais virtudes, dando-se-lhes vigor e força para amparar a alma, além de graça e distinção para agradar ao Amado. Pois, sem caridade, nenhuma virtude é agradável diante de Deus. Essa é a púrpura de que se fala no Livro dos

¹³⁶ Lamentações 3, 29.

¹³⁷ Cantares 1, 5.

Cantares, sobre a qual Deus se recosta¹³⁸. Como foi dito acima na primeira canção, a alma está usando esse manto vermelho quando *sai*, em meio à noite escura, de si mesma e de todas as coisas criadas *com ânsias, em amores inflamada* e sobe por esta *secreta escada* de contemplação até a perfeita união de amor com Deus, sua almejada salvação.

Esse é o disfarce que a alma diz usar na noite da fé enquanto sobe pela *escada secreta*. E essas são as suas três cores, um arranjo muito apropriado para fazer a alma unir-se com Deus, de acordo com as suas três faculdades (memória, entendimento e vontade)¹³⁹. Porque a fé obscurece o entendimento, despoja-o de toda a sua capacidade natural de compreender e desse modo predispõe a alma para unir-se com a sabedoria divina. Já a esperança tira e afasta da memória todas as coisas criadas, pois, como diz São Paulo, a esperança concerne àquilo que não

¹³⁸ Cantares 3, 10.

¹³⁹ Santo Agostinho, *De Trinitate*, Livros 10 e 11. (N.T.)

se possui¹⁴⁰. E assim aparta da memória tudo o que se pode possuir nesta vida e redireciona-a para o que espera alcançar no céu. Por isso, a esperança em Deus purifica a memória criando nela um vazio que a predispõe para unir-se tão somente com a Caridade. Faz isso esvaziando-a de todas as inclinações e apetites da vontade que não se referem a Deus. E reorienta essas inclinações e apetites unicamente para ele. Desse modo, tal virtude prepara essa faculdade da alma para que ela venha a unir-se com Deus por amor.

Já que o ofício dessas virtudes é separar a alma de tudo que é menos que Deus, o que fazem, por conseguinte, é uni-la com ele. Então, se a alma não caminha verdadeiramente revestida dessas três virtudes, será impossível chegar à perfeição de amor com Deus. Donde se conclui que as vestes com que ela se disfarçou foram absolutamente necessárias e apropriadas para realizar o intento de se unir amorosa e deleitosamente com o seu Amado. Também foi grande felicidade ter atinado em usar esse disfarce e perseverar com ele até conseguir

¹⁴⁰ Romanos 8, 24.

realizar o seu tão desejado propósito da união de amor. Por isso, logo diz o verso seguinte.

Capítulo 22

Explica o terceiro verso da segunda canção.

Oh, ditosa ventura!

Sem dúvida, foi ditosa ventura para a alma dedicar-se a tal objetivo. Pois assim ela se livrou do demônio, do mundo e da própria sensualidade. E, uma vez alcançada a liberdade de espírito, preciosa e desejada por todos, *saiu* das coisas mesquinhas para as sublimes. De terrena, fez-se celestial. E, de humana, fez-se divina, vindo a ter sua conversação nos céus¹⁴¹, como acontece neste estado de perfeição. Em seguida, falaremos mais sobre isso, embora brevemente.

Aquilo que era mais importante e motivo principal por que eu me propus escrever este livro já está razoavelmente dito e explicado (apresentar esta noite a tantas almas que passam

¹⁴¹ Filipenses 3, 20.

por ela, mas não a compreendem, como se diz no prólogo). Reconheço, no entanto, que disse muito menos do que há para dizer. De todo modo, quis mostrar quantos benefícios a alma recebe e que feliz sorte tem aquela que passa pela noite escura, para que não se espantem com o horror de tamanhas aflições, mas se animem devido à firme esperança de alcançar tantas e tão avantajadas graças de Deus, tais como as que se obtêm neste caminho. Além de tudo isso, a passagem por esta noite escura é ainda *ditosa ventura* para a alma pelo motivo que ela declara no verso seguinte.

Capítulo 23

Explica o quarto verso. Descreve o admirável esconderijo em que a alma é colocada nesta noite. E como o demônio não pode entrar nele, embora consiga penetrar em outros muito elevados.

Às escuras e velada.

A palavra *velada* significa aqui *escondida* ou *encoberta*. Então, quando a alma diz que saiu *às escuras e velada*, quer mostrar mais precisamente a grande segurança com que trilha

o caminho da união de amor de Deus na contemplação escura de que falou no primeiro verso desta canção.

Portanto, ao dizer que ia *às escuras e velada*, a alma quis mostrar que, como caminhava às escuras, da maneira descrita, estava encoberta e escondida do demônio, de suas astúcias e enganos. O motivo pelo qual a alma atravessa a escuridão desta contemplação livre e escondida das ciladas do demônio é que a contemplação infusa que aqui experimenta derrama-se sobre ela passiva e secretamente, sem ajuda dos sentidos e faculdades interiores e exteriores da parte sensitiva¹⁴². Daqui se deduz que ela vai escondida e livre não só do impedimento que lhe poderiam opor essas faculdades (devido à sua fraqueza natural), mas também do demônio, o qual só pode alcançar e compreender o que há na alma e o que se passa dentro dela por meio das faculdades da parte sensitiva. Donde se conclui que, quanto mais espiritual, interior e distante

¹⁴² Sobre as faculdades interiores e exteriores da parte sensitiva, ver nota de rodapé no *Livro Primeiro*, cap. 4. (N.T.)

dos sentidos é a sua comunicação com Deus, tanto menos o demônio pode entendê-la.

Sendo assim, é muito importante para a segurança da alma que os sentidos da parte inferior fiquem às escuras e privados do trato interior com Deus, de modo que não o alcancem. Primeiro, para que o contato espiritual com Deus seja mais proveitoso e a fraqueza da parte sensitiva não estorve a liberdade do espírito. Depois, para que ela vá mais segura, já que o demônio não pode avançar tão adentro. Com isso em mente, podemos entender o sentido espiritual destas palavras de nosso Salvador: “Não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita”¹⁴³, que é como se ele dissesse: “O que se passa na parte direita, isto é, superior e espiritual da alma, não o saiba a esquerda, ou seja, aconteça de modo que não o perceba a porção inferior da tua alma – que é a parte sensitiva – e seja um segredo entre o teu espírito e Deus”.

Apesar de não saber em que consistem ou como se passam na alma essas comunicações espirituais altamente interiores e secretas, ainda

¹⁴³ Mateus 6, 3.

assim, observando a grande pausa e o imenso silêncio que muitas vezes produzem nos sentidos e faculdades da parte sensitiva, o demônio é capaz de perceber que elas estão presentes e que a alma recebe uma grande graça. Então, vendo que não consegue arrancá-las do fundo da alma, faz tudo o que pode para alvoroçar e perturbar a parte sensitiva (que é a que está ao seu alcance), ora com dores, ora com terrores e medos. Com isso, pretende inquietar e perturbar a parte superior e espiritual da alma para fazê-la perder a graça que recebe e goza.

Muitas vezes, porém, quando a contemplação se arroja por inteiro e se impõe com força sobre o espírito, o demônio não consegue inquietar a alma. Ao contrário, ela recebe benefício até então desconhecido, além de amor e mais segura paz. Porque, ao pressentir a perturbadora presença do inimigo – coisa admirável! – sem saber como, a alma penetra mais fundo em si mesma. E ali sente que está decerto em um refúgio seguro, ainda mais longe e escondida do inimigo. Assim vê crescer a paz e o gozo que o demônio queria lhe tirar. Sente então claramente que todo aquele temor

desaparece. E alegra-se desfrutando do Esposo em perfeita segurança, tão às escondidas que nem o mundo, nem o demônio podem lhe dar ou tirar aquela serena paz que experimenta. Ali a alma constata como são verdadeiras as palavras da esposa no Livro dos Cantares: “Sessenta valentes guerreiros cercam o leito de Salomão, temendo os assaltos noturnos”¹⁴⁴. E sente-se revigorada e em paz, ainda que muitas vezes seja exteriormente atormentada em sua carne e ossos.

Outras vezes, quando os sentidos tomam parte na comunicação espiritual, o demônio consegue mais facilmente perturbar o espírito. Porque nesse caso ele se serve dos sentidos para atemorizar e alvoroçar o espírito, causando grande tormento e aflição, às vezes indescritível. Pois, como esse ataque vai diretamente de um espírito a outro, é insuportável o horror que o mau espírito inflige ao bom, ou seja, que o demônio inflige à alma, quando consegue alvoroçá-la. A esposa dos Cantares também dá a entender que isso lhe aconteceu quando quis descer em recolhimento interior para gozar

¹⁴⁴ Cantares 3, 7-8.

dessas graças: “Desci ao jardim das nogueiras para ver as macieiras dos vales e se a videira tinha florescido. Não vi, pois minha alma conturbou-se ante o estrondo dos carros de Aminadib”¹⁴⁵, que é o demônio.

Ainda, outras vezes, o demônio ataca a alma quando Deus lhe dá graças por meio do anjo bom. Algumas vezes, Deus permite então que o adversário as veja e compreenda. Quando isso acontece, geralmente é para que ele faça o que puder para impedir a alma de recebê-las, segundo a medida da justiça, de modo que depois não possa reclamar os seus direitos, alegando que não lhe dão chance de conquistá-la, como fez no caso de Jó¹⁴⁶. Assim é necessário que Deus conceda aos dois guerreiros (o anjo bom e o mal) certa igualdade de condições de acesso à alma para que a vitória de qualquer um seja mais legítima e a alma vitoriosa e fiel na tentação seja mais premiada.

É por isso que, enquanto vai conduzindo a alma, às vezes, Deus dá licença ao demônio para

¹⁴⁵ Cantares 6, 11.

¹⁴⁶ Jó 1, 9-11, e 2, 4-8.

que a inquiete e tente. Como, por exemplo, quando ela tem visões verdadeiras por meio do anjo bom e, ao mesmo tempo, Deus permite que o anjo mau lhe apresente outras visões falsas do mesmo tipo, de modo que, julgando pelas aparências, a alma incauta pode ser enganada facilmente, como de fato muitas são. Essa verdade é relatada no Livro do Êxodo, onde se diz que todos os sinais verdadeiros que Moisés fazia, também os faziam com fraude os magos do Faraó. Se Moisés fazia surgir rãs, eles o faziam igualmente; se transformava água em sangue, eles também¹⁴⁷. O anjo mau imita não só essas visões de coisas materiais, mas ainda as comunicações espirituais dadas por meio do anjo bom, quando consegue vê-las. Pois, como disse Jó, “Ele espreita tudo o que é sublime”¹⁴⁸. Imita tais graças e se intromete como pode entre Deus e a alma. Mas, como essas mercês não têm forma nem conteúdo perceptível pelos sentidos (pois é próprio das coisas espirituais não as ter), não é capaz de imitar e falsificá-las, como faz com

¹⁴⁷ Êxodo 7, 11-12 e 22; 8, 3.

¹⁴⁸ Jó 41, 26.

outras que se apresentam sob alguma forma tangível. E, assim, para atacar a alma do mesmo modo que ela é visitada pelo anjo bom que lhe comunica aquela contemplação espiritual, o anjo mau apresenta-lhe do jeito que pode o seu espírito de temor, infligindo nela pavor e perturbação espiritual, às vezes muito penosos.

Algumas vezes, porém, a alma consegue entrar rapidamente em estado de contemplação, sem dar tempo ao espírito mau de lhe incutir aquela sensação de horror. Então ela se recolhe em si mesma, ajudada pela eficaz graça espiritual que o anjo bom lhe dá.

Outras vezes, Deus permite que essa pavorosa inquietação perdure por algum tempo. E isso é para ela o maior tormento desta vida. Depois, quando acaba, fica-lhe a memória do ocorrido que por si só já é motivo de grande aflição.

Tudo isso que falamos acontece na alma sem que ela participe da criação de tais imagens e sensações. Tampouco é capaz de dissipá-las. Porém é preciso entender que Deus permite ao demônio oprimir a alma com este horror

espiritual a fim de purificá-la com esta vigília espiritual, em preparação para algum grande contentamento e graça espiritual que pretende lhe oferecer. Pois Ele nunca mortifica senão para dar vida nem humilha senão para exaltar. Realmente, daí a pouco, a alma goza de uma prazerosa contemplação espiritual, tão intensa como foi a tenebrosa purgação de que padeceu. E, às vezes, tão elevada que não há palavras para descrevê-la.

Isso ocorre quando Deus visita a alma por meio do anjo bom, pois, como disse, nesse caso ela não está inteiramente segura, já que não caminha tão *às escuras e velada*. Desse modo, o inimigo pode ver algo do que se passa. Porém, quando é o próprio Deus que a visita, então acontece exatamente como no verso do poema, pois aí ela recebe as graças espirituais de Deus totalmente *às escuras e velada* do inimigo. O motivo é que Sua Majestade, o Senhor supremo, habita no mais íntimo da alma, onde nem o anjo bom, nem o demônio podem chegar a entender o que há. Nem podem apreender as íntimas e secretas comunicações que ali acontecem entre ela e Deus. Uma vez que o Senhor em pessoa as

concede, essas graças são totalmente divinas e majestosas. E únicas, posto que são toques substanciais de divina união entre a alma e Deus. Com apenas um desses toques, a alma recebe mais graças do que tinha recebido até aqui, pois esse é o mais alto grau de oração que existe.

Tais são os toques que a esposa Lhe pediu no Livro dos Cantares, dizendo “Beija-me com os beijos de tua boca”¹⁴⁹. Essa graça se dá na mais íntima união com Deus, num lugar onde, com tantas ânsias, a alma ambiciona chegar. Deseja e ambiciona esse toque divino, mais do que todas as outras graças que Deus lhe faz. Por isso, depois de receber muitos outros favores, como os que foram narrados nos Cantares, não se sentiu satisfeita e pediu esses toques divinos: “Quem me dera que tu fosses meu irmão! Então, saindo de casa sozinha, quando te encontrasse sendo amamentado nos seios de minha mãe, poderia beijar-te com a boca de minha alma sem que ninguém se atrevesse a me censurar”¹⁵⁰. Desse modo, expressou o desejo de que Deus se

¹⁴⁹ Cantares 1, 1.

¹⁵⁰ Cantares 8, 1.

comunicasse diretamente com ela, fora de casa¹⁵¹, ou seja, quando estivesse escondida¹⁵² de todas as criaturas¹⁵³. Foi o que ela quis dizer afirmando que saiu “sozinha” para encontrar o seu amado “fora de casa, sendo amamentado nos seios de sua mãe”. Quando isso realmente

¹⁵¹ Fora da “casa da sensualidade”, como foi dito no *Livro Primeiro*, cap. 14 e 16, isto é, sem a intermediação dos sentidos. (N.T.)

¹⁵² No original, *à excusa de todas las criaturas*. A frase parece ter duplo sentido, já que pode significar “perdoada por todas as criaturas”, mas também “escondida de todas as criaturas” (conforme *Diccionario de la Lengua Castellana*, Real Academia Espanhola, 1726, p. 674-676, Vol. 3). A primeira acepção quadraria com a letra do texto bíblico; a segunda, com a interpretação espiritual de São João da Cruz. (N.T.)

¹⁵³ As “criaturas” são os “empregados domésticos” que moram na “casa da sensualidade”, isto é, são as paixões e os apetites que habitam a “parte inferior da alma”, a qual é a porção sensitiva e desordenada da natureza humana, como se explica no *Livro Primeiro*, cap. 4, e no *Livro Segundo*, cap. 23. Portanto “encontrar o amado escondida de todas as criaturas” foi necessário para evitar que as paixões e desejos da alma a impedissem de se unir com Deus. (N.T.)

acontece, a alma goza essas graças com íntimo deleite e paz. Pois já terá adquirido tamanha liberdade de espírito que nem a parte sensitiva conseguirá mais impedi-la, nem o demônio poderá usá-la¹⁵⁴ para atacar a alma. Consequentemente, o demônio não se atreveria a tentar impedir algo que está fora de seu alcance, já que não pode sentir nem compreender esses divinos toques dados na essência da alma pela amorosa essência de Deus.

Ninguém chega a receber tamanha graça se não passa antes pela mais íntima purgação, despojamento e recolhimento espiritual quanto a tudo o que é criado. E isso se dá *às escuras*, de maneira que, assim escondida, a alma vai se confirmando na união com Deus por amor. Em razão disso, ela canta: *Às escuras e velada*.

Quando acontece de essas graças serem feitas à alma de maneira velada, isto é, só em espírito, às vezes, sem saber como, ela costuma sentir que a sua parte superior está tão longe da inferior que reconhece haver em si duas partes muito distintas uma da outra, como se não

¹⁵⁴ A parte sensitiva. (N.T.)

tivessem nenhum vínculo mútuo e se encontrassem muito distantes e separadas entre si. E, na verdade, de certo modo, estão mesmo. Pois a intervenção que aí se realiza, por ser toda espiritual, não se comunica à parte sensitiva. Desse modo, a alma vai se fazendo toda espiritual nesse esconderijo de contemplação unitiva. Ali Deus termina de mortificar em alto grau as paixões e apetites espirituais da alma. E assim, referindo-se à sua parte superior, ela diz em seguida o último verso.

Capítulo 24

Finaliza o comentário da segunda canção.

Estando já minha casa sossegada.

Issso equivale a dizer: estando já *sossegados* os apetites e faculdades das porções superior e inferior de minha alma, *saí* para a divina união de amor de Deus.

Visto que os sentidos, faculdades e paixões da alma são atacados e purgados¹⁵⁵ em dois níveis (no sensitivo e no espiritual), por meio da guerra da noite escura, como foi dito, também nesses dois níveis todas as faculdades e apetites da alma obtêm paz e sossego. Por esse motivo, como também está dito, ela enuncia duas vezes esse verso, na presente canção e na anterior, referindo-se aqui à parte espiritual e lá à sensitiva. Para que essas duas porções da alma sejam capazes de *sair* ao encontro dessa divina união de amor, antes é necessário que sejam reformadas, reordenadas e pacificadas no nível sensitivo e espiritual, voltando àquele estado de inocência original que havia em Adão (embora a alma não fique inteiramente livre das tentações da parte inferior). E assim esse verso, que na primeira canção alude ao sossego da parte inferior e sensitiva, nesta segunda canção refere-se especialmente ao sossego da parte superior e espiritual. É por isso que o mesmo verso aparece duas vezes.

¹⁵⁵ “Atacados” pelo diabo e “purgados” por Deus. (N.T.)

A alma consegue esse habitual e perfeito sossego e quietude em sua casa espiritual (na medida do possível na vida presente) por meio daqueles toques substanciais de divina união que acabamos de descrever. Ela foi recebendo esses toques da divindade de maneira *velada* e *às escondidas* das perturbações produzidas pelo demônio, pelos sentidos e pelas paixões. E assim foi se purificando, *sossegando*, fortalecendo e fazendo-se estável para receber aquela união, que é o matrimônio divino entre a alma e o Filho de Deus.

Logo que essas duas casas da alma terminam de sossegar e se fortalecer unidas com todos os seus domésticos (suas faculdades e apetites), pondo-os para dormir em silêncio quanto a todas as coisas do céu e da terra, imediatamente a divina sabedoria se une à alma em novo enlace amoroso. E dessa forma cumpre-se o que diz a Sabedoria: “Quando um silêncio profundo envolveu todas as coisas, enquanto a noite avançava ligeira, a palavra do Deus onipotente ressoou do trono real”¹⁵⁶. A esposa dos Cantares

¹⁵⁶ Sabedoria 18, 14-15.

relata a mesma experiência, dizendo que, depois de passar pelos guardas que a feriram e lhe despiram o manto da noite, encontrou Aquele que sua alma desejava¹⁵⁷.

Não se pode vir a esta união sem grande pureza, e essa pureza não se alcança sem grande desprendimento de todas as coisas criadas e sem intensa mortificação. Tal verdade é representada pela esposa despojada de seu manto e ferida de noite enquanto buscava ansiosamente o Esposo. Pois ela não poderia vestir o novo manto nupcial como pretendia sem antes se desnudar do velho. Portanto, quem não sair nesta noite em busca do Amado e não se deixar despir de suas vontades nem se mortificar, mas quiser buscá-lo comodamente em seu leito, como fazia a esposa no princípio, não conseguirá encontrá-lo, como ela fez depois, saindo às escuras e com ânsias de amor.

¹⁵⁷ Cantares 5, 7 e 3, 4.

Capítulo 25

Explica brevemente a terceira canção.

*Na noite abençoada,
Saí em segredo, pois ninguém me via,
Nem eu mirava nada,
Sem outra luz nem guia
Senão a que no coração ardia.*

Continuando ainda com a metáfora da noite temporal, isto é, demonstrando suas semelhanças com a noite espiritual, a alma vai cantando e exaltando os benefícios desta noite. Pois foi através dela que encontrou e trilhou o caminho por onde alcançou seu desejado fim, de maneira rápida e segura. Dentre os benefícios desta noite, menciona aqui três.

O primeiro é o seguinte: nesta ditosa noite de contemplação, Deus conduz a alma por tão solitário e secreto caminho de contemplação, tão distante e alheio aos sentidos, que nada que se refere aos sentidos ou às criaturas pode contentar a alma, estorvando ou detendo-a no caminho da união de amor.

O segundo benefício é fruto das trevas espirituais desta noite, pois todas as faculdades da parte superior da alma estão às escuras. Como ela não atenta nem pode atentar para nada, não se detém em nada fora de Deus enquanto caminha até ele. E segue livre dos obstáculos das ideias, das aparências e do saber humano, que costumam estorvar e impedi-la de permanecer unida com Deus.

O terceiro é que a alma não vai apegada a nenhuma luz interior do próprio entendimento nem a nenhum guia exterior, dos quais poderia receber contentamentos neste alto caminho. Pois essas trevas escuras privaram-na de tudo isso. Nesse tempo, o amor e a fé ardem no coração suplicando pelo Amado. E movem, e guiam a alma, e a fazem voar até o seu Deus pelo caminho da solidão, sem que ela saiba como nem com quais meios.¹⁵⁸

F I M

¹⁵⁸ São João interrompe aqui o comentário do poema. (N.T.)